

NARRATIVA
DE UMA VIAGEM
AO BRASIL

BRASILIANA

Volume 343

*

Direção de

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

NARRATIVA DE UMA VIAGEM AO BRASIL

que terminou com
o apresamento de um navio britânico
e
a prisão do autor e da
tripulação do navio pelos portugueses

acompanhada
de diversas apreciações de caráter geral sôbre o país,
seus produtos naturais, seus habitantes

e
uma descrição da cidade e das províncias
de

S. SALVADOR e PÔRTO SEGURO

acrescidas de
uma tábuá correta das latitudes e longitudes dos portos
da costa do Brasil, uma tabela de câmbio, etc.

por

THOMAS LINDLEY

(Londres, 1805)

1881
BIBLIOTECA
4.319

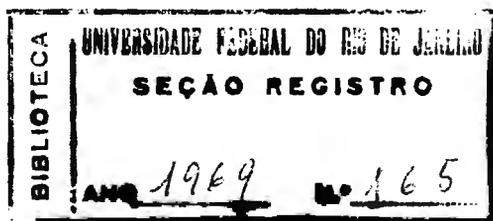
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Do original inglês:
Narrative of a Voyage to Brazil

Tradução de
THOMAZ NEWLANDS NETO

Prefácio de
WANDERLEY PINHO

Notas e Revisão de
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE



Direitos reservados
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo 2, SP

1969
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> (WANDERLEY PINHO)	7
<i>Dedicatória do Autor</i>	15
<i>Prefácio do Autor</i>	17
Intrôdução	23
Narrativa de uma viagem ao Brasil (Diário) ...	35
Descrição da Província de Pôrto Seguro	148
Descrição da Província de São Salvador	157
Apêndice	183

PREFÁCIO

O livro de Thomas Lindley é reputado, com razão e sem favor, um apreciável depoimento de estrangeiro sôbre o Brasil colonial.

Ao reparar a grande cópia de comentários depreciativos que não escasseiam em suas páginas, e que atribui às expansões do mau humor de um contrabandista perseguido pelas autoridades, nota Afonso d'E. Taunay que nem por isso o inglês escrevera uma diatribe contra o Brasil, contendo a *Narrativa*, de agradável leitura, muita coisa interessante(*). De Capistrano de Abreu e Eduardo Prado ouvira sôbre ela "palavras de real aprêço".

Arrola Varnhagen o trabalho de Lindley entre os "pascios pelo país ou viagens parciais de muitos estrangeiros e escritos de outros publicados na Europa" (*História geral*, ed. Capistrano-Garcia, vol. v, São Paulo, 1936, p. 274) mas não lhe dá especial destaque como aliás procede quanto a Koster, Waterton, Swainson, Caldcleugh, Leithold, Grant.

Rodolfo Garcia anotando Varnhagen também se abstém de qualquer comentário ou crítica assinalando tão-só ter sido o autor da *Narrativa* "o primeiro inglês, no século xix, que deixou depoimento escrito de sua estada no Brasil".

Entre estrangeiros o livro não tardou em ser estimado.

Impresso em 1805, um ano depois saía do prelo uma tradução francesa (por François Soules, Paris, 1806) e outra alemã (Weimar, 1806), não demorando o aparecimento da segunda edição inglesa (Londres, 1808).

(*) AFONSO D'E. TAUNAY: *Na Bahia de D. João VI*, Bahia, 1928, pp. 3-85.

O príncipe Maximiliano de Neuwied a êle se refere por duas vêzes na *Viagem ao Brasil*, mencionando “o contrabandista Lindley” como tendo, do mesmo modo que o seu compatriota Andrew Grant, descrito com sufficiente exatidão as cidades de Bahia e do Rio de Janeiro. Contesta-lhe apenas uma informação: a de serem feitas de tripas ou nervos de animais as cordas dos arcos usados pelos tapuias (*Voyage au Brésil*, Paris, Arthur Bertrand, 1821, vol. II, p. 54).

Não deixa, porém o príncipe de assinalar que, tanto na Bahia como no Rio de Janeiro, onde os progressos da civilização se revelavam consideravelmente ano a ano já não havia (1815-1817 foi a estada de Maximiliano no Brasil) tantos abusos, costumes ridículos, hábitos antiquados e discordantes do espírito da época como os observados por Lindley e Grant. No trajar por exemplo não existia mais qualquer diferença entre brasileiros e europeus, reinando por tôda a parte o luxo e a elegância (*op. cit.*, vol. III, p. 246).

Hippolyte Taunay e Ferdinand Denis em *Le Brésil ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume* (Paris, 1822), aludem aos cálculos de Lindley sôbre a população da Bahia.

De entre todos os que no início do século passado demonstraram aprêço pelo livro de Lindley nenhum deu disso maior e mais esquisito testemunho do que Andrew Grant, ali citado como autor de uma *Description of Brasil*, que não conhecemos, também referida pelo príncipe Maximiliano de Neuwied (*op. cit.*, vol. III, p. 247).

Posteriormente ao aparecimento da *Narrativa*, publicou Grant a *History of Brasil* através de cujas páginas pilhou e plagiou à vontade ao seu compatriota Lindley.

É interessante cotejar os dois trabalhos — de Lindley e de Grant. Se algumas vêzes Grant tem a generosidade de usar aspas, em páginas e páginas escandalosamente copia, transpõe e altera, dando como seu o alheio.

Aos curiosos dêsse gênero de delitos literários podemos indicar algumas passagens dos dois livros, copiado um pelo outro. Assinalando as páginas da *Narrativa* de Lindley com a letra N e as da *History* com a letra H, podemos catalogar

as decalcadas por Grant e as que, no livro dêste, evidenciam o furto: N, 219, H, 181; N, 220/221, H, 180/181; N, 221, H, 184; N, 222/223, H, 182; N, 225/226, H, 187; N, 227/228, H, 189; N, 228/229/230, H, 190/191; N, 238/240, H, 205; N, 244/245/246, H, 208/209/210; N, 240/241/242/243, H, 210/211/212/213; N, 246, H, 209; N, 247/248/249/250, H, 217/218/219/220; N, 251, H, 223; N, 253/254, H, 226/227/228; N, 270/271/272/273, H, 233/234/235; N, 275, H, 231/238; N, 276, H, 232.

Tudo está a demonstrar que o livro tinha méritos capazes de provocar aquelas referências e estimular tais cópias.

Efetivamente, dado o desconto do estado de espírito do autor, é a *Narrativa* em seu aspecto geral honesto e muito informativo documento.

Aventureiro fracassado numa tentativa de contrabando, que esperara fartamente lucrativo; prêso e perseguido pelas autoridades não eram as circunstâncias em que se encontrava Lindley mais propícias a comunicar benévolas impressões de um país que ao invés da riqueza só lhe dera sofrimento.

Há pois que desbotar de certos quadros de Pôrto Seguro e da Bahia a sombria tonalidade, emprestada pela paleta pessimista ao pincel de um despeitado; e reconhecer em abundantes observações e curiosas notícias do cronista viajante algum espírito de exatidão e certa imparcialidade.

Contrasta, aliás, com aquê colorido hostil e reator de queixoso o ar de inocência e ingenuidade com que se beatifica Lindley ao apresentar-se como quem agira sem má fé nem desrespeito a decretos e proibições. Mesmo quando, diante da simplicidade acusadora dos fatos vê-se êle obrigado a quase confessar haver-se metido em negócios escusos com certas autoridades públicas ou parentes destas, arroga-se infantil ignorância e imputa a seus cúmplices a culpa inteira de lhe convidarem a emprêsas que não sabia vedadas pela lei.

Está visto que não havia de ter a arrojada pretensão de convencer aos seus leitores; visava apenas a captar-lhes, e não baldadamente, alguma simpatia para a vítima de aniquilantes desastres.

Não temos maiores notícias de Thomas Lindley além das que êle mesmo nos fornece em seu livro. O tão minudente

e profundo pesquisador Afonso d'E. Taunay quando fêz da *Narrativa* um resumo que publicou *Na Bahia de D. João VI* (Bahia, 1928) pôde apenas informar-nos: “aproveitando-se em 1795 das dificuldades da Holanda então às voltas com os exércitos da Revolução Francesa passou a Inglaterra o gadanho a Ceilão e à Colônia do Cabo(...). Para a Cidade do Cabo afluíram muitos comerciantes britânicos com enorme cópia de mercadorias. Em 1801 correram os boatos de próxima paz entre a Inglaterra e a França e da devolução da Colônia aos legítimos donos, o que sobremodo alarmou vários destes negociantes. Anteviam a entrega dos bens aos holandeses mediante uma indenização(...). Assim assustados resolveram enviar os seus *stocks* a outros escoadouros, despachando navios para o Rio de Prata, Mauritius, etc. Estava entre estes comerciantes Thomas Lindley, môço de 30 anos, casado, homem de boas letras e suas tinturas de ciências e medicina”.

Nada mais que isto compendia Taunay. E nem isso nem nada, instruem acêrca de Lindley as biobibliografias e as enciclopédias inglêsas que pudemos consultar.

Veio o autor da *Narrativa* dar com o seu brigue no pôrto da Bahia, necessitando a embarcação de reparos, e não tinha para pagar o custo destes senão mercadorias que, entretanto, se via proibido de desembarcar. Deparou-se assim diante de uma contingência moral e legalmente irremediável. Todavia, sem dizer como, ao fim de um mês de estada no pôrto da Bahia, conseguia afastar tôdas as dificuldades e singrar, com o navio consertado e pronto. Bem vemos de que habilidade devia ter-se socorrido.

Foi demandar Pôrto Seguro onde, estimulado com os sucessos iniciais na burla a leis e inibições, não demorou de entabolar com os filhos do ouvidor da Comarca um negócio, que era duplo contrabando: — de importação de mercadorias estrangeiras, e de exportação de pau-brasil; e mais um adendo de interêsses em compras de ouro e diamantes.

Houve denúncia. O governador Francisco da Cunha Menezes tomou prontas e enérgicas providências. A Pôrto Seguro foi enviado o desembargador Cláudio José Pereira da Costa que chegando de surpresa ao Pôrto Seguro pôs o inglês sob custódia.

Desde que começou sua pequena odisséia foi Lindley registrando num diário o que sofria e observava.

Nem sempre é veraz, as mais das vêzes, porém, não renega a exatidão, ainda que sempre faça amargamente passar imagens e fatos pelo prisma de suas mágoas e prevenções.

Às informações de ordem geográfica, às indicações relativas à navegação da costa brasileira, à descrição de costumes, ao panorama de Pôrto Seguro e da Cidade do Salvador, aos dados econòmicos, a tudo o que contém o livro de Lindley não falta sabor histórico de mistura com o que há de sedutor num minucioso diário da era de 1802-1803.

Não pretendemos neste prefácio senão aconselhar ao leitor a que folheie todo o livro. O que poderíamos aqui salientar, criticar ou corrigir deixamos para as notas que completam, explicam ou contestam. Não desejamos, entretanto, deixar de chamar-lhe a atenção para um fato e uma observação.

O fato é a importância, valor e préstimo da maçonaria naquela era colonial na Bahia.

Tolerada, sentida sem escândalo, tanto que nada resultou ao inglês o terem-lhe apreendido entre os papéis um título ou certificado maçônico, foi aos irmãos pedreiros-livres que Lindley deveu poder levar a cabo ousada e perigosa fuga.

Spix e Martius observariam como a maçonaria, escapando ao “caráter social e caridoso de suas congêneres da Europa” no princípio do século XIX, exercia na Bahia a função de propagadora de idéias políticas “liberais” nativistas e emancipadoras (*Através da Bahia*, Bahia, 1916, pp. 117/118); e foi certamente em lojas maçônicas que melhor Lindley auscultou as palpitações da independência brasileira, ainda em gestação mas já vivazes em expansões de opinião, na rivalidade entre reinóis e nativos, no orgulho agressivo dêstes.

Com alguma agudeza registrou Lindley que a hostilidade ao estrangeiro, especialmente ao inglês, na sua indústria e comércio com o Brasil, e um tal ou qual ódio nacionalista e xenóforo eram sentimentos que se estavam desenvolvendo e transformando em inimizade do colono contra o metrópole, do brasileiro contra o português.

Não deduzia apenas, mas antevia com supracaxatidão a conseqüência fatal dos fatos que presenciava esta passagem da *Narrativa*: “talvez pouco tempo decorra até que êstes sentimentos adquiram fôrça universal capaz de desmanchar os laços que prendem os colonos brasileiros a Portugal, provocando uma mudança política nesta vasta extensão do hemisfério ocidental”.

Tão acertado adivinhar das gloriosas jornadas da guerra da Independência, da campanha baiana que culminaria a 2 de julho de 1823, depois de mais de um ano de lutas, combates e sacrifícios Lindley inferia do que estava vendo e observando.

“As novas gerações da sociedade, têm embebidas tais noções [de independência] com tanta convicção que não duvido da possibilidade de uma transformação política radical. Já ridicularizam sua sujeição e parecem conscientes de possuir o mais desejável país do mundo, suficiente por si de suprir as necessidades do homem”.

Inspiradoras da inconfidência baiana de 1798, tão pouco apreciada em seu justo valor pelos nossos historiadores e, sob muitos aspectos — até pelo número de mártires (quatro enforcados e esquartejados) — mais importante que a mineira — aquelas idéias foram os móveis psicológicos da luta emancipadora, da guerra da independência.

Adiada pela presença e ação de D. João VI no Brasil, demoraria vinte anos a deflagrar os explosivos, que Lindley viu já estavam sendo acumulados, podendo assim observar uma etapa da evolução do fenômeno político-militar-social, marcado na Bahia de início por uma revolução fracassada (1798) e em seu epílogo por uma guerra vitoriosa (1823).

Pedro Calmon em feliz e recente pesquisa nos arquivos portugueses trouxe do Velho Mundo dois documentos relativos a Lindley.

Um é carta pelo autor da *Narrativa* escrita aos negociantes de Londres — Sysmore e Croskey — e datada da Bahia — “São Salvador, 7 de outubro de 1802”.

A cópia trazida por Pedro Calmon deve ser tradução do original, ou segunda via apreendida a Lindley, pois não é razoá-

vel escrevesse a inglês e seus sócios ou fregueses em idioma a que não era familiar.

Este documento que Calmon teve a gentileza de oferecer ao subscritor dêste prefácio fornece algumas informações acêrca do autor da *Narrativa*.

Sabemos agora que tinha um irmão: James Lindley morador em St. Martin Court, Leicester Fields ao que parece n.º 4, pessoa conhecida de um Mr. Carpenter relojociro morador no mesmo sítio.

Os negociantes Sysmore e Croskey, de Basinhall Street, de Londres eram sócios ou interessados, na viagem comercial do bergantim de Lindley.

As relações de Lindley com o capitão do bergantim — Job Carpenter — eram as piores possíveis.

Outro documento trazido por Pedro Calmon é a devassa procedida acêrca da fuga do inglês, nada se apurando afinal a respeito dos seus cúmplices(*).

WANDERLEY PINHO

(*) Segundo Pedro CALMON (*A bala de ouro*, Rio de Janeiro, 1947, p. 45): “Encerrando a sindicância, disse o desembargador ouvidor-geral, não se apurara a responsabilidade de pessoa alguma que cooperasse para a referida fuga”. Instaurou-se o processo a 9 de agosto de 1803. A data da fuga é aí fixada: 6 de agosto, às 3 horas da tarde, abusando o prêso da licença para os passeios que dera o capitão da fortaleza do Brabalho, Joaquim Alberto da Conceição Matos. Os criados de Lindley eram o inglês Guilherme, aliás tripulante do seu navio e o negro Luís que os servia. (*Arquivo Histórico Ultramarino* de Lisboa). Segue-se o rol dos bens deixados na prisão, de pequeno ou nenhum valor, o que confirma o livro na parte que diz ter conseguido levar a bagagem”.

Contudo CALMON identifica o protetor de Lindley: Antônio da Silva Lisboa, grande figura do comércio e muito provável maçom. Para êle levava Lindley apresentações: “...even a letter I wrote to Snr. Lisboa, a merchant here, informing him of my arrival, was not allowed to be transmitted...” No brigue *Três corações*, em que fugiu Lindley, de propriedade do dito Lisboa, viajavam três de seus filhos. Segundo o depoimento do capitão Joaquim Matos, Lindley se acamaradara com Antônio Joaquim, comissário volante, que em outro tempo fôra caixeiro de Antônio da Silva Lisboa, sendo tão íntima a amizade entre êles que a maior parte dos domingos e dias santos ia o dito comissário e sua mulher passar o dia na mesma fortaleza”.

DEDICATÓRIA DO AUTOR

*Ao Excellentíssimo Senhor Conde de Moira*¹

Meu Senhor,

Não sei a maneira de bem exprimir os meus agradecimentos pela permissão a mim concedida, de dedicar a Vossa Senhoria esta obra, que lamento não ser mais completa e, assim, mais digna de seu alto patrocínio.

Como não posso atribuir a qualquer motivo pessoal ao pronto assentimento dado ao meu pedido, devo atribuí-lo unicamente ao desvêlo que Vossa Senhoria sempre demonstrou em facilitar tudo quanto lhe pareceu de benefício ou vantagem para o seu país, seja em questões graves, seja em assuntos de menor importância.

Os esforços que Vossa Senhoria tem invariavelmente dedicado ao bem público demonstram esta solicitude de maneira muito mais eloqüente que as palavras que eu pudesse empregar; apelo em testemunho do que afirmo para a situação que ocupa Vossa Senhoria neste momento na Grã-Bretanha, onde, ao calor das lutas políticas e das transformações delas decorrentes, goza Vossa Senhoria do aprêço de tôdas as facções, da

(1) Francis RAWDON-HASTINGS, 2.º conde de Moira e 1.º marquês de Hastings (1754-1826). Militar ilustre, tomou parte na guerra da independência dos E.U.A. Durante a situação liberal do início do século destacou-se no Parlamento por suas atitudes avançadas. Foi governador-geral da Índia. Autor de um famoso *Speech on the Dreadful and Alarming State of Ireland* (1797) e de um interessante *Private Journal*, editado por sua filha, a marquesa de Bute, em 1858. (As notas indicadas por asterisco são do próprio Autor; as demais, indicadas por numeração crescente, são do Revisor).

confiança de tòda a illustre Família Reinante e da admiração e da estima do povo em geral.

Se é grande a veneração a que fazem jus os serviços públicos de Vossa Senhoria, grandes homenagens também lhe são devidas por suas virtudes privadas, entre as quais não me posso furtar de referir essa benevolência tão sinceramente praticada e tão hàbilmente distribuída, que situou Vossa Senhoria entre os grandes filantropos desta época, do mesmo modo que suas atitudes e seu comportamento colocam Vossa Senhoria entre os melhores patriotas.

Se a bondade algum dia mereceu a complacência immediata da Providência, pode Vossa Senhoria esperar com segurança aquella proteção que permita a Vossa Senhoria servir ainda mais ao país com seus talentos, estendendo a consolação de sua munificência à parcela sofredora dos seus semelhantes.

Que as bênçãos da saúde, da alegria íntima e da felicidade mais pura, que acompanharam tão louváveis ações, possam longamente ser fruídas por Vossa Senhoria, são os votos sinceros do

servidor de Vossa Senhoria
muito obediente e respeitoso,

T. Lindley

PREFÁCIO DO AUTOR

Em todos os países cuja riqueza deriva diretamente de fontes mercantis, cumpre que haja a maior cautela em preservar-se o comércio de qualquer espécie de agressões ou violências provocadas por despeito ou inveja de nações menos bem sucedidas. Foi esse o motivo que levou a Grã-Bretanha a defender-se de vários ataques contra o seu tráfico, no século passado, dos quais o mais audacioso deve ainda estar na lembrança de todos os leitores: o efetuado pelos espanhóis, no Estreito de Nootka, e pelo qual foram dadas finalmente, as mais amplas satisfações⁽²⁾.

Semelhante hostilidade ao nosso comércio observa-se atualmente e, por infelicidade, em grau crescente, na colônia portuguesa do Brasil, sem dúvida devido à situação de extrema instabilidade dos tempos atuais e à guerra absorvente em que estamos empenhados.

Este livro apresenta ao público provas imediatas deste fato, que afeta sobremodo todo e qualquer mercado inglês. Há exemplos de outros navios tratados de maneira semelhante, sob vários pretextos, podendo-se mais ou menos esperar a mesma severidade para com qualquer barco inglês que arribar em porto brasileiro, em busca de refrêscos. E não estarão livres disso até mesmo os nossos navios que fazem a carreira das Índias. No entanto, observadas as regras e cautelas expressas nas páginas subseqüentes, e analisado o caso do autor (*resu-*

(2) Em 1791 o ministro espanhol Florida-Blanca foi forçado a assinar com a Inglaterra um humilhante convênio, reconhecendo o direito deste país ao comércio na costa ocidental americana, até então reivindicado com exclusividade pela Espanha. O estreito de Nootka fica na ilha de Vancouver, hoje pertencente à Colúmbia Britânica (Canadá).

midamente apresentado na Introdução, que vem a seguir) poderão ser facilmente evitados todos os aborrecimentos causados por êsse motivo.

Para tornar mais leve o enfadonho caráter pessoal do seu trabalho, o autor entremeou-o de algumas descrições do país, seus habitantes e costumes; acrescentou breve notícia de duas de suas maiores províncias, cenário imediato em que se verificaram as ações que tem de expor.

Não obstante haverem sido recentemente publicadas narrativas de muitas viagens, e malgrado o progresso dos conhecimentos geográficos conseguidos pela ciência, permanece o Brasil, de certo modo, desconhecido para o mundo em geral: tôdas as tentativas visando a obter dados a seu respeito são zelosamente reprimidas pelo Gôverno Português, na própria colônia e na Europa. No transcurso de um século, a partir do descobrimento do Brasil, revelaram-se infatigáveis os missionários jesuítas em seus esforços no sentido de adquirir algum conhecimento sôbre o interior do país, seus produtos animais, vegetais e minerais; e os descobrimentos que realizavam, cada ano comunicados pormenorizadamente ao Colégio da Bahia, eram impressos nas crônicas da Ordem, constituindo, assim as bases de tôdas as publicações sôbre essa parte da América do Sul, que posteriormente vieram a lume. Dispunham os padres de vasto sistema de comunicações, graças à correspondência que mantinham com tôdas as partes da América do Sul, especialmente com seus irmãos de ordem, no Peru e no Paraguai. Com o grande acêrvo de informações que possuíam os diversos Superiores, teriam elaborado, afinal, trabalhos mais completos e científicos. Mas o ciúme fatal do Gôverno matou o projeto nascente: em fins do século XVIII, foi proibido o seu prosseguimento, não sendo permitida qualquer ulterior publicação sôbre a matéria. Ainda assim foram enviados ao Colégio alguns relatórios secretos, e nêle arquivados; mas estão provávelmente perdidos para o mundo porque jazem indiscriminadamente sepultados entre um sem-número de outros manuscritos, em sala adjacente à antiga sede da Ordem na Bahia, onde têm permanecido, nestes últimos quarenta anos, inteiramente relegados ao abandono, encontrando-se, agora, em estado de rápida deterioração, a desfazer-se em pó. Esquecidas e

aparentemente desprezadas como estão seria de supor que o acesso a tais comunicações não fôsse difícil. Tal não acontece, porém, de modo algum, sendo impraticável qualquer aproximação das mesmas, até de simples curiosos, não sendo menor o rigor no que se refere aos estrangeiros³.

É de lamentar que durante o tempo em que a Holanda estêve de posse da mais central, pitoresca e fecunda província do Brasil, o que ocorreu em período não inferior a trinta anos, não tivessem os holandeses jamais tentado elucidar a história de região ou proporcionado informações sôbre o país. Mas as guerras constantes em que estiveram empenhados contra as fôrças regulares portuguesas e os colonos não lhes terão deixado lazeres para isso; ou, o que será mais provável, não tiveram oportunidade de penetrar no interior da terra.

No ano de 1730, Rocha Pita, brasileiro muitíssimo inteligente e bem informado, membro da Real Academia de História de Lisboa, compilou um volume *in-quarto* sôbre a história do Brasil, bascando-se nas crônicas dos jesuítas e em outras fontes, bem como em alguns conhecimentos próprios. É obra extremamente copiosa quanto a pormenores sôbre a fundação da colônia, seus sucessivos governadores, suas igrejas, seus mosteiros e conventos. No que diz respeito à história natural, às produções e ao comércio, em suma, no que concerne a quaisquer informações úteis, é, porém, por demais sucinta, obscura e deficiente, sendo escrita, além do mais, no estilo mais bom-

(3) Refere-se o A. à biblioteca anexa ao Colégio dos Jesuítas da Bahia e que foi a mais importante da era colonial. Devia conter valiosos manuscritos. Com a supressão do colégio ficou o precioso acervo ao abandono, conforme diz Santos VILHENA: "Muitos [livros] têm sido furtados e outros vendidos, por quem os furtara por vilíssimos preços, a boticários e tendeiros para embrulhar adubos e unguentos, podendo ter-se com módica despesa, conservado, ainda que fôra para nela se consultar muitos". No mesmo salão primitivo, ainda hoje existente, e, por sinal, dos mais belos do país, foi reinstalada em 1811, com menos da metade de seus volumes. "Grande perda resultou de se não ter tido bastante cuidado com os papéis dessa Ordem", conclui o mesmo autor, pois "foram na sua maior parte dispersados". Luís dos Santos VILHENA: *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas contidas em vinte cartas* (...), edição anotada por Brás do Amaral, Bahia, 1922, vol. 1, pp. 61-62. Na *Memória* sôbre a Bahia, anexa ao presente volume LINDLEY dá seu testemunho sôbre o estado em que encontrou a biblioteca.

bástico e entusiasta que se possa imaginar. Apesar de tudo, ao cabo de alguns anos o Governo Português proibiu expressamente sua leitura, sob as mais severas penas, de tal modo que hoje em dia só pode ser encontrada cuidadosamente oculta nos gabinetes dos especialistas⁴.

Voltaire⁵ e o Padre Raynal⁶ escreveram também de maneira difusa a respeito do Brasil; o primeiro, errôneamente, sob muitos aspectos, ao passo que os cálculos políticos e arit-

(4) A *História da América Portuguesa desde o ano de mil e quinhentos de seu descobrimento até o de mil setecentos e vinte e quatro* foi impressa em Lisboa em 1730. Valeu ao autor o ingresso na Academia Real de História Portuguesa e a estima do rei Dom João V que o nomeou fidalgo e cavaleiro da Ordem de Cristo. Não foi jamais proibida. O A. parece fazer aqui confusão com a obra do jesuíta ANDREONI que, sob o pseudônimo de ANTONIL, publicara em 1711 uma obra sob o título de *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Esta realmente foi confiscada depois de impressa. Foi reeditada na Coleção Roteiro do Brasil, com introdução e vocabulário de A. P. Canabrava pela Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1967.

Acêrca de *Rocha Pita*, veja-se a conferência de DANTAS JÚNIOR, Bahia, Publicações da Universidade, v — 14, 1960.

(5) As notícias de VOLTAIRE sôbre o Brasil são escassas e vagas. No *Ensaio sôbre os costumes e o espírito das nações* aparecem algumas reflexões que Afonso ARINOS classifica de “primárias” acêrca da América. “Idéias de tal superficialidade que chegam a possuir uma certa candura, bastante inesperada no ácido ironista”. “De interessante para nós”, continua o mesmo autor, “se aproveita a certeza de que Voltaire também lia com assiduidade os viajantes, inclusive os que tratam do Brasil, pois reproduz particularidades contidas nas suas obras. Existe um pequeno capítulo sôbre o nosso país bastante resumido e deficiente”. V.: Afonso ARINOS DE MELO FRANCO: *O índio brasileiro e a Revolução Francesa*, Rio de Janeiro, 1937, p. 255.

(6) Guillaume Thomas François RAYNAL, antigo jesuíta apóstata e escritor mercenário, é autor de uma *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes*, que foi um dos livros de maior êxito no tempo. Só no século XVIII teve três edições, tôdas de Genebra (1775, 1780 e 1781). Foi traduzido para o inglês (1783) e para o italiano (1776). Atacava rudemente a colonização portuguesa e ressaltava a expansão inglesa. A obra, que não passa de uma desonesta compilação, foi condenada em França por suas idéias antimonárquicas e anti-religiosas e o autor exilado. Voltou à França às vésperas da Revolução, foi eleito deputado aos Estados Gerais, mas renegou os princípios da Revolução para a qual tanto concorrera. Morreu pobre em 1796.

méticos do segundo são desprovidos de fundamento, sem a menor dúvida, embora pormenorizados da maneira mais espediosa e divertida.

Desde que deparamos, pois, com tantas deficiências em matéria de história desta parcela da América do Sul, como se julgaria feliz o autor do presente volume se pudesse oferecer, ampla e cabalmente, aquilo que falta! Mas, no presente momento, não seria isto possível, embora possua êle copioso material para êsse fim. Espera, entretanto, tendo em vista a situação que se lhe oferece, disseminar novas luzes sôbre o país e fornecer dados que despertem o interêsse de algum viajante mais competente e de maior ciência (a quem de bom grado prestaria tôda a assistência a seu alcance), que queira completar as informações transmitidas nestas páginas apenas de modo superficial.

Receia o autor que a forma em que esta obra é publicada, a de um diário — não seja considerada a mais aconselhável; ela se impôs, entretanto, a fim de serem preservadas as conexões e as datas. E como foi originariamente assim redigida, julgou êle que suas idéias seriam dêsse modo comunicadas com maior clareza do que se lhes desse estrutura metódica.

Deve ainda o autor excusar-se dos inúmeros defeitos de estilo, em seu trabalho; há de ser lembrado, talvez, que foi o mesmo escrito com tôdas as desvantagens do segredo e da dissimulação; e desde que regressou à Grã-Bretanha, tem-se ocupado o autor com atividades outras, de caráter mercantil, as quais não lhe proporcionaram os lazeres que estimaria dedicar a esta obra.

Pode o leitor confiar sem reservas na sua absoluta veracidade, e estar certo de que o autor jamais se permitiu escrever através da falsa perspectiva que o ressentimento poderia ter inspirado, diante do severo tratamento que lhe dispensaram. *In fine*, submete seu trabalho à imparcialidade do público. Qualquer que seja a sorte do mesmo, conforta-o a idéia de que o único motivo de sua publicação consiste em cooperar com o comércio britânico, aspirando a humildemente acrescentar uma trivial contribuição ao acervo dos conhecimentos humanos.

INTRODUÇÃO

A chegada das notícias de paz ao Cabo da Boa Esperança, em 1801, alarmou consideravelmente os diversos comerciantes locais. É que êles possuíam imenso estoque de mercadorias, cuja venda se estagnou imediatamente. Recusavam-se então os holandeses a fazer quaisquer compras, contando efetuá-las, daí por diante, por uma bagatela, quando aquêles negociantes, ao evacuaem a colônia, fôsem obrigados a se desfazer dêsses bens⁷.

Em consequência disso, procuraram-se outros mercados, sendo desde logo despachados navios para as Ilhas Maurícias, bem como para o Rio da Prata e várias outras praças, em todos os quadrantes.

Foi por êsse tempo que participei, entre os amantes da aventura, do financiamento de um brigue com destino a Santa Helena e outro mercado, e assumi o encargo de dirigir pessoalmente a viagem. Velejamos do Cabo no dia 25 de fevereiro de 1802, aportando em Santa Helena em princípios de março. Nossa estada foi aí de três semanas, aproximadamente. Alguns dias após a partida, enfrentamos forte vendaval, que avariou consideravelmente o brigue, obrigando-nos a arribar ao pôrto mais próximo do Brasil. Chegamos à Bahia (ou São Salvador) pelos meados de abril.

(7) A Inglaterra ocupara a Colônia do Cabo durante oito anos (1795-1803) em nome do príncipe de Orange, visto como a Holanda caíra sob o domínio do govêrno revolucionário da França. A Colônia foi devolvida à República da Batávia em fevereiro de 1803, em virtude do Tratado de Amiens. Em janeiro de 1806, porém, rompendo novamente com a França e com a Holanda, a Inglaterra se apossou, mais uma vez, daquela Colônia, cedida, afinal a êste país em 1814.

Nenhum barco estrangeiro pode comerciar nessa cidade, a pretexto algum, ou até mesmo entrar em seu pôrto, salvo se estiver em perigo ou necessitar de reparos, aguada ou provisionamento. Para impedir a possibilidade de comércio, seis funcionários aduaneiros postam-se a bordo de cada navio que entra; um barco-vigia é amarrado à sua pòpa, tripulado por um tenente e alguns soldados; e o navio é visitado, além disso, por um magistrado, um coronel, oficiais de marinha e um carpinteiro. Seus papéis são examinados, bem como a causa (real ou fictícia) de sua arribada; elabora-se um relatório escrito sôbre tudo isso, o qual é submetido ao governador. Êste concede, então, prazo de quatro a vinte dias para a permanência do navio, conforme a urgência do caso e os têrmos do relatório. O pessoal de bordo tem licença para desembarcar, sob a imediata fiscalização do barco-vigia⁸.

Não obstante todo êsse rígor aparente, era costume haver apreciável contrabando, freqüentemente praticado pelo próprio tenente e demais funcionários nomeados para impedi-lo, ou por indivíduos com êles acumpliciados. Agora, porém, dá-se o contrário; as leis que só existiam até então *pro-forma*, têm sido rigorosamente aplicadas; foram infligidas severas punições a vários funcionários; vieram da Europa novos decretos que proíbem a venda de mercadorias estrangeiras na Bahia, até mesmo para o pagamento de despesas portuárias, sendo obrigatória a remessa de tais mercadorias a Lisboa a fim de serem aí negociadas.

Minha situação, à chegada do brigue era a seguinte: precisava de mandar fazer reparos e não dispunha de recursos para o pagamento e, tampouco, para liquidar outras despesas em que deveria provávelmente incorrer.

Mas, ao cabo de um mês de estada, resolvidas as dificuldades e reparado o brigue, velejamos da Baía de Todos os Santos, em meados de maio, pretendendo rumar para o Rio de Janeiro (onde esperava efetuar pronta venda de minha

(8) Veja-se a "Coleção das leis que proíbem aos navios estrangeiros, assim de guerra como mercantes, entrar nos portos do Brasil", com o texto das mesmas em Marcos Carneiro de Mendonça, *O marquês de Pombal e o Brasil*, São Paulo, 1960 (Brasiliense, vol. 301), p. 82.

carga aos comerciantes espanhóis do Rio da Prata)⁹, e regressar, daí, ao Cabo da Boa Esperança. Entretanto, mal saíramos da baía quando o vento, saltando para o sul, obrigou-nos a lutar contra êle; assim aconteceu durante seis dias, ao longo de uma costa perigosa, até que, afinal, desviando-se o vento para leste, soprou diretamente no sentido da praia, de que não distávamos mais de cinco milhas. Nessa altura, à passagem de um barco de pesca, vimos que nos encontrávamos em frente a Pôrto Seguro; oferecendo-se o mestre do pesqueiro para pilotar-nos, julguei prudente aceitar a oferta e aguardar tempo mais favorável. Ao entrarmos no pôrto, o perigo ainda nos espreitava; o brigue foi de encontro a uns recifes, que lhe arrancaram o leme.

O governador civil da Província, ou juiz¹⁰, e o capitão-mor¹¹, ou capitão-nilitar, receberam-nos aparentemente com a maior hospitalidade, dando-me permissão para comerciar, encomendando para mim um nôvo leme e dispensando-me todo o confôrto que o lugar podia oferecer.

Êsse juiz, Sr. José Dantas Coelho¹², era nôvo da terra, tendo chegado com a família, de Lisboa, havia apenas dois anos. Um de seus filhos, Sr. Gaspar, despachava os negócios oficiais imediatos do pai, ao passo que outro, Antônio, tinha

(9) O comércio clandestino entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires fôra sempre florescente, como aliás o contrabando em geral na colônia. (V., a respeito os comentários de C. R. BOXER, *A idade do ouro do Brasil*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1963, pp. 143-149.) Os comerciantes portugueses constituíram sempre uma fôrça considerável (J. C. Rêgo MONTEIRO, *A colônia do Sacramento*, Rio de Janeiro, 1937, v. 1, pp. 55, 70 e 88).

(10) Refere-se ao ouvidor-geral José Dantas Coelho.

(11) No original: "*Capitain-mor*". Trata-se do capitão-mor de ordenança de Pôrto Seguro Mariano Manuel da Conceição.

(12) No original *Jose Dantes Coelho*. Trata-se do ouvidor-geral da Comarca de Pôrto Seguro. Seus filhos chamavam-se realmente Gaspar José e Antônio Luís. V. Eduardo de Castro e ALMEIDA, *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*, vol. v, Bahia, Bibl. Nacional, Rio de Janeiro, 1918, p. 352. Rio Grande é o nome por que era também conhecido o rio Jequitinhonha. V. Milliet de SAINT-ADOLPHE: *Dictionario geographico, historico e descriptivo do império do Brasil*, Paris, 1845, vol. 1, p. 533.

sido enviado ao Rio Grande, lugar situado nos confins da capitania¹³, a fim de superintender a arrecadação proveniente do corte de madeira, nas proximidades do rio.

No dia seguinte ao da minha chegada, conversando comigo sôbre os diferentes produtos do país, na presença do pai, falou o Sr. Gaspar na imensa quantidade de pau-brasil que a terra possuía, e o alto preço que o artigo alcançava na Europa, oferecendo-se para trocar comigo uma partida dessa madeira por mercadorias, se tal me conviesse. A proposta pareceu-me tão vantajosa que não hesitei, exceto quanto à incerteza da permissão para exportar-se aquêlê produto. Mas como a oferta partia do próprio governador, considerei meramente nominal qualquer proibição que pudesse existir; assim, dissipadas tôdas as dúvidas, concordei com a troca.

Em consequência, certa quantidade de artigos foi selecionada por Gaspar, no dia seguinte, equivalente a um carregamento de madeira para o brigue, o qual deveria ser-me entregue no Rio Grande, quando estivesse pronto. Transportou-se o môço imediatamente para êsse lugar a fim de transmitir as instruções que fôssem necessárias. Mas, transcorrida aproximadamente uma semana, regressou com a desagradável informação de que era preciso desistir do negócio, porque seria por demais sabido "*que êles, os guardiães do comércio, iriam empenhar-se em negócio ilícito*".

Pai e filho pareciam, ambos, muito magoados com êsse desapontamento, que era também meu; mas consolaram-me com a idéia de que eu poderia conseguir a madeira almejada, através de outros meios, e que não haveria qualquer embaraço ou oposição da parte dêles.

Encorajado por isso, recorraí a uma oferta que me fôra feita nesse intervalo, e negocieí logo uma pequena partida de madeira, na mesma praça, a ser fornecida no prazo de dez dias. Mas antes de transcorrer êsse período, fui acometido de grave febre, que quase me vitimou. Ao aproximar-se minha convalescença, a pessoa que acertara comigo o contrato da madeira, informou que uma parte da mesma já estava pronta; e, na noite seguinte, seria enviada para bordo a quantidade

(13) No original: *capitanea*.

que uma grande canoa pudesse transportar. Transmitti a informação a Gaspar, o qual, mudando de opinião, solicitou-me, nos mais calorosos termos, que não a recebesse, acrescentando possuir motivos secretos e da mais imperiosa natureza para dar os seus conselhos.

Em razão diso, desisti inteiramente do negócio e não demonstrei qualquer empenho em obter madeira de espécie alguma, porquanto verifiquei, diante dos fatos, tratar-se rigorosamente de artigo de contrabando, que não poderia ser conseguido sem perigo.

Decidi, então, prosseguir viagem, já que o principal estava pronto, e havia tardado assim porque só existia um carpinteiro no lugar, operário idoso e displicente. Ao ser intalado o leme, revelaram-se outros defeitos na pôpa do brigue; mas como estava ansioso por partir, mandei pregar uma chapa de chumbo na parte avariada e fiz-me ao mar no dia 25 de junho. Na manhã seguinte, embora o tempo estivesse bom, verifiquei ter sido por demais apressado no meu julgamento quanto às avarias da almeida, pois o navio fazia tanta água e estava em condições tão precárias para a navegação, que fui obrigado a deitar ferros no Rio Caravelas¹⁴, que ficava nas proximidades, a fim de examinar a reparar completamente a pôpa.

Encontrei bons carpinteiros no lugar, que declararam estar apodrecida tôda a almeida. Passados alguns dias, a 2 de julho, quando os reparos já se achiavam quase concluídos, fui surpreendido com a visita de um official, acompanhado de alguns soldados, que subiu a bordo munido de uma ordem de apreensão do brigue, o qual deveria conduzir a Pôrto Seguro, sendo a tripulação enviada por terra para o mesmo lugar.

Qualquer opposição patenteou-se inútil: meus homens foram immediatamente desembarcados, e, a título de favor excepcional, permitiram que eu e minha mulher permanecêssemos no barco.

Os reparos ficaram prontos dentro em breve, e, a 13 de julho, cheguei pela segunda vez a Pôrto Seguro, onde encontrei uma Comissão, enviada pelo governador da Bahia, com o fim de prender-me, bem como tôdas as pessoas comigo relacionadas.

(14) *Caravellos*, no original.

A partir dessa data, escrevi o diário que se segue. A êle remeto o leitor para que possa obter mais amplos pormenores sôbre a matéria.

Deveu-se minha prisão a informações prestadas por um morador de Pôrto Seguro, que fôra à Bahia com êsse propósito, vingando-se da falta de pagamento de uma dívida do governador civil, a quem acusava de comerciar em pau-brasil, declarando, ainda, que o brigue estava carregado dêsse artigo. Acusou também os dois filhos do governador bem como o capitão-mor, de haverem realizado uma expedição que subira o Rio Grande, acompanhados de empregados, índios e outros homens, a fim de explorarem certa mina de diamantes que existia às suas margens, e de terem regressado com apreciável quantidade de pedras preciosas. E, finalmente, acusou o governador de extorsão e de ser um opressor de tôdas as pessoas a êle imediatamente subordinadas.

Essas denúncias determinaram a remessa de um navio a Pôrto Seguro, transportando a Comissão a que aludi. À nossa chegada a êste lugar, eu, minha mulher e minha tripulação fomos jogados numa enxovia; os dois filhos do governador, o capitão-mor e mais alguns funcionários subalternos foram também encarcerados.

Transcorridas umas duas semanas, fui interrogado pela primeira vez. Neguei então que o brigue jamais houvesse tido pau-brasil a seu bordo, embora tenha eu sido perfeitamente explícito quanto à minha intenção de comprar algum, se não descobrisse, a tempo, o rigor com que era proibido o comércio dêsse artigo. A tripulação, como pude depois verificar, confirmou plenamente o que eu declarei. Os dois filhos do governador, bem como o capitão-mor, foram análogamente inquiridos em diferentes ocasiões; mas, à época, nada soube do que se passou entre êles e a Comissão.

Permaneceu a Comissão três meses em Pôrto Seguro, recolhendo provas das acusações e decidindo outras questões da província. Em fins de setembro, chegamos todos à Bahia fomos novamente encarcerados em diversas fortalezas. Logo em princípios do mês seguinte, fui acareado com os Srs. Gaspar e Antônio, quando, para meu grande espanto, verifiquei

que negavam categoricamente tãda a transaçãõ. Julgei que essa falsidade singular com respeito a circunstâncias tão universalmente sabidas e comprovadas, através mesmo dos próprios documentos dèles, fõsse tida como circunstância agravante que os sujeitaria, afinal, a pena mais severa do que o castigo de outro modo merecido.

Durante essa e outras inquirições, reiteradamente indaguei de que me incriminavam, e que fizera eu para justificar-se aquêlê rigor, desnecessariamente exercido contra mim, *um estrangeiro desamparado*, que ignorava as leis e os regulamentos. Se era por haver tentado realizar comércio ilegal, com quem havia negociado? Com o governador da Província, intérprete imediato e guardião das leis, que deveria ter-me esclarecido, se a proposta houvesse partido de mim. Mas pelo contrário ela se originara de sua parte. Não se dignaram, porém, èles dar resposta alguma a essas perguntas: "*seria uma violaçãõ das praxes de seus tribunais*".

Em princípios de dezembro, consegui, para mim e minha mulher, a liberdade de passar à cidade, sob a condiçãõ de regressar ao forte tãdas as tardes, às seis horas. Os filhos do governador, como também o capitão-mor, obtiveram análoga permissãõ e pelo mesmo período.

O governador (Sr. José) não foi molestado até junho de 1803, quando chegou um despacho de Lisboa ordenando seu encarceramento, o que se verificou imediatamente, sendo èle enviado para o Forte de São Pedro, na Bahia, com ordens para que permanecesse em rigorosa reclusãõ¹⁵. Não foi sus-

(15) Em 24 de junho de 1803 o ouvidor-geral do Crime e desembargador da Relaçãõ da Bahia Cláudio José Pereira da Costa comunica ao governador Cunha Meneses que suspendera o ouvidor da Comarca de Pôrto Seguro José Dantas Coelho e o prendera no forte de São Pedro, entregando-o ao comandante Justino José de Campos. A 30 de junho o governador oficiava ao ministro da Marinha e Ultramar, visconde de Anadía, comunicando que se procedia a uma devassa contra o ouvidor de Pôrto Seguro. Logo depois o ouvidor e seus filhos requereram ao rei que lhes fõsse concedida por menagem tãda a capitania até o julgamento do crime "que falsa e malèvolamente lhes fõra imputado", bem como o levantamento do seqüestro de seus bens.

Parece, porém, que nada conseguiu o antigo magistrado, porque faleceu na prisãõ a 20 de agõsto de 1806, segundo comunicaçãõ do nõvo

pensa, entretanto, a liberdade parcial concedida a seus filhos e a nós; nenhuma outra investigação foi procedida com respeito a qualquer das partes, e o caso continuou a dormir sono profundo como o dos oito meses precedentes.

Eu, porém, padei essa enfadonha situação de ansiosa espera, durante mais algumas semanas, quando sabendo pelas fontes mais autorizadas, que a questão poderia permanecer insolúvel ainda por um considerável período, nenhum outro recurso restou-me salvo o de fugir. Procurei assim escapar à injusta prisão que suportara durante tempo excessivo e de maneira demasiado paciente, e o consegui.

Após a viagem de costume, cheguei ao Porto no dia 2 de novembro, onde encontrei navios procedentes da Bahia, que haviam partido depois do nosso. Por conseguinte, esperava tivessem recebido informações a respeito de minha fuga, e mostrei-me apreensivo com a idéia de encontrar alguma dificuldade. Mas os meus receios eram infundados. Recorri imediatamente ao cônsul em exercício, Mr. Warr¹⁶, que me esclareceu da necessidade de seguir sem demora para Lisboa. Cheguei a esta cidade ao cabo de quatro dias, e procurei lorde R. S. Fitzgerald¹⁷, nosso ministro, que me recebeu com a mais confortadora e delicada atenção, entrando no mérito do assunto sem perda de um só momento. Juntamente com Mr. Gambier, cônsul-geral, Sua Excelência teve a bondade de assegurar-me que o caso seria, com certeza, objeto de uma representação ao Governo Português, e que uma satisfatória compensação poderia ser obtida em face do imerecido ultraje infligido á súditos britânicos e dos sofrimentos que haviam sido impostos a mim e a minha mulher, de maneira tão irresponsável.

governador, o conde da Ponte, que se manifestou favoravelmente aos filhos do condenado que partiram para o reino, "sob prisão", a fim de pleitear a revisão da sentença.

V. Castro e ALMEIDA: *Inventário dos doc.* cit., n.ºs 25.011, 25.160, 25.161, 28.314, 29.336, 28.882 a 28.884.

(16) Trata-se de J. WARR, a que se refere o A. no anexo.

(17) Lorde R. Fitzgerald foi Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Lisboa de 1802 a 1805.

Honrou-me Sua Excelência com uma carta de apresentação para lorde Hawkesbury¹⁸, que a êste exhibi à minha chegada na Inglaterra, sendo encaminhado ao gabinete do Secretário-de-Estado, ao qual compareci por diversas vêzes, até que, em meados de julho último, recebi a desagradável informação (igualmente através de lorde Robert Fitzgerald) de que o Govêrno Português resolvera, em definitivo, que nenhuma indenização ou compensação de qualquer natureza seria a mim concedida. Isso deixou-me, portanto, sem perspectivas nem esperanças de reparação dos danos que sofri, sob tantos aspectos, nos meus bríos, na minha saúde e nos meus bens.

(18) Robert Banks Jenkinson (1770-1828), barão de Hawkesbury em 1786, chefe do *Home Office* em 1804, elevado a 2.º conde de Liverpool em 1808. Foi secretário da Guerra e das Colônias de 1809 a 1812, quando assumiu a presidência do Conselho.

NARRATIVA
DE UMA VIAGEM
AO BRASIL

VIAGEM AO BRASIL

DIÁRIO

De 13 de julho de 1802 a agosto de 1803

A 13 de julho chegou a Porto Seguro o brigue *Packet*, apresado após um dia de viagem de Caravelas. Cruzou a barra às seis da tarde; mas, devido à má pilotagem, encalhou, sendo já quase quatro horas da manhã do dia 14 quando atingiu o ancoradouro.

14 de julho. Pelas dez horas da manhã, veio a bordo uma comissão, constituída pelo Sr. Cláudio José Pereira da Costa¹⁹, desembargador do Crime, Sr. Brás Cardoso Barreto Pimentel²⁰, capitão da Marinha, dois escreventes de justiça, e um intérprete de inglês, Rinaldo José de Arrayo.

Exigiram os papéis do navio, o registro e o diário de bordo, que lhes foram imediatamente entregues. Após examinarem o registro, com a mais rigorosa minúcia, comparando-o com o diário, fazendo perguntas sôbre cada particularidade e in-

(19) *Claudio Joze Perriera da Costa*, no original.

(20) O capitão da Marinha devia igualmente conhecer bem a língua inglesa. É o que se deduz do officio do governador D. Fernando José de Portugal, de 30 de abril de 1801, ao ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho sôbre a autorização concedida ao comandante da esquadra da América Donald Campbell para nomear o capitão Brás Cardoso Barreto Pimentel "comandante da fragata em construção no estaleiro e os officiaes necessários para a sua guarnição". V. Eduardo de Castro e ALMEIDA, *Documentos cit.*, vol. IV, p. 399, doc. 22.562.

terrogando-me por outras formas, até quase as três horas, partiram numa embarcação que os trouxera da Bahia. Regressando ao cabo de uma hora, surpreenderam-me com a triste sentença de prisão imediata, não condescendendo em responder minhas repetidas indagações sobre o motivo por que deveria ser-me atribuída aquela sorte.

Ordenaram que lhes entregasse minhas chaves e quaisquer documentos particulares em meu poder, e informaram-me de que a mínima tentativa para ocultá-los seria punida com a maior severidade. Na mesma ocasião, esquadrinharam com o mais escrupuloso cuidado uma cama e uma pequena mala de roupas, que me permitiriam levar comigo; revistaram-me e tiraram-me um caderno de bolso para apontamentos. Em consequência, fui obrigado a renunciar a diversos papéis valiosos que esperava sobretudo conservar.

Aquilo nos ocupou até quase a noitinha, quando determinaram que embarcássemos, conduzindo-nos ao longo da praia e, depois, morro acima, até a prisão comum²¹. Levaram-nos a um quarto no pavimento superior da cadeia, em cujo assoalho abriram um pequeno alçapão, arriaram uma escada e nos mandaram descer até uma certa profundidade(*), o que fizemos, penetrando numa masmorra abaixo do nível do solo, da qual se exalava um fétido miserável. Estava inteiramente às escuras. Deus sabe quais os nossos sentimentos!

O guarda da prisão favoreceu-nos com uma luz; vimos então a nossa terrível situação! Em três cantos do aposento, acumulavam-se montes de sujeira, lixo, cascas de laranjas e legumes, etc., tudo em estado de putrefação. O outro canto tornara-se de uma repugnância horrível por causa dos vários e míseros ocupantes que a masmorra encerrara. E toda ela parecia jamais ter sido limpa desde sua construção. Quatro dos meus marinheiros haviam sido aí confinados durante os oito dias anteriores, e acabavam de ser removidos para o cárcere ao lado, para que fôssemos admitidos. Um banco isolado e

(21) A antiga Câmara Municipal, em cujo porão ficava a prisão, permanece intata em Porto Seguro.

(*) Cerca de quarenta pés.

duas tábuas formavam uma cama, e isso constituía o único mobiliário da peça²².

15 de julho. A manhã principiou muito melancólica: o sono estivera ausente dos nossos olhos, a masmorra era quentíssima, e a respiração de tão pútrido e pouco saudável ar, naquela situação de confinamento, deixara-nos passando bem mal. Eu me achava bastante indisposto; tinha acabado de restabelecer-me de uma grave febre maligna, e me encontrava extremamente debilitado. Nossas mentes afinavam com as nossas sensações corpóreas; e a janela de grossas grades, a imensidade das teias e das aranhas no teto e em tórno das lúgubres paredes negras, a terra úniada, tudo conspirava para encher-nos das mais sombrias apreensões.

Um grande jarro de água foi colocado do lado de fora da janela, e por uma abertura nela existente nós o tomávamos para dêle nos servirmos. O alimento era passado pelo mesmo orifício, mas obtê-lo ficava aos meus próprios cuidados e expensas, já que não recebia eu qualquer pensão.

Por especial favor, condescenderam em que eu acendesse um fogo no chão, para fumigar a masmorra, o qual mantive sempre esperto durante o dia (apesar do calor), como único meio de aliviar o ar viciado e, de certa maneira, poder tolerá-lo.

16 a 23 de julho. Tinham sido baixadas ordens terminantes para que não me fornecessem pena e tinta; mas consegui frustrá-las, ocultando um lápis e parte de um caderno de papel, que achei meios de comprar. O primeiro uso que fiz dêles foi solicitar uma pequena caixa de medicamentos, que tinha a bordo; houve humanidade bastante para atender-me. Mas

(22) Referindo-se a Pôrto Seguro, diz VILHENA, escrevendo em 1802, que "as casas do Conselho [Câmara Municipal] e cadeias são de pedra e cal e muito suficientes". A vila era cabeça de Comarca, nela havendo um ouvidor, um juiz ordinário [presidente da Câmara], três vereadores e um procurador do Conselho, um capitão-mor de Ordenanças e um vigário da Vara. Mas contava poucos moradores; "o comum é serem pobres". Luís dos Santos VILHENA, *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas, contidas em vinte cartas*, edição anotada por H. Brás do Amaral, Salvador, 1922, vol. II, p. 547.

até mesmo com essa ajuda, sinto-me bem doente, dia a dia mais fraco. E se não me concederem os benefícios do ar e do exercício, receio muito pelo que possa acontecer; terei de morrer na prisão. Minha mulher sofre de modo diverso do meu, queixando-se de dores violentas e de inchações por tôdas as partes do corpo.

Verificando que estávamos visivelmente esquecidos, e perdurando a miserável situação de angustiante espera, escrevi ao desembargador Cláudio, no dia 19, solicitando-lhe uma audiência. Recebi insultuosa resposta: quando necessário, êle mandaria chamar-me. Nos três dias subseqüentes, vi minha tripulação passar diante da janela para ser inquirida, o que me levou a esperar estivesse próximo o meu depoimento. Não me enganei. No dia 24, tive a satisfação de ver a escada ser mais uma vez arriada. Intimado a subir, fui conduzido, sob escolta, à sede da Comissão. Interrogaram-me novamente das três às oito horas, a respeito da transação de pau-brasil. Informaram-me, então, que eu seria em breve chamado outra vez, e fui reconduzido à prisão, onde encontrei minha mulher seriamente alarmada diante de tão prolongada ausência. Senti a esperança renascer em meu peito, pois minha constituição revigorara-se consideravelmente graças ao ar puro, permitindo-me suportar com muita paciência o intervalo que mediou até o dia 27.

Nessa data, concluiu-se minha inquirição. Depois de encerrada, fiz ver, em têrmos vigorosos, qual a nossa horrível situação, e obtive a promessa de sermos transferidos de masmorra. Às quatro horas da tarde, fomos conduzidos para cima, a um pequeno aposento com tabiques de madeira, sendo-nos concedida a liberdade de passarmos a outro maior, contíguo. Cada qual possuía uma janela, sem grades, havendo livre circulação dessa inestimável bênção, o ar puro. Uma sentinela armada foi posta diante de nós.

28 de julho. Dormi muito mal, sendo obrigado a deixar nossa porta parcialmente aberta a fim de que o soldado pudesse ver nossa janela, que é provida de venezianas para impedir a entrada do ar da noite, mas não tem outro fecho, salvo uma taramela. Achamos, aqui, o ar tão excessivo como fôra deficiente lá embaixo, sendo o aposento uma simples estrutura

de tábuas, quadrada, de aproximadamente onze pés de altura, aberta até o telhado, onde se apóia em pesadas vigas. Faltam muitas telhas, e o vento frio, que penetra pelas falhas da cobertura, assobia em cima de nós, de maneira bem desagradável. Alguns morcegos, que se refugiam no edifício, esvoaçam de um lado para o outro, completando os *agréments* noturnos de nossa nova morada. Foram transmitidas ordens severas para que eu não converse com pessoa alguma e não envie ou receba cartas.

29 a 31 de julho. Durante a noite, continuamos ainda muito molestados por causa da jogatina dos oficiais, as mudanças da guarda, etc. São de fato chocantes o barulho, que nunca cessa, e a confusão. Graças aos céus, sinto que estou recobrando rapidamente a saúde. Minha mulher não tem a mesma sorte.

1.º de agosto. Por ocasião do apresamento do navio, a Comissão encontrou um embrulho em cima de minha mesa de trabalho, contendo pequena quantidade de ouro em granel, de mistura com arcia cõr de ouro, que me fôra trazido como amostra por um morador de Pôrto Seguro. Isso despertou-lhes forte curiosidade, e eu fui cerradamente interrogado a respeito do assunto. Não fiz segrêdo algum da fonte de onde obtivera a amostra, mas declarei ignorar o nome e a residência do indivíduo de quem a recebera, embora acreditasse que fôsse de uma povoação distante. A Comissão declarou-se disposta a descobrir o homem e insistiu em que eu empreendesse com ela uma viagem nesse propósito. Não levantei qualquer objeção (sabendo que seria inútil), mas certo de que nada lhes adiantaria se acaso encontrássemos o pobre diabo, o que, afortunadamente, não aconteceu. Esta noite, o intérprete veio informar-me de que eu teria de acompanhar o desembargador e as demais pessoas, na manhã seguinte, devendo estar pronto antes das cinco horas.

2 de agosto. Montamos a cavalo às seis horas. Éramos sete ao todo, e seguimos pela praia em direção ao sul. Ao cabo de uma hora de marcha, voltamo-nos abruptamente para oeste, terra adentro; e subindo por uma íngreme encosta, em

breve chegamos à capela de Nossa Senhora da Ajuda²³, que fica no alto. A paisagem que daí se descortina é de fato grandiosa, abrangendo não só a região em tórno como também o oceano adjacente, ao qual os muros brancos da capela formam excelente belisa. E a padroeira, a Virgem, é especialmente invocada pelos navios e barcos pesqueiros das costas vizinhas, em caso de perigo ou de ventos contrários. Sua fama estende-se até mesmo à cura de vários padecimentos, desde que invocada com a *devida fé*. O interior do edifício é decorado com desenhos grotescos de navios em apuros, quartos de enfermos, etc., havendo legendas debaixo de cada um, relativas aos diferentes episódios que pretendem comemorar²⁴.

Depois de comer um biscoito e beber um pouco de boa *água* do vigário, visitamos diversas lavouras e engenhos da vizinhança, num dos quais conseguimos um guia índio. Prolongando o curso do rio, fizemos uma bela marcha através de linda campina, à qual apenas falta cultivo para transformar-se no melhor dos prados: o solo é de terra vegetal, preta, por vèzes pedregoso e com manchas de barro e trechos de areia.

Deixando o terreno limpo, seguimos por estreita vereda que só admitia a passagem de um cavaleiro de cada vez, e penetramos numa velha mata impenetravelmente defendida dos raios solares pelas ramagens pendentes, em certos casos tão baixas que se tornavam embaraçantes. Ao fim de duas horas de vigorosa cavalgada, a paisagem abriu-se de nôvo, e passamos por diversas lavouras de cana-de-açúcar, mandioca, etc., em terras parcialmente arroteadas e inúmeras outras capazes de se tornarem belas pastagens ou campos lavrados. O cenário agora se transformara numa sucessão de morros baixos, estendendo-se de

(23) *Nossa Senhora de Judea*, no original.

(24) "Na distância de légua e meia ao sul do Rio Pôrto Seguro, e meia légua retirada da costa há uma capela de Nossa Senhora da Ajuda, situada em um oiteiro ou lugar elevado, que se avista 4 ou 5 léguas ao mar, fabricada de pedra e cal pelos moradores e marítimos que passam e fazem as suas romarias, tendo capelão pago pelas mesmas esmolas. No titio em que está a capela, houve antigamente uma vila que foi destruída pelo gentio". VILHENA, *op. cit.*, p. 549. Foi fundada pelos jesuítas. V. Serafim LETTE, *Hist. da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo 1, Lisboa, 1938, p. 205.

leste a oeste em direção ao rio, para o qual o terreno vai descendo pouco a pouco. Mas, na outra margem, ergue-se precipitadamente, formando elevados penhascos, recobertos de vegetação perene.

Cavalgando paralelamente a êsses morros, chegamos, por volta de uma hora, à fazenda e engenho de João Furtado. Apeamos, na expectativa de obter acomodações melhores do que poderíamos encontrar em Vila Verde²⁵, um pouco adiante, a qual, sendo povoação remota, é habitada unicamente pelo vigário (um missionário), três brancos e alguns índios convertidos. Nosso anfitrião, um velho de setenta anos, solteiro, morava com a irmã, solteirona e quase da mesma idade. Contou-me o ancião ter nascido perto daquele lugar, e que sua vida tinha sido uma sucessão de trabalhos: o engenho, a casa, os móveis, etc., feitos quase totalmente por suas próprias mãos. Verifiquei estar êle muito bem informado sôbre a história natural da região em derredor, particularmente a ornitologia, e deplorei que a nossa estada momentânea não me permitisse obter maiores esclarecimentos.

A palavra *engenho* é o termo português que caracteriza as terras que possuem uma fábrica de açúcar. O que vemos aqui é muito simples, consistindo em três cilindros de pesada madeira, de dois pés de diâmetro por três de comprimento, os quais giram horizontalmente numa armação. A parte superior do cilindro central articula-se com uma viga que sobe pela armação, sendo nela fixadas peças transversais suficientemente baixas para nelas serem atrelados dois cavalos, que fazem mover o conjunto. Os cilindros laterais trabalham por meio de uma engrenagem que os liga ao central. Debaixo dessa máquina existe um côcho comprido, inclinado, pronto a receber o caldo da cana comprimida pelos cilindros. Êsse caldo é transportado para um caldeirão raso, de seis pés de diâmetro, onde são escumadas tôdas as impurezas. Depois de esfriar noutra vasilha, adiciona-se-lhe um álcali de cinzas de madeira, deixa-se que a

(25) "Em distância de cinco léguas... se acha Vila Verde, situada em lugar alto e aprazível, habitada de índios, com seu escrivão diretor, branco e pago pela Real Fazenda. São êstes governados por um juiz ordinário e Câmara, além de dois capitães de Ordenanças..., todos porém, são índios". VILHENA, *Ib.*

mistura assente por alguns dias, e decanta-se o líquido puro, levado, então a uma caldeira para evaporar-se até formar o açúcar. O sedimento é destilado, produzindo forte aguardente. Como essa fábrica de açúcar primitiva é diversa das enormes instalações, máquinas e engenhos empregados pelos plantadores das Índias Ocidentais !

Achei as acomodações da casa muito superiores ao que havia esperado encontrar, dada a pobreza geral de Pôrto Seguro; eram, na verdade, as melhores que deparei nesta parte do Brasil. A recepção foi acolhedora, os alimentos bem cozidos (para o país) e toleravelmente assados. Jantamos no chão, sendo estendidas umas esteiras e, sôbre elas, uma toalha limpa. A louça era suficiente (o que é raro aqui), como também as colheres, de prata, facas e garfos, com cabo do mesmo metal. À noite, tivemos camas convenientes e confortáveis.

3 de agosto. Acordei com o sol a brilhar e fiquei encantado com as terras que circundavam a fazenda. A casa é rodeada de bananeiras, algodoeiros, cacauzeiros e laranjeiras. Mais além dessas árvores, estendem-se os cercados de cana, mandioca, etc., e a oeste abre-se uma vasta área de terras cobertas de capim, reservadas à pastagem, desigualmente protegidas por cercas de madeira do lugar. O solo desce em direção ao rio, de maneira irregular, formando belas depressões, pontilhadas de capoeiras e compondo, juntamente com o rio e o gado das suas margens, a mais deliciosa das cenas.

Caminhando pela orla da mata, vi pássaros de plumagem brilhantíssima, um dêles quase do porte de um peru. O mutum²⁶ é particularmente vistoso, de um azul profundo, que se aproxima do negro, tendo a cabeça e os olhos de notável beleza. Eram numerosos os tucanos e muitas outras aves, verdadeiramente graciosas. Havia sagüis de côr cinzenta ou prateada, em tôdas as moitas, cujos gritos estridentes e desagradáveis penetravam-nos até o cérebro, quando próximos. Tive a impressão de perceber distante uivar de onças, numerosas e fatais em suas devastações, constituindo, com as cobras, a principal maldição dos fazendeiros.

(26) *Μοιμου*, no original.

Depois do jantar, iniciamos o caminho de volta pela mesma rota, passando por várias fazendolas esparsas, situadas nas proximidades do rio, para melhor transporte de seus produtos destinados a Pôrto Seguro, etc. Tôda a terra restante (estendendo-se em ambas as direções até os portos de mar vizinhos) está inteiramente abandonada, embora seja, em sua totalidade, òtimamente irrigada por pequenos riachos, onde o algodão, a cana e a mandioca deveriam crescer quase sem trabalho, bem como a imensa variedade de outros produtos tropicais. Em síntese: a natureza oferece espontâneamente os seus dons e estende um convite à mão do homem.

Mas êste belo país, um dos mais lindos do mundo, está inteiramente abandonado pela carência de habitantes, falta de cultivo e ausência de esforços. Abandonam-se fontes de riqueza que valem muito mais que tôdas as jazidas minerais ou metálicas.

Cavalguei absorvido nessas reflexões, pois nosso grupo regressava muito calado, provàvelmente enristecido pela sua falta de êxito, não havendo descoberto *o atrevido vassalo* que ousara tocar (ou assim havia pensado) em artigo proibido como o ouro. Mas, embora o pássaro tivesse batido a linda plumagem, ficara o seu rico ninho. Encontraram o ribeiro em cujas margens o ouro fôra descoberto. Imediatamente designados guardas para o local, foi interditada a aproximação de suas margens, no terrível nome de Sua Majestade Fidelíssima, ao mesmo passo que outra amostra foi colhida para ser submetida a cuidadosa inspeção e análise, logo que a Comissão chegasse à Bahia.

Era noite avançada quando entramos em Pôrto Seguro, sendo eu recambiado à prisão, literalmente exausto.

4 a 11 de agôsto. Dois dias após nossa incursão, o desembargador Cláudio e uns escreventes emprenderam segunda viagem a Caravelas, a negócios da província, deixando encarregado de resolver os casos durante sua ausência o comandante Brás Cardoso, que parece pessoa muito mais bondosa que o colega. Atendeu a outra queixa que tive necessidade de apresentar em favor de minha tripulação, a qual vinha até então recebendo uma ração de víveres vergonhosamente escassa, de modo algum suficiente para sustentar quem quer que fôsse. Ontem, deram-

lhe apenas quatro onças de tripas cozidas, duras como o couro do animal a que pertenciam, e uma pequena porção de farinha*27. Isto para manter seis homens num dia! O comandante baixou ordem direta para que a quantidade de alimentos fôsse aumentada, e regularmente distribuídos carne-sêca e peixe salgado. Mas a gente daqui constituiu, de modo geral, tamanha corja de patifes, que reccio consiga fãcilmente burlar tão humana recomendação.

Quando o meu brigue aportou pela primeira vez em Pôrto Seguro, fui visitado pela quase totalidade dos moradores do local, ignorantes que pareciam macacos a espionar tudo. E mal deram com minha caixa de remédios, indagaram de quem era e julgaram, certa ou erradamente, que eu deveria ser médico, e, sendo estrangeiro, sem dúvida médico famoso.

Antes de cair a noite, várias canoas encostaram no navio, transportando doentes, estropiados e cegos, todos sofredores e pobres (segundo diziam), alguns suplicando *pelo amor de Deus*, outros implorando em nome de *Maria, Nossa Senhora*. Como logo estabeleci o sistema da gratuidade, êles jamais me permitiriam acabar com aquilo, até que, visitando um pobre homem atacado de febre maligna, caí doente, e, por felicidade, perdi tãda a clientela.

Agora são os clientes de nôvo, numerosos como nunca, não obstante estar eu proibido de falar com qualquer pessoa. Cada sentinela sofre de algum mal ou traz-me parente, vizinho ou amigo enfêrmo, além de outras criaturas que obtêm permissão do comandante para êsse fim. Em resumo: multiplicaram-sê tão rãpidamente as consultas, reduzindo o conteúdo de minha pobre caixa, que o Senhor Tamás** (nome que me dão) gostaria de nunca ter-se atribuído o ofício de curar ou,

(*) Espécie de farinha de cassada [sic].

(27) Caçava ou caçave é a farinha de mandioca. Caçava, também de origem americana, é a forma preferida pelos inglêses; v. verbete de MACEDO SOARES no *Dicionário brasileiro de língua portuguesa*, Inst. Nac. do Livro, Rio, 1954.

(**) Os portugêses usam apenas o nome de batismo ao se dirigirem a alguém na conversação familiar.

pelo menos, havê-lo exercido de modo mais profissional, sendo bem pago pelos seus remédios.

13 de agôsto. O comandante pediu-me que fôsse ver um doente, num vilarejo além da cidade. Lá segui eu, acompanhado de um soldado, e o paciente era o Sr. Rodrigues da Fonte²⁸, de quem eu já ouvira falar. Tinha êle na véspera sofrido um ataque de apoplexia; percebi que estava muito mal, com a respiração ofegante e difícil, o pulso fraco e irregular, por vêzes parando de bater. A medicação tópica e interna que ousei aplicar não produziu o menor efeito, havendo a natureza perdido tôda a sua fôrça e energia. Estava o pobre homem num quarto fechado onde não penetrava o ar puro e a luz; apenas uma vela era mantida sôbre sua cabeça, enquanto êle jazia imóvel numa grande cama, que ocupava um canto do aposento, a cabeceira e um lado encostados na parede. Entre esta e o doente havia um certo espaço onde sua mulher e outras criaturas do sexo feminino se acocoravam, passando por cima do corpo do homem, quando era preciso. Na parte superior da cama estavam colocadas diversas pequenas imagens, uma perna, um pé, um espadim e outras relíquias. Uma coroa de madeira trançada era sempre mantida suspensa sôbre o pobre homem, e o conjunto formava a mais curiosa mistura de moléstia, estupidéz e superstição. O aposento, cheio de parentes, visitas e criados, estava muitíssimo quente e abafado; senti-me feliz ao deixá-lo, pois, nas condições atuais do desgraçado, minha permanência ali não poderia ser de qualquer utilidade.

14 de agôsto. Rodrigues morreu antes da meia-noite, e os sinos estiveram hoje num dobrar constante, annunciando o seu entêrro, que se realizou pelas oito horas. O guião da igreja, encimado por uma grande cruz de prata, ia à frente; seguiam-se cruces menores, também de prata, vindo os principais moradores da cidade (cêrca de cento e cinqüenta) logo após, cada qual empunhando uma vela acesa, e mais três padres, sacristães, músicos, etc. O corpo jazia no caixão aberto, o rosto à mostra, envergando o hábito pardo dos franciscanos, com o seu cordão, etc. De vez em quando o cortejo parava e entoavam-se mementos, acompanhados de coros.

(28) *Rodrigues de Foma* no original.

A quietude da noite, o solene canto fúnebre que penetrava pelos ouvidos, o eco do vale e do alcantilado morro de S. Francisco, tudo isso tornava a cena sobremodo curiosa.

15 de agosto. Solicitei permissão para tomar um pouco de ar, em companhia de minha mulher. Às quatro horas da tarde, chegou o intérprete para acompanhar-nos, na qualidade de guarda. Fizemos um passeio a pé até o encantador vale, outrora pertencente aos franciscanos, delicioso sob todos os aspectos. Retornando ao longo dos penhascos à beira-mar, fomos adiante da cidade e atravessamos o morro que desce de uma povoação do interior, onde nos sentamos para admirar a paisagem quase ilimitada da vasta região em derredor e dos vales mais além. Os raios do sol que se escondia refletiam-se no serpentear do rio, contrastando fortemente com as matas escuras e impenetráveis, através das quais êste rolava suas águas, estendendo-se a perder de vista, em direção a oeste.

16 de agosto. Nossas sentinelas têm sido soldados ou moradores, uns e outros regularmente rendidos. Hoje tivemos por guarda um velho de seus noventa anos seguros, mas cujas faculdades eram as mais lúcidas e vigorosas que já encontrei num ancião. Seus olhos conservavam todo o brilho, sua marcha era toleravelmente firme, e tinha o pulso cheio e regular (o que nem sempre se observa neste clima debilitante, até mesmo nos jovens). Era muito alegre e conversou comigo, embora seja proibido, repetindo inúmeras histórias da cidade e da povoação, dos seus tempos de môço. Como quase todos os velhos, sustentou que o seu tempo era superior ao atual. Mas, a rigor, para fazer-lhe justiça, acho que suas observações não seriam de todo infundadas com respeito a Pôrto Seguro. Há evidentes sinais aqui de abandono e decadência.

17 de agosto. Chegaram notícias de Trancoso²⁹, informando que os índios ontem estiveram na orla da mata próxima à vila, tendo atingido dois mulatos. Um dêles levou uma flechada na coxa e o outro, no peito. Êste, caindo, foi imediatamente massacrado. Seu companheiro, ferido também no braço

(29) *Tranquoso*, no original. Trancoso é uma pequena vila a 4 léguas de Pôrto Seguro, à margem de uma enseada, fundada pelos jesuítas. É hoje sede do distrito de igual nome.

e nas costas, escapou só por aquêlê momento, pois morreu no mesmo dia. Dez mosquetês, pólvora e balas foram logo enviados aos moradores, para se defenderem.

Os arcos dêsses índios assemelham-se ao arco longo dos inglêses. Medem aproximadamente seis pés e seis polegadas de comprimento e são de sólida feitura, de madeira pesada, mas sobremodo flexível, encordoados com tendões de certos animais ou fios de algodão, adrede preparados. Suas flechas medem de três a quatro pés de comprimento, bem emplumadas e constituídas de uma só peça de madeira leve. As pontas, mais curtas, são largas e côncavas, de umas quatro polegadas de comprimento, mais grossas na parte central, afilando-se dos dois lados até as extremidades, por uma das quais se prendem à sua haste. Essas pontas são escavadas, a fim de ter afiado gume, constituindo arma fatal. Os índios endurecem ao fogo as pontas das flechas; e embora estas dêem a impressão de leves e incapazes de atravessar o que quer que seja a certa distância, matam quase de tão longe como um mosquete europeu.

18 a 24 de agôsto. Durante o apresamento do brigue, a Comissão fêz-se acompanhar de uma guarda de aproximadamente vinte soldados, julgando, com tôdas as probabilidades, tratar-se de tarefa perigosa, embora nossas únicas armas fôsem dois mosquetês enferrujados. Os soldados vêm sendo desde então empregados na vigilância da prisão, que se encheu tão depressa que teve de ser solicitado um refôrço de tropa, e também mais carne-sêca e outras provisões de bôca, havendo o súbito afluxo de tamanho número de pessoas causado penúria temporária na cidade.

No dia 20, arribou um navio trazendo quarenta soldados e provisões. E, ao cabo de dois dias, tôda a tropa marchou para a mina, precedida de um tambor. Acudiram grupos de homens, mulheres e crianças, vindos de todos os cantos, enquanto ela desfilava. Nem mesmo a procissão mais bela poderia ter atraído maior número de espectadores do que esta novidade; e nem o mais idoso habitante de Pôrto Seguro lembrava-se de ter visto um quadro daqueles.

O comandante luxou violentamente a coxa ao montar a cavalo, e mandou-me chamar. Durante minha saída, aproveitei

a oportunidade para tentar remeter uma carta (que encontrei meios de escrever) aos meus amigos da Inglaterra. Mas duvido que jamais chegue em segurança ao seu destino.

25 de agosto. Em tôdas as visitas que fiz, neste país, a geral ignorância dos habitantes sempre se patenteou. Se antes da minha prisão, revelavam certa reserva, agora, então, o atrevimento dêles é ilimitado e chega até ao insulto, ao passo que eu só posso reagir com o reproche ou a queixa, que nada adiantam.

O capitão-mor, cujos aposentos ficam na parte superior da prisão, toma a liberdade de entrar nos meus sem pedir licença nem considerar a situação de minha mulher e a minha, confinados num pequeno quarto, e sem atender ao fato de que nem tôdas as horas são próprias para tais visitas. Além disso, serve-se constantemente de minhas bebidas, para si próprio e os amigos, apesar de saber que eu as compro na praça e que não recebo pensão de alimentos. O juiz ordinário, ou magistrado da cidade, aparece diariamente na prisão e toma as mesmas liberdades. Hoje de manhã, deu-nos *de presente* uma cesta de ovos, pediu um lenço de sêda em troca e, sem falar no assunto, apanhou da parede uma escôva de roupas e, *sans cérémonie*, escovou o chapéu na nossa frente.

Em cada má refeição que fazemos, temos, em primeiro lugar, necessidade de garantir a porta contra os invasores. E padecemos diariamente outras mil mesquinharias.

O próprio vestuário dos homens (especialmente pela manhã) é chocante para uma pessoa do mais elementar pudor. Passeiam pela prisão metidos em calças de algodão ralo, que mal lhes chegam aos joelhos, deixando as fraldas da camisa para fora. Andam sem meias e sem chapéu. Se o tempo está frio ou chuvoso, às vêzes acrescentam um casaco ou roupão frouxo. Em resumo, malgrado tôda a nossa paciência, esta situação é miserável. Eu haveria de saudar com a maior alegria o dia feliz de nossa chegada a uma terra civilizada.

26 a 29 de agosto. O desembargador Cláudio chegou de Caravelas com seis presos. Eram os principais moradores do lugar: o juiz ordinário, o tesoureiro e os membros do Senado,

arrancados dos seus lares por haverem desobedecido às ordens militares de um tenente, enviado pelo governador da Bahia para melhor regulamentar a exportação da farinha. Houve mudança geral na prisão a fim de acomodar os recém-chegados, autorizados a receber amigos. Graças aos céus ainda conservei meu pobre quarto, sem qualquer alteração, tendo, porém, receio de outra visita à masmorra.

30 de agôsto. Os senhores de Caravelas têm tantos conhecidos que seu vasto aposento (o maior da prisão) vive apinhado o dia todo, às vêzes também a noite quase inteira. A única mesa existente fica rodeada de parceiros de jôgo; grupos conversam ou discutem; e alguns comem sôbre uma arca, com os escravos amontoados a um canto. Tudo isto gera uma confusão tremenda e um perpétuo zunzum, que nos causam dor de cabeça constante. A existência dêsses homens é amostra da maneira comum de viver aqui no litoral. São todos extremamente frugais na alimentação, embora isto não signifique falta de apetite ou hábitos de temperança, mas avareza, porque não há quem coma com melhor disposição nem beba mais do que êles quando participam de mesa farta, desde que não seja à própria custa. Tôda a gente, aqui, difficilmente se alimenta a horas certas, mas servem-se quando assim o pedem os caprichos do estômago. A dieta constitui-se principalmente de farinha, um pouco de sopa ou caldo de peixe para umedecê-la, e um naco de carne ou peixe, salgado ou fresco, quando pode ser encontrado a baixo preço. Observam a mesma irregularidade quanto ao sono: uns deixam-se ficar o dia inteiro nas suas camas, ao passo que outros permanecem acordados tôda a noite, na única ocupação que os empolga — o baralho.

1.º de setembro. A janela do meu pequeno aposento dá para uma passagem estreita, formada pela parte posterior da prisão e por uma casa ao lado, que foi escolhida como local conveniente para o recolhimento dos presos de Caravelas; dêsse modo, serei doravante obrigado a manter fechada minha janela, e agüentar um quarto escuro. Quando chegará a hora da libertação?

2 de setembro. O desembargador Cláudio toma depoimentos na prisão. É surpreendente ver o grande temor que êsse

homem inspira: tãda a confusão cessa à sua entrada, e a prisão permanece no mais completo silêncio até sua partida. Êle tem sido aqui um segundo Jeffreys³⁰, a perseguir a terra inteira, sob qualquer pretexto.

3 de setembro. Passei muito mal, em parte devido a pensamentos depressivos que por vêzes me assaltam e que não consigo afastar. Se estivesse sòzinho, poderia provàvelmente re-frear meu desânimo; mas é demasiado penoso, ver minha mulher continuamente ferida na delicadeza de seus sentimentos. Sua companhia é de valor inestimável, nesses momentos de aflição; deploro, entretanto, o afeto que a levou a acompanhar-me nesta viagem e fê-la assim conhecer esta terra de misérias.

4 de setembro. Um sargento trouxe-me a solicitação do comandante para que eu tentasse curar um membro de sua criadagem, o qual foi logo depois conduzido ao quarto contíguo ao meu e jogado a um canto, como se fõsse um montão de lixo. Verifiquei estar com febre alta, visivelmente às portas da morte; e indagando sôbre o caso, fui informado de que se achava doente havia já vinte e sete dias, acamado na Casa da Guarda, piorando sempre e inteiramente abandonado até aquêle momento. Acomodi o pobre desgraçado numa esteira; e depois de ministrar-lhe um tônico, fiquei aguardando que êsse surtisse efeito. Mal o homem se havia deitado uns dez minutos, chegou um padre para confessá-lo. Fazendo todos saírem do quarto, sentou-se ao lado do penitente. Não satisfeito com êsse esforço a que o submeteu, declarou ser absolutamente necessário ministrar-lhe a comunhão, o que foi feito com tãdas as formalidades. E como se estivesse determinado a não dar tréguas àquele organismo exausto, deu-lhe ainda a extrema-unção: retirou do bõlso uma pequena caixa de prata, contendo certo unguento verde (prêviamente bento) e, com uma espátula, extraiu pequena quantidade dêle, espalhando-a nas sobrance-lhas, lábios, narinas, orelhas, testa, sola dos pés, palmas das mãos e costas do doente, repetindo uma breve oração após cada etapa, e encerrando a cerimônia com outras preces.

(30) Jeffreys (1648-1689) é considerado o mais infame juiz inglês. Pela sua extraordinária capacidade de interrogatórios cruzados fêz rápida carreira. Morreu executado na Tõrre de Londres.

Diante de minha censura por haver sido tão intempestivo numa ocasião daquelas, declarou o padre-fantasma que o peccador, livrado de tôdas as influências demoníacas sôbre suas funções corpóreas, poderia ser entregue aos efeitos da própria constituição. *Agora*, era perfeitamente irrelevante que morresse ou sarasse.

5 a 11 [de setembro]. A Comissão portou-se muito rudemente para comigo em tôdas as oportunidades, exercendo o máximo de autoridade a fim de molestar-me e ferir meus sentimentos. Quando fui prêso, permitiram que eu levasse comigo uma pequena mala-armário, de viagem, a qual, infelizmente, encerrava apenas minha roupa de cama. As diversas solicitações que venho fazendo, desde então, para que me entreguem outra mala contendo as roupas de minha mulher, têm sido totalmente dêsatendidas ou burladas. No dia 7, reiterei meu pedido, mas não recebi qualquer resposta. No mesmo dia, solicitaram que eu fôsse ver um doente. De volta, passei pelo cárcere onde meus infelizes marinheiros acham-se presos; fui falar com êles e consolá-los, quando o soldado, de guarda diante das grades, proibiu-me de fazê-lo, declarando ter ordens expressas nesse sentido. Avistei o intérprete a certa distância e fui explicar-lhe o assunto. Mas a sentinela, acompanhando-me, declarou que todo e qualquer contato com êle era também proibido, exceto na presença dos membros da Comissão.

Minha tripulação recebera a quota mais amarga da severidade. Já comentei a escassez de gêneros de que padeceu a princípio, e que foi remediada apenas *em promessa*. E se eu não tivesse até então conseguido (com certo risco) enviar-lhes algum auxílio sob a forma de mantimentos e bebidas, jamais poderia ela ter suportado sua horrível situação. Não contentes em quase deixar morrer de fome êsses tripulantes, um dêles foi cruelmente espancado por queixar-se disso; e há dois dias, por causa de uma discussão insignificante, foram-lhe arrebatadas suas facas e navalhas, um pobre diabo foi pôsto no tronco, existente na masmorra, ficando um mosquete apontado para a porta-alçapão enquanto a medida era executada. O tempo tem ultimamente estado assaz tempestuoso, e em conseqüência disso um navio arribou em busca de abrigo. Seu proprietário passou pela janela

da minha prisão, e reconheci nêle um português que eu já encontrara naquelas costas. Resolvi imediatamente escrever umas cartas para a Europa, remetendo-as antes por aquêlê estranho do que por intermédio de quantos havia em redor de mim. Logrei meu intento com certa dificuldade, mas espero, com o maior empenho, que as cartas cheguem ao seu destino.

12 [de setembro]. Foi-me hoje comunicada a feliz notícia de que nossa viagem seria para breve, aguardando-se apenas alguns preparativos sem importância e ventos favoráveis. Isso transformou logo tudo em azáfama e agitação, e vários marinheiros foram trazidos para a prisão a fim de aí permanecerem até a partida, o que constitui a única maneira dessa gente equipar navios a serviço do rei.

13 de setembro. Esta manhã, fui chamado para visitar um fazendeiro doente, que cultivava principalmente a mandioca, raiz inestimável, pois proporciona a farinha ou o pão da América do Sul. Tive oportunidade de observar todo o processo de preparação desta.

A mandioca é um arbusto cheio de nós, que atinge a altura de seis pés ou mais, sem deitar ramos. A raiz, sua única parte útil, assemelha-se um pouco à pastinaca³¹, mais é maior. Planta-se a mandioca, cortando o caule do arbusto em pequenos toros, que são enterrados no solo, de onde rebrotam imediatamente. Depois de crescerem durante uns doze meses, a raiz acha-se inteiramente desenvolvida, mas varia de tamanho conforme a fertilidade da terra, tendo de uma a dez polegadas de diâmetro e de seis polegadas a dois pés de comprimento. Arrancadas as raízes e retirada sua casca, resta uma substância farinácea, leitosa e glutinosa, que é reduzida a pequenos pedaços, num ralador giratório, recoberto com uma chapa de cobre perfurado, caindo tudo num côcho que lhe fica por baixo. É então posta a secar em panelas rasas, a fogo brando, até que se evapore tôda a umidade, assemelhando-se, então, a uma substância granulada e sêca, pronta para ser usada. A tapioca é o suco da raiz, escorrido das raspas e granulado da mesma maneira, a fogo brando.

(31) Pastinaca sativa.

A farinha, utilizada pelos índios da América do Sul ao tempo do descobrimento, foi insensivelmente adotada pelos conquistadores, pois o trigo não se adapta a este solo e a mandioca é cultivada com um centésimo do trabalho e das despesas daquele.

14 de setembro. Envergonho-me de registrar um exemplo de imundície e grosseria dos desgraçados que nos rodeiam. Difícilmente se lhe daria crédito, se não me fôsse dado invocar os testemunhos dos que já tenham visitado a Espanha, Portugal ou o sul do continente europeu. O que lá se observa entre o vulgo, vê-se aqui junto a todas as classes, ou seja, o costume chocante de uns catarem piolhos nas cabeças dos outros. Homens e mulheres assim procedem, indiscriminadamente, de modo especial estas últimas que enchem os momentos de ociosidade com essa distração *elegante*. Exceto à hora das refeições ou da sesta, mal se pode visitar uma casa sem que alguns dos seus moradores não estejam entregues a tal ocupação. Se hoje o menciono é que ao entrar no quarto do prisioneiro vizinho (antes uma figura respeitável da terra), observei que êle, enquanto conversava, deliberadamente reclinou a cabeça nos joelhos da mulher, julgando que a presença de um estranho não seria obstáculo à mencionada operação, que é considerada, ao que parece, uma espécie de prazer, pois continuou a palear muito calmamente.

Entre nós, certa doença cutânea é julgada sobremodo vergonhosa, até mesmo entre as classes mais baixas, sendo citada como opróbrio insultuoso junto aos nossos naturais do norte. Mas no Brasil é um mal geralmente confessado, não estando a êle associada a menor idéia de vergonha ou desgraça. Talvez a sua extensão seja a razão disso, pois quase ninguém dêle escapa; e até mesmo as senhoras exibem seus *delicados* dedos, queixando-se de sarna. A cura dêsse padecimento é raramente tentada, até que, afinal, êle se fixa sob a forma de uma "lepra" escamosa, especialmente no ventre dos homens, cujas camisas têm aberturas laterais, quando estão à vontade, para que se possam coçar mais facilmente, arregaçando as mangas até os cotovelos. E o fazem diante de qualquer um, publicamente e sem pejo, considerando-o sinal de estarem a gosto, sem-cerimônia, em casa.

Poderia eu prosseguir na descrição das maneiras censuráveis que se vêem no Brasil, até chegar ao mais negro vício *secreto*: mas já enrubesço só por exhibirem estas páginas tais estigmas da civilização. Mas a verdade exige registro, pois os traços tenebrosos de uma nação devem ser observados, tanto como seus aspectos mais brilhantes, para conseguir-se um verdadeiro julgamento do seu caráter.

15 de setembro. Existe, neste momento, algo de extremamente pernicioso na atmosfera. Estamos todos sofrendo de ligeira febre e dores de cabeça. Um dos membros de minha tripulação acha-se bem doente, e queixa-se tôda a gente em derredor, sendo inacreditável o número de enterros, considerada a população.

A varíola faz aqui terríveis destruições, assim como outras moléstias, principalmente devido à maneira imprópria com que são tratadas, sendo as sangrias e os clisteres de leite humano os grandes específicos. O Dr. Sangrado³² nunca teve discípulos e advogados mais fiéis que os do Brasil: por qualquer padecimento sem importância, tira-se o sangue do paciente duas ou três vezes; e nos casos de afecções sérias, oito ou dez. Visitei um pobre diabo que havia sido sangrado vinte e uma vezes em nove dias, por causa de uma dor no peito. Encontrei-o à morte, naturalmente.

Censurei êsse procedimento absurdo e tentei convencer os homens da insensatez de recorrerem assim indiscriminadamente a operação tão séria como a flebotomia. Mas raramente os preconceitos são erradicados com facilidade, e não espero que aconteça o contrário, neste particular.

16 a 21 de setembro. A agitação cresce de hora em hora, à medida que se aproxima nossa partida: todos os rostos trazem a marca da ansiedade e da indagação. Reduziram-se consideravelmente as cautelas da cadeia e as sentinelas mostram-se negligentes, permitindo maior liberdade de conversação que a desfrutada desde meu encarceramento. Obtive uma entrevista com

(32) Personagem do romance *Gil Blas de Santillana*, de LESAGE, cuja receita era invariavelmente a sangria e água quente, qualquer que fôsse a doença.

a Comissão e soube que devemos ser transportados em nosso próprio brigue. Tornei a pedir minha mala e prometeram que me seria restituída antes da viagem.

Um indivíduo residente perto de Coroa Vermelha, baía contígua a Santa Cruz, deu-me a notícia de que um bote nela aportara, em situação de perigo extremo, com três inglêses a bordo. O navio dêles se perdera nas proximidades de Santa Helena. Após quinze dias de viagem, sem provisões nem água, alcançaram aquela praia, exaustos e moribundos. Recceberam socorro imediato; no entanto, antes de completamente restabelecidos, foram obrigados a marchar para Pôrto Seguro, sendo jogados, com a mais insensível desumanidade, no mesmo cárcere que eu já ocupara, a pretexto de haver dúvidas quanto ao país de que seriam súditos. Um dêles morreu logo, em face de tamanha calamidade; os outros dois, mais rijos, resistiram durante algumas semanas, quando chegou ordem da Bahia para que fôsseni imediatamente removidos para lá.

O homem não me soube dizer o nome de nenhum dos três, nem o do navio naufragado*, e eu fiquei a pensar porque uma circunstância tão interessante e recente não me havia sido antes mencionada. Tive minhas dúvidas a respeito de sua veracidade e as referi a um padre amigo (vigário de Vila Verde), quando êle me visitou para despedir-se. Confirmou tôda a história.

22 de setembro. Chegou um soldado com uma trouxa para nós, contendo quatro camisas de minha mulher, retiradas de nossa mala e enviadas para a viagem. Isso desacompanhado de quaisquer desculpas ou explicações. Há alguns dias, quando a Comissão me prometeu a mala, insisti nesse sentido e apresentei, como argumento, a falta de roupa branca de que sofria minha mulher. Êles adotaram êsse feliz e delicado expediente para supri-la do que carecia, em vez de cumprir a palavra.

23 de setembro. Chegou a manhã da partida; um recado anunciou-a desde cedo, causando reboliço geral, a que me associi de bom grado, diante da perspectiva de mudança. Pelas

(*) Envidei, desde então, grandes esforços para verificá-lo, mas sem resultado, salvo quanto ao fato de que um dos sobreviventes era o mestre do navio, e de que ambos foram remetidos para a Europa.

dez horas, o Sr. Germano, escrivão da Comissão³³, reuniu os principais prisioneiros, em número de vinte e cinco, na sala do Conselho; o tenente e a tropa formaram diante da prisão, onde a êles nos juntamos, sendo escoltados até a casa do desembargador Cláudio, o qual, com os oficiais da milícia do lugar e os moradores mais importantes, aguardava-nos para que fôsse organizado um desfile e procedido o embarque. O desembargador e os oficiais da milícia tomaram a dianteira e, em meio dêles, os prisioneiros caminhavam indiscriminadamente, seguidos pelos escreventes e outros funcionários da justiça. Vinha minha tripulação logo a seguir, carregando sua bagagem, sob a vigilância de um piquête de soldados e, logo após, desfilavam os presos de Caravelas, guardados por outro piquête, ao passo que a retaguarda era constituída de prisioneiros inferiores, do resto da tropa e de imensa massa de povo.

A cena era até certo ponto nova, estando reunida quase tôda a população do lugar para assistir nossa partida. Fomos levados pelo caminho sinuoso que desce a encosta do morro, até a praia. Voltei-me para observar aquela vereda desgarrada a meia encosta, para surgir de nôvo, no alto. Era a mais romântica das paisagens.

Nosso embarque terminou antes do meio-dia. Por volta das duas horas, foi dado o sinal de largar. Cruzamos a barra sem acidentes, no brigue, mas a sumaca não foi feliz, provavelmente por ter maior calado e levar maior número de pessoas no seu bordo, pois não viajara ainda nem um quarto de milha quando encalhou no lodo, ao passo que nós seguimos viagem com escota folgada.

24 a 25 de setembro. A tripulação do brigue era constituída de portuguezes e o barco ostentava as côres lusas. Eu, minha mulher, três membros de minha tripulação e mais dois outros detentos, fomos postos sob a guarda de um oficial de justiça, seis soldados e um cabo. A cabina estava cheia, quase a ponto de sufocar, e eu tive grande dificuldade em assegurar a posse de um pequeno beliche, dividido por um tabique.

(33) Deve ser Germano Ferreira Barreto, escrivão na Bahia.

Depois de uma bela travessia, ancoramos na Baía de Todos os Santos. Um barco, levando a bordo um oficial de marinha, foi despachado à terra, sendo apresentado relatório ao governador, que deu ordens para que todos permanecêssemos no navio até a chegada da sumaca.

27 de setembro. Estamos ancorados. Um navio, que se achava junto a nós, seguiu para Lisboa. Que não teria eu dado para enviar, por êle, informações sobre a minha situação? Mas seria impossível! Nem sequer permitiram que fôsse remetida a carta que escrevi ao Sr. Lisboa, comerciante daqui, informando-o da minha chegada³⁴.

28 de setembro. Chegou a sumaca, e a Comissão desembarcou imediatamente. Fiquei ansioso quanto ao destino que nos seria dado e às medidas que iriam tomar. Tudo, porém, foi em breve esclarecido por um sargento, que apareceu pelas quatro horas, numa barcaça coberta, para conduzir-nos ao Forte do Mar³⁵, que fica no centro da baía, em frente à cidade.

Suas ordens foram tão precipitadas que mal nos deram tempo de transportar nossos poucos pertences para a barcaça. Durante a travessia, informou que nossa situação seria agora muito mais tolerável, não só porque teríamos os bons ares de um local livre e desimpedido, mas também devido ao fato de minha mulher, não sendo mais prisioneira, ter oportunidade de ir à cidade, sempre que lhe aprouvesse. O agradável aspecto das coisas soergueu o nosso ânimo abatido, e transpusemos com alacridade o embarcadouro do forte, dirigindo-nos para a casa do capitão. Ficamos um tanto chocados com a frieza de sua recepção, e inconcebivelmente mais ainda quando nos mostrou o cárcere do forte e ordenou que nossa bagagem fôsse transportada para lá. Vendo que os pequenos aposentos vizinhos à sua casa se achavam ocupados por oficiais e outros presos, julguei que aquilo talvez fôsse um arranjo momentâneo e permiti que o sargento se retirasse, deixando-me naquela presunção. Mal, porém, foi nossa bagagem depositada no local, o capitão mandou-nos entrar no cárcere. Um soldado aguardava-nos à porta com uma chave imensa, para fechá-la. Surpreendido

(34) Antônio da Silva Lisboa, como se disse no prefácio.

(35) *Fort de Mar*, no original.

diante dessas circunstâncias, solicitei que minha mulher pudesse transportar-se à terra firme e queixei-me, imediatamente, daquilo a que nos submetiam. Mas o capitão replicou que ela também estava incluída nas ordens relativas à nossa rigorosa reclusão.

A coragem faltou-me naquele momento, e minha mulher foi prêsda da mais angustiada aflição. Estávamos à entrada de uma escura catacumba, cujo extremo não conseguíamos divisar, e a idéia de que a porta iria fechar-se sôbre nós fez com que minha pobre mulher caísse em pranto. Suplicou melhor sorte, mas tudo em vão; implorou o simples favor de deixarem a porta aberta sômente durante a noite, antes de nos recolhermos ao leito, indo em busca do capitão para fazer-lhe êsse pedido. Mas foi como se dirigisse palavras ao vento.

Permaneci calado durante tôda a cena, em estado de estupefação, e lúgubres imagens povoaram-me o espírito; julguei que nos achávamos agora condenados a uma prisão miserável, senão a pior sorte. Fui despertado dêsse estupor pelo regresso do capitão, o qual, exibindo uma ordem peremptória do governador, começou a insistir âsperamente para que entrássemos. Instei com minha mulher, a fim de que se mostrasse forte e acalmasse sua agitação, a qual, naquela altura, havia atingido tão alto grau a ponto de eu mal conseguir suster o seu corpo trêmulo, na descida da escada. E logo que chegamos lá embaixo, a porta fechou-se sôbre nós, correndo-se o pesado ferrôlho.

Meus primeiros esforços foram no sentido de acalmar e consolar minha querida companheira aflita e conciliá-la o mais possível com a nossa horrível sorte. Fui, em parte, bem sucedido. Aliviadas as primeiras emoções, deixei-a para explorar a nova prisão. Através de algumas aberturas da porta, coava-se uma luz frouxa; consegui ver que a masmorra era uma comprida catacumba em arcos, havendo, num lado, um estrado de madeira para o repouso de seus ocupantes. Sôbre êle nossa bagagem fôra atirada de qualquer maneira. Fiquei transido ao longo das paredes cada vez mais úmidas, à medida que me aproximava de sua extremidade, onde a atmosfera, de tão pesada, quase me impedia a respiração. Voltei apressadamente aos melhores ares da vizinhança da porta.

Apesar da aparente aspereza do capitão do forte (Sr. Joaquim José Veloso³⁶), êle me pareceu preocupado até mesmo no instante em que fêz ouvidos de mercador à minha mulher; e isto se confirmou diante de seu regresso, dentro em pouco, aconselhando-me que fizesse um requerimento ao governador ["recremento"] a respeito de nossa miserável situação, oferecendo o material para que eu o redigisse e prometendo-me que seria a petição encaminhada pela manhã.

Segui seu conselho: descrevi, em têrmos enérgicos, nosso cárcere e sua unidade; queixei-me de ser tratado como criminoso ou assassino; aludi a minha mulher, e indaguei por que razão incluía-se uma senhora naquela severidade, observando que "nesta era de civilização, aquilo era contrário aos usos de tôdas as nações, e que os compatriotas de Sua Excelência teriam, na Europa, recebido tratamento muito diferente". Por fim, solicitei aposentos decentes, a liberdade de tomar ar e fazer exercício, bem como a de ter os serviços de um empregado. Fiz acompanhar essa reclamação de uma outra, dirigida ao comandante Brás Cardoso³⁷, apelando para os seus sentimentos de *homem e marujo*, mencionando, ainda, que se tal severidade era exercida a fim de impedir que eu me comunicasse com quem quer que fôsse, empenhava minha palavra de honra, prometendo que não o faria de mancira alguma.

Depois de concluir minhas cartas, a aproximação da noite lembrou-nos a necessidade de arrumarmos nossas camas e arranjarmos nossos poucos pertences da melhor mancira possível. Enquanto assim procedíamos, tivemos a satisfação de ver aproximar-se um empregado, com uma lâmpada, óleo e um grande jarro de água. Mal fechou-se a porta, fui novamente chamado por um oficial, de parte do governador, trazendo o dinheiro de minha pensão semanal, à razão de um cruzado por dia, e outra lâmpada, nova em fôlha, com a estôpa destinada a abastecê-la. Estes fatos tornaram a deprimir-me, desvanecendo-se as esperanças latentes que eu alimentara com as minhas petições escritas.

(36) Joaquim Jozé Velozé, no original, aliás José Joaquim Veloso.

(37) Brás Cardoso Barreto Pimentel, oficial de marinha e membro da Comissão de Inquérito, como se viu no diário de 14 de julho.

Caíra a noite. Com o auxílio da lâmpada, descobri uma nova fonte de aborrecimentos, que nos gelou o sangue nas veias: diversas centopéias arrastavam-se pelas paredes e algumas aranhas saíram de suas tocas, parecendo venenosas, ao passo que uma quantidade imensa de gafanhotos pardos (iguais aos gafanhotos comuns da Índia, porém maiores) pululavam, voando sobre nós de tôdas as direções e caindo do teto sobre os nossos corpos. O estrado de madeira e a cama estavam crivados desses bichos, mas não tivemos outro remédio e fomo-nos deitar em meio deles, de bom grado. Parecia impossível dormir, tanto mais que alguns ratos, parecendo ressentir-se com nossa intromissão em sua lúgubre morada, se perseguiam mutuamente, provocando grande ruído. Malgrado todos esses inconvenientes, os cuidados e inquietações do dia me prostraram; curvei-me diante do amargo destino e, por volta da meia-noite, cerrei as pálpebras fatigadas. Minha mulher não foi tão feliz; varou a noite em meios cochilos, num dormitar fatigante, cheio de sonhos terríveis, e despertou com um pouco de febre.

29 de setembro. Quando acordei, alguns raios de sol esparsos penetravam pelas nossas grades. Levantei-me de melhor ânimo, mas com o peito oprimido por respirar aquêlo ar viciado, e sentindo tonteiras e dor de cabeça. Após uma refeição leve, sentindo-me mais forte com os raios solares, fiquei tentado a realizar uma inspeção mais exata da masmorra. Fica ela muito abaixo do nível do forte; sua porta é de madeira pesada, revestida interna e externamente de barras de ferro, fortemente cravadas. Junto à porta, a parede em frente ao arco tem seis pés de espessura. Entrando-se pela porta, três degraus dão acesso à catacumba, que mede cêrca de cinqüenta pés de comprimento, nove de largura e igual número de altura. O estrado estende-se por uns trinta pés, deixando uma apertada passagem de um dos lados, até sua extremidade, depois da qual a catacumba fica desimpedida pelo espaço de algumas jardas, terminando, aparentemente, no centro da tôrre. Além de seus confins, existe um escuro desvão abobadado, no qual se nota um grande orifício, que dá para o mar. Uma porta veda a entrada desse desvão. Ao abri-la, surgiu tamanha variedade de bichos, que tornei a fechá-la mais que depressa, estremecendo. A masmorra é tão

úmida por toda a parte que nós já o sentimos nas roupas do corpo e da cama. Não poderemos, com toda a certeza, viver muito tempo nesta situação, e só espero alívio da misericordiosa Providência.

O sargento que levava minhas cartas voltou pelas onze horas com a informação de que o governador tinha mandado traduzir a que lhe dirigira, mas que o comandante Brás Cardoso não estava em casa. Mal acabara sua comunicação, tivemos a agradabilíssima surpresa de ver entrar o comandante em pessoa, com dois sargentos ajudantes-de-ordens, e passar à casa do capitão Veloso. Voltou quase imediatamente e a porta se escancarou, conduzindo-nos êle para fora da horrível catacumba.

Convidou-nos o capitão a entrar em seus aposentos; e após as saudações mútuas, informou-nos o comandante haver procurado o governador, ao receber minha carta, encontrando a outra no palácio, dirigida a êste, e que acabara de ser traduzida. Com grande empenho e muitas dificuldades, obtivera uma ordem para a nossa libertação da masmorra; teríamos agora um aposento, com liberdade de movimentos pelo forte. E, para evitar dúvidas, êle próprio trouxera essa ordem.

Agradei sua bondade, pois a reconhecia de coração; e apesar de meus esforços, êste sentimento transpareceu nos meus olhos, quando aquêle homem generoso, exceção e honra de seu país, já não se achava presente. Apertou-nos as mãos e pediu que lhe informássemos de tôdas as nossas necessidades, recomendando-nos aos bons officios do capitão Veloso; em seguida, alegando um compromisso, deixou-nos abruptamente.

O capitão Veloso apresentou-nos à senhora e ao resto da família, ordenou que nos fôsse preparado um quarto e removida a nossa bagagem. Durante êste intervalo, mostrou-nos o oratório do forte, ao lado de sua casa, e portou-se com a máxima polidez. Por volta do meio-dia, tomamos posse do nosso nôvo aposento, que é um quarto caiado de branco, pavimentado com lajes, aberto até o alto e coberto de telhas. A porta, que dá para a grande plataforma do forte, serve-nos de única "janela".

O capitão ofereceu-nos alguma coisa para o jantar e deu-nos liberdade de usar sua cozinha, de ora em diante. Em resumo,

tudo isso indica ter havido uma confortável mudança, substituindo a miséria com que fomos ameaçados.

À tarde, caminhamos pelas plataformas que dominam, ao sul, a mais graciosa paisagem da entrada da baía; a leste, estendem-se a cidade e o campo, até as alturas distantes do Monte Serrate, encantadoramente pontilhado de vivendas, conventos, etc.; ao norte, ergue-se um grupo de ilhas afastadas³⁸; e a oeste situa-se a opulenta ilha de Itaparica³⁹.

30 de setembro. Ontem à noite fui brindado com a companhia do capitão Veloso; achei-o muito mais inteligente que a maior parte de seus compatriotas. Suas aptidões não são unicamente profissionais, limitadas exclusivamente à geometria e à tática, pois está bem familiarizado com a astronomia e outras ciências, e conversa sobre assuntos gerais com a facilidade de pessoa bem informada. É estranho que seja natural deste lugar e dêle quase não tenha saído. Deve, porém, exclusivamente ao seu próprio mérito a nomeação que teve e a cruz que pende de sua lapela.

O capitão Veloso está bem a par da história do seu país; antevejo que o seu convívio me dará bastante distração e proveito. Soube que minha tripulação acha-se prisioneira no Forte de Barbalho; o capitão-mor e os filhos do ouvidor de Pôrto Seguro estão no Forte de São Pedro⁴⁰; os prisioneiros de Caravelas, no Forte de Monte Serrate; e os demais, na cadeia da cidade.

1.º de outubro. O Forte do Mar repete os sinais de todos os navios que entram no pôrto, sinais êsses feitos, primeiro em Santo Antônio da Barra⁴¹, e aqui anunciados por um tiro de canhão, uma bandeira tricolor para os navios de três mastros, uma vermelha para os brigues e uma branca para as sumacas. Para desempenhar essa obrigação e executar todos os demais

(38) As principais são dos Frades, Madre de Deus e das Fontes. No original: *des Fratres, Mai de Deos, des Fontanas e Maahuim*. Maahuim será talvez Matuim que é localidade e rio, mas não ilha.

(39) No original: *Itaporica*.

(40) No original: *San Pedro*.

(41) *St. Antonio de Bar*, no original.

pequenos serviços do forte, existe uma guarda de vinte homens do regimento de artilharia, que é rendida nos dias 1.^o e 15 de cada mês. Assim, hoje de manhã entrou uma nova.

2 [de outubro]. Chegaram ontem, de visita, vários parentes do capitão (acredito que por curiosidade, diante de nossa vinda). Reunimo-nos a êles ontem à noite para jogar cartas. Em seguida, as senhoras cantaram diversas músicas. Hoje passamos novamente o dia com êles *en famille*, e de maneira tão agradável que esquecemos, naqueles momentos, tôdas as nossas tristezas.

3 [de outubro]. Os amigos do capitão Veloso partiram depois do jantar, para o qual também fomos convidados. Os pratos eram simples, porém muito superiores aos de Pôrto Seguro. Os convidados eram bem mais finos, embora êles tivessem o horrível costume do país, qual seja, o de comer com as mãos, em vez de usar facas e garfos, pôsto que não houvesse falta d'esses utensílios. Primeiro tomam entre os dedos um pouco de carne (que é sempre tão bem passada que se separa facilmente) e, depois, legumes e farinha. Mergulham isto no mólho ou na sopa, que têm em abundância nos seus pratos, esmagam o conjunto na palma da mão, fazendo um bôlo mais ou menos do tamanho de um pequeno sabonete, o qual, assim pronto, levam imediatamente à bôca, preparando outro enquanto comem.

Por mais grosseiro e repugnante que possa parecer êste quadro, não lhe estou carregando as tintas. Ambos os sexos adotam por igual a mesma prática, que predomina em quase tôdas as classes. E até mesmo perante estranhos, se acaso tomam faca e garfo, cansam-se logo de um estilo tão pouco usual, lento e enfadonho; abandonam involuntariamente o talher e recaem no hábito antigo, com redobrada avidez. É verdade que, a exemplo do Oriente, trazem-lhes água antes e depois das refeições; mas isto não desculpa, de modo algum, êsse costume bárbaro e pouco asseado.

4 [de outubro]. As mulheres de tôdas as categorias, até as negras, enfeitam-se ao pescoço com cadeias de ouro, que ficam pependentes. Têm elas geralmente de uma a três jardas de

comprimento e são de três ou quatro voltas, contendo, dependurados, um crucifixo (ou *Agnus Dei*), um santo ou dois escapulários^{*42} quadrados e de ouro, com querubins, etc., entalhados ou em relevo, e que se abrem como se fôsem medallhões.

Só os lavôres dessas correntes e o pêso dos ornamentos estabelecem diferença entre os seus portadores. A senhora do capitão Veloso ostentava uma coleção completa dêses enfeites, ao passo que uma pobre mulher, que viera a negócios, usava simplesmente um fio de ouro com dois escapulários de sêda. Êsses escapulários não têm mera finalidade religiosa; servem também de invólucros para feitiços, que curam ou impedem certas doenças e aliviam padecimentos graves. Não sei se os cidadãos adotaram tal superstição dos negros de Guiné, seus escravos, ou se existe outra causa que o explique. Mas são geralmente dados a essa prática.

Depois de uma febre grave, tive uns calefrios que persistiram por algum tempo. Um senhor de Caravelas ofereceu-me certo feitiço infalível, que os dissiparia imediatamente. Recusci-o; êle insistiu com tal veemência que cedi à sua oferta, para evitar ofendê-lo. Escreveu imediatamente o feitiço num papel de formato curiosamente triangular: eu deveria usá-lo junto ao coração e, diariamente, ao meio-dia, repetir determinado número de ave-marias, padre-nossos e glórias, tendo o cuidado de jamais deixar de usá-lo, sob pena de voltar o meu mal. Gostaria de ter inserido aqui êste específico infalível para o bem daqueles meus leitores inglêses que são por demais ludibriados por imposturas análogas, disfarçadas em pílulas ou pós que nunca falham. Acredito que os dois feitiços, o brasileiro e o inglêz, prestam iguais serviços. Mas aquêle é mais inocente. Infelizmente, porém, para os inglêses e para mim, êle foi apreendido com os meus outros papéis, e nunca mais restituído.

(*) Aqui se denominam *bentos*. Foram instituídos por S. Bento, cuja imagem ostentam. Dizem que êles protegem quem os usa, da influência demoniaca do pecado, etc., etc.

(42) *Bentos*, ou melhor *beninhos*, são, em geral escapulários *benzidos* ou *bentos*, que nada têm que ver com S. Bento. Houve confusão do A. pela semelhança da palavra. O escapulário pode ser substituído por uma medalha. As vêzes o estojo contém apenas uma oração escrita, ou uma fórmula mágica.

5 [de outubro]. Hoje de manhã, recebi uma ordem de comparecer à presença do Sr. Cláudio, desembargador do Crime, a bordo do brigue. Encontrei-o com o escrivão, o intérprete e os demais acompanhantes. Uma barcaça achava-se no local, para transportar a carga do navio, atividade iniciada imediatamente após a minha chegada, e que prosseguiu até à noite. Todas as mercadorias foram retiradas de bordo e feito um registro sumário de tudo.

6 [de outubro]. A carga foi enviada para a Alfândega e aí, em grande estilo, sentaram-se o desembargador Cláudio e as outras principais autoridades, a fim de testemunhar sua retirada do barco e seu depósito no Armazém Real, onde deverá, amanhã, ser minuciosamente examinada. Nessa ocasião, solicitei-me fosse entregue minha mala.

7 a 10 [de outubro]. Encontrei o mesmo pessoal de ontem. Iniciou-se o exame da carga do brigue, sendo cada artigo inspecionado de per si. As belas mercadorias achavam-se, de modo geral, num triste estado de ruína, devido à umidade e à depredação dos ratos, gafanhotos e outros insetos daninhos; muito diferentes, enfim, das excelentes condições em que se encontravam na época da apreensão, isso provavelmente ocasionado pela permanência, durante tantos meses e sem serem cuidadas ou removidas, num porão úmido, jamais aberto para que recebessem o benefício do ar, e cheio de insetos daninhos; sujeitas, ainda, por todo esse tempo, às vicissitudes da zona tórrida, isto é, às chuvas excessivas e incessantes por dias e dias, seguidas de um sol ardente.

O conjunto foi também avaliado, mas muitíssimo baixo, em face das condições atuais: duzentos por cento aquém do seu valor no local. Provavelmente, tinham as autoridades algum desígnio ulterior para assim proceder. Após essa farsa de justiça, o desembargador perguntou-me, com grande solenidade, se a carga que acabava de ser examinada era a mesma que fôra retirada de minha posse. Respondi categoricamente que não era, estando agora sua qualidade completamente prejudicada e sua quantidade consideravelmente reduzida pelo saque ou por outros meios quaisquer. E imediatamente o comprovei em relação a quase todos os artigos, com os meus livros (na posse deles).

Isso desagradou sobremodo ao desembargador, o que não me fêz moosa. E a sessão foi suspensa.

10 [de outubro]. A tripulação escreveu-me uma carta, declarando que a diária de oito dinheiros *per capita* bastava para sua subsistência, mas não para o vestuário — de cuja falta muito padeciam. Dois de seus membros não tinham sequer uma camisa.

Hoje, mencionei êsse fato na Alfândega e solicitei uma camisa para cada um, das que havia na minha carga, o que foi recusado. Mas o desembargador condescendeu em dar à tripulação as suas arcas (atualmente vazias), e o que restava de uma barrica de carne e algum arroz estragado, coisas consideradas sem o menor valor. Simultâneamente, foram-me entregues minha mala, há tanto tempo guardada, e outras ninharias, mas não meus livros e papéis.

A maior parte do conteúdo da mala havia sido retirada, o que eu timbrei em mencionar, enumerando os artigos que faltavam. Isso, porém, de nada adiantou, e eu regresssei prazerosamente ao forte com a parte recebida.

11 [de outubro]. Completando-se o inventário e o simulacro de avaliação da carga, o desembargador e os demais assinaram o instrumento, o que eu recusei categoricamente fazer, quando, a meu turno, fui a isso convocado. O Sr. Cláudio insistiu preceptoriamente em que eu o assinasse, e como eu ainda levantasse objeções, ameaçou-me com a máxima severidade, caso eu não cedesse. Tendo já experimentado os efeitos de sua autoridade, submeti-me com relutância, considerando um ato de prepotência de sua parte, aproveitar-se mesquinha-mente de minha condição de prêso. Por conseguinte, minha assinatura realmente não acarretava, de maneira alguma, o meu assentimento.

12 [de outubro]. O exame do navio foi interrompido com a comemoração do aniversário do nascimento de D. Pedro de Alcântara, o primogênito do Príncipe do Brasil⁴³. Foram

(43) D. Pedro de Alcântara é o futuro Imperador do Brasil. Príncipe do Brasil era o título do herdeiro do trono, futuro D. João vi.

disparadas vinte e uma salvas, da terra, e igual número dado em resposta pelo forte onde me acho prisioneiro.

13 [de outubro]. Acompanhado pelo Sr. Cláudio e vários funcionários das docas, fui a bordo do infelizmente brigue. Procedeu-se à sua avaliação, tal como havia sido feito quanto à carga, mas, se possível, de maneira ainda mais ridícula no que concerne à verdadeira e justa estimativa. Montou apenas a seiscentos mil réis, ou cento e oitenta e três libras esterlinas, embora tivesse êle custado seiscentas libras no Cabo, como prêsa, cêrca de dezoito meses antes. E tinha recebido diversos acréscimos e reparos no casco, velame e cordame. Quando me foi arrebatado, em Caravelas, seu estado era infinitamente superior ao da época de sua compra. Apesar disso, minha assinatura foi novamente exigida e eu a dei com o mesmo espírito de antes: constrangido como estava, não poderia ser válida.

Encerrada a questão, quis obter uma cópia dos inventários, etc., oferecendo-me a pagar pela sua transcrição. Mas o Sr. Cláudio recusou peremptoriamente atender à minha solicitação, que era “contrária às praxes dos tribunais”. Fui reconduzido ao forte e vi, de passagem, as mercadorias do brigue serem enviadas, numa embarcação, com destino a um remoto armazém real, onde ficariam temporariamente. O navio estava ancorado diante da Alfândega, desfraldando somente velas inferiores.

Ruminando sôbre êstes últimos dias e a minha situação, pensamentos desagradáveis abateram-me sèriamente, agravados pelo fato de transcórrer meu trigésimo primeiro aniversário.

Meu Deus! Como foram felizes os anos anteriores, e fugazes, comparados ao último. Há dez anos, comemorava meu aniversário em Londres, cercado de amigos; agora, eis-me um triste prisioneiro.

Os pensamentos eram por demais humilhantes. Levantei-me, sacudi aquelas idéias e, determinado a erguer-me acima da minha sorte, encomendei de terra umas iguarias extraordinárias para o jantar e solicitei ao capitão e família que viessem dêle participar, desde que eu tivesse a liberdade de fazer a

refeição nos seus aposentos, sendo o meu demasiadamente pequeno e impróprio. Ele concordou de pronto e mandou convidar, em terra, doze amigos para a comemoração. Fizeram ampla justiça à mesa, e o dia se passou de maneira bastante agradável.

14 e 15 [de outubro]. Solicitei uma audiência ao Sr. Francisco da Cunha Meneses⁴⁴, governador-geral, para saber, se possível, que pretendia êle fazer comigo. Não obtive resposta.

16 [de outubro]. Fui surpreendido com a visita do Sr. Germano⁴⁵, escrivão da antiga Comissão, que me trouxe cópias dos inventários, etc., realizados naquela semana (para serem enviados a Lisboa), com ordem do desembargador para que eu as assinasse também. Assim como acedi quanto aos originais, por necessidade, julguei seria incoerente recusar, neste caso. Aproveitei a oportunidade para indagar por quanto tempo deveria prolongar-se nossa prisão e quando seria o seu eventual término. Assegurou-me o Sr. Germano que seríamos em breve enviados para Lisboa.

17 [de outubro]. O capitão do forte manda celebrar missa regularmente, todos os domingos e dias santificados, num oratório para êsse fim destinado. Um franciscano desempenha a missa, à razão de dois xelins por missa: é um parente. Permanece por aqui algumas horas após o serviço religioso, para repousar, mas é obrigado a regressar ao convento antes das vésperas, sob pena de expulsão, exceto quando obtém licença do seu superior.

Observando-lhe eu, hoje, após o ofício religioso, como são incômodas suas vestes eclesiásticas, explicou-me que nada menos de sete peças de vestuário são indispensáveis para que um padre possa celebrar missa. Primeiro a batina, ou uma leve túnica de fazenda preta, que vai dos ombros aos pés. Depois o amito, de

(44) Francisco da Cunha Meneses, governador da Bahia de 1802 a 1805. Era marechal-de-campo. Considerado um benemérito da capitania por ter nela introduzido a vacina contra a varíola.

(45) No original: *Germane*.

linho branco, aberto como um xale em volta do pescoço. Sobre eles é colocada a alva, ampla veste de linho branco, com mangas, à qual é prêso o cingulo, cordão de linho trançado, com grandes borlas. Em tórno do braço esquerdo é colocado o manípulo, ou faixa de sêda com dois pés de comprimento e quatro polegadas de largura, alargando-se nas extremidades e terminando em longa franja. As côres da sêda correspondem às da estola e da casula. A estola é também de sêda, sendo usada sobre os ombros, cruzando-se ao peito e prêsa dos lados. A casula fica por cima de tudo mais, sendo de grosso damasco de sêda, franjado de larga renda de ouro ou rica sêda dourada, tendo aproximadamente uma jarda de largura, na frente e nas costas. Vai dos ombros até os joelhos, é aberta dos lados e fechada ao pescoço, sendo enfiada pela cabeça. Esta última veste pode ser de diversas côres, sendo branca, para as festas da Virgem; verde para os domingos; carmezim, para o Dia dos Apóstolos; violeta, para o Dia dos Inocentes, o de Finados e a Quaresma; e preta, para funerais⁴⁶.

Essa ridícula submissão ao formalismo é muito pesada neste clima quente. Assisti muitas vêzes o padre officiar numa capela fechada; grandes gôtas de suor escorriam pela sua testa, enquanto êle atropelava o latim, ininteligivelmente.

18 [de outubro]. Em conversa com o capitão Veloso, êle reconheceu a justeza da minha observação: o Brasil, considerado o número de anos em que vem sendo colonizado, o espaço que ocupa e os habitantes que tem, exhibe, talvez, a maior deficiência de talento e curiosidade do globo; ou, pelo menos, não se vêem esforços no sentido de despertar êsses atributos.

Os jesuítas, logo após o descobrimento, mostraram empenho em suas pesquisas sobre os produtos da terra, os cos-

(46) A explicação do uso das côres não está exata. A côr branca e usada nas festas de N. S. Jesus Cristo, de N. Senhora, dos anjos e dos santos em geral. A vermelha nas festas do Espírito Santo e dos mártires. A verde nos tempos da Epifania e Pentecostes. A roxa na Quaresma e no Advento. A preta dos officios fúnebres. V. Fr. Basílio RÖWER, OFM.: *Dicionário litúrgico*, 4.^a ed., Petrópolis, 1947, p. 76. É curioso o espanto do A. inglês porque a Igreja Anglicana conservou grande parte dêsses paramentos.

tumes de seus possuidores, os nomes de suas nações, realizando inúmeras outras observações geralmente efetuadas pelos europeus. Não se sabe se essa modalidade de indústria dos bons padres foi desencorajada pelo govêrno, ou por qualquer outro motivo; mas tôdas as tentativas nesse terreno cessaram em meados do século XVIII.

Na atual época de luzes da sociedade, é singular que as investigações não sejam reiniciadas pela nação em geral. Mas isto não acontece, com uma única exceção individual na pessoa do padre Francisco Agostinho⁴⁷, sacerdote da Bahia (a quem fui apresentado em minha última viagem a êsse lugar). Seu pai, um rico negociante, descobrindo no jovem Francisco especial inclinação para o estudo, dedicou-o desde cedo ao sacerdócio. Com a morte do pai, que lhe deixou uma fortuna, não exerce o filho nenhum dos misteres ligados às suas funções: afastou-se dêles para entregar-se com prazer às suas atividades prediletas. Está familiarizado com a ciência em geral, mas a botânica é seu imediato objeto de estudos. Não poderia ter escolhido outro ramo que lhe proporcionasse, aqui, igual campo de observação, neste país cujas riquezas incogitáveis em produtos naturais ainda são desconhecidas, mas que enriquecerão imensamente o globo, quando forem descobertas.

No propósito de qualificar-se para os diferentes campos a que dedicou sua atenção, o padre Agostinho estudou francês e inglês. E graças a uma infatigável dedicação, tornou-se com-

(47) O padre Francisco Agostinho Gomes, assim chamado apesar de não ter recebido a ordem de presbítero após concluir seus estudos, era realmente um dos mais cultos baianos do tempo, aliando à cultura uma extrema bondade. Nascido rico, morreu pobre e esquecido. Seus livros passaram à biblioteca pública da Bahia. V. Diogo Soares da Silva de BIVAR: "Elogio histórico de Francisco Ag. Gomes, membro correspondente do Instituto", na *Revista do Inst. Histórico e Geogr. Brasileiro*, t. IV, p. 28. Foi Ag. Gomes autor de vários pequenos trabalhos relacionados por Sacramento BLAKE: *Dicion. bibliogr. brasileiro*, II, 1893, p. 383. Introduziu na Bahia o gado de raça Turina. Foi deputado nas Côrtes de Lisboa em 1820. Recusando-se a assinar a Constituição do Reino Unido, retirou-se para a Inglaterra. Foi deputado na Constituinte do Rio de Janeiro em 1823 e deputado na primeira legislatura. Sobre sua personalidade e seu brasão de armas, v. Cid. TEIXEIRA, *Revista do Inst. Genealógico da Bahia*, I, 1, 1945, p. 11.

petente nessas línguas, sem professor. Quando estive com êle, sua biblioteca continha obras muito completas, nos dois idiomas. Observei, em francês, a *Encyclopédia*, de d'Alcembert, Buffon e Lavoisier; entre os nossos autores, havia escolhido principalmente os de história natural, economia política, viagens e obras filosóficas. Além disso, obtive em Londres completa aparelhagem astronômica.

Elogiou particularmente a *América*, de Robertson, e a *Wealth of Nations*, de Adam Smith, lamentando, ao mesmo tempo, "como os seus sistemas eram pouco observados no Brasil".

Para mostrar como estava de certo modo informado sobre nossas controvérsias políticas, exibiu as obras de Payne⁴⁸ e pareceu que concordava com algumas de suas opiniões sem valor.

Colecionou o padre Agostinho muitos e valiosos espécimes marinhos, fósseis e minerais. Suas descobertas botânicas são inúmeras e êle revelou ainda algumas espécies novas. Classificou sua coleção de acôrdo com o sistema de Lincú, enviando-a para Lisboa.

19 [de outubro]. É surpreendente ver como se observa pouco, neste país, a matéria de subordinação de classes. A França, em sua fase de mais completa revolução e igualdade dos cidadãos, jamais o excedeu a êsse respeito. Vê-se, aqui, o empregado branco conversar com o patrão em têrmos da maior igualdade e cordialidade, discutir-lhe as ordens e questionar a seu respeito, se são contrárias à *opinião que julgue mais fundada*. É o superior o recebe de boa cara, concordando, frequentemente com êle. O sistema não fica nisso, mas estende-se aos mulatos e até mesmo aos negros. Ninguém sofre qualquer humilhação, exceto o servo paciente e trabalhador: o índio.

(48) Como bom inglês, o A. despreza as obras de Thomas Payne, publicista norte-americano que no livro *Common sense*, pequena e viva brochura, defende, pela primeira vez, francamente a idéia republicana no século XVIII. Payne sustenta que o apêgo dos ingleses à forma tradicional de govêrno deriva menos da razão que do orgulho nacional. Veja-se, por essa minúcia, o grau de independência mental do Padre F. Agostinho Gomes.

Nota-se a mesma liberdade licenciosa entre os marinheiros e a tropa. A bordo de um navio, raramente qualquer ordem é transmitida sem que os marinheiros dêem opinião a respeito, envolvendo-se, freqüentemente, em altercações e confusões. Em consequência disso, todos os oficiais que andam pelo tombadilho empunham um bastão de dimensões nada pequenas, como símbolo de sua autoridade, a fim de usá-lo se a ocasião o exigir, e assim fazer cumprir as obrigações no navio.

O capitão do forte em que me encontro percorre a plataforma metido numas calças de grosseiro algodão estampado e numa jaqueta do mesmo, empunhando um bastão de cipó, dando ordens ao seu grupo de artilheiros no trabalho, e tratando-os de *camaradas*. Tomei a liberdade de censurar-lhe o “companheiro” de pau, ao que replicou: “Nenhum serviço andaria sem êle”.

Em Pôrto Seguro, vi muitas vêzes tenente, sargento e soldados no mesmo grupo, jogando cartas. Até o próprio capitão-mor e outras pessoas, entre os mais respeitáveis moradores do lugar, fazem apostas e jogam, sem o menor escrúpulo. Dessa liberdade irrestrita resultam as mais perniciosas consequências: não se consegue que uma ordem seja prontamente obedecida; e os estrangeiros que esperarem coisa melhor estarão sempre sujeitos a insultos.

Atribuo essa promiscuidade à ignorância geral que impregna o país, pois nenhum povo tem pretensões e mais *hauteur* ou reserva do que o brasileiro, ao passo que, na realidade, menos a possui em sua própria sociedade.

20 a 22 de outubro. O fato de estar o forte situado em posição central quanto à navegação não é pequeno alívio ao meu atual confinamento, pois sempre se me oferece uma variedade de objetos que prendem a atenção e afastam momentaneamente as reflexões. Passam, freqüentemente, bandas de música em grandes lanchas, tocando pelo caminho, rumo às vilas da vizinhança, na baía, para comemorar o aniversário de algum santo ou por ocasião de alguma festa especial. É também costume, nos navios mercantes da rota da Europa, haver música à sua chegada, à sua partida, e no primeiro dia do seu carrega-

mento, o que repetidamente nos proporciona um pequeno concerto, encantador porque provém das águas.

Esses músicos são pretos retintos, ensaiados pelos diversos barbeiros-cirurgiões da cidade, da mesma cor, os quais vêm sendo músicos itinerantes desde tempos imemoriais. Dispõem sempre de uma banda completa, pronta para entrar em função, havendo diversos jovens aprendizes, cuja desafinação é horrivelmente desagradável, quando se passa diante das portas onde estão ensaiando. Embora numerosos, êsses escuros filhos da Harmonia sempre encontram trabalho, não só da maneira que mencionamos, mas também à entrada das igrejas, ou na celebração de festas, onde se postam a tocar peças alegres, sem levar em consideração as solenidades que se desenrolam no seu interior.

23 a 25 [de outubro]. Examinando em retrospecto o que tenho escrito ultimamente, vejo que apresenta mais o caráter de coletânea de ensaios desconexos que a de um diário. Entretanto, deitei sobre o papel as observações que vieram surgindo dia a dia, julgando-as mais interessantes do que as insípidas ninharias que agora pontilham minha existência. Continuarei ainda a escrever nesse espírito, procurando escapar ao tédio do egotismo e dos assuntos pessoais.

Nem mesmo a severa reclusão livra-me das calúnias em uma nação inculta. Os últimos dois dias têm sido muito tempestuosos, e o meu brigue, rompendo as amarras, navegou à deriva e foi de encontro aos contrafortes de pedra das docas, até ser avistado pela sentinela, quando o alcançaram os barcos reais, trazendo-o ao seu primitivo ancoradouro. Falava-se *amavelmente* em terra que eu fui cúmplice do rompimento dos cabos, e que êles foram visivelmente cortados à faca, etc.

26 de outubro. As esperanças de sermos mandados para Lisboa vêm sendo há muito tempo acariciadas por diversos indícios. Avistando, agora, um navio mercante de Lisboa que enverga as velas e se prepara para fazer-se ao mar, e como não recebo outros esclarecimentos de qualquer espécie, dirigi-me novamente ao governador em uma carta-requerimento, remetendo-a hoje de manhã. Nela proclamei a injustiça de nossa

detenção, recapitulei resumidamente os fatos que o comprovam e solicitei ser enviado imediatamente para Lisboa com minha tripulação, a fim de lá tudo expor ao príncipe, e aconselhar-me com o embaixador e o cônsul do meu país.

27 a 31 [de outubro]. Transcorreram três dias e não veio nenhuma resposta à minha petição. Contudo, o *S. Domingos* (navio no qual eu confiantemente esperava viajar, já que foi mencionado pelo Sr. Germano e outros) fez sua saudação, desfraldou as velas e levantou ferros, destruindo todos os nossos sonhos. Agora não temos razões para acreditar em qualquer mudança, até chegarem de Lisboa as respostas aos despachos provavelmente enviados pelo referido navio. Meu ânimo dia a dia se abate, numa apatia negligente; e êsses desapontamentos repetidos privam-me de tôda e qualquer esperança.

1.º de novembro. É uma grande data, aqui, o Dia de Todos os Santos, aos quais a Bahia é consagrada de modo especial. Penalizado com a sorte da minha tripulação (como eu, em estado de ansiosa expectativa), resolvi hoje de manhã mandar-lhe uma carta e pedi ao capitão Veloso que a fizesse chegar ao seu destino por um soldado. Êste, porém, em breve regressou da cidade com a nova de que os prisioneiros ingleses haviam fugido do forte onde se achavam presos. No decorrer do dia, o capitão Veloso verificou que era falso, mas adiou a remessa da carta.

[2 e 3 de novembro]. Houve diversas solenidades, em memória das almas dos mortos, entre elas a do primeiro homem, no propósito de aliviá-las, mediante preces e rogos, do fogo e dos tormentos do Purgatório, transportando-as imediatamente ao Paraíso. Voltaire apresenta a mais cômica descrição dessas celebrações em sua obra *Additions to General History*.

4 [de novembro]. Fui surpreendido, hoje de manhã, com uma intimação trazida por um meirinho*⁴⁹, a fim de ser acareado com as diversas pessoas ligadas aos fatos que determinaram minha prisão. Parti cedo e permaneci, durante algumas horas,

(*) Funcionário graduado de polícia.

(49) *Marino*, no original.

à espera da chegada do desembargador Cláudio, num salão de audiências, acima da prisão. Utilizei o intervalo para visitar esta última e conversar a respeito da mesma com o carcereiro e com um padre europeu (nela prisioneiro por quase quatro anos em virtude de certas transações com os dinheiros da paróquia), que achei bem inteligente e comunicativo. Meu caso só foi parcialmente atendido, e muito tarde. Fui informado então de que deveria voltar na manhã seguinte.

5 [de novembro]. Repetição das desagradáveis formalidades de ontem, hoje concluídas. Fui esclarecido pelo Sr. Cláudio de que tôdas as inquirições quanto à minha parte, estavam encerradas e que o intérprete havia sido dispensado. Solicitei uma cópia integral dos autos do processo, o que me foi recusado sob o mesmo pretexto com que o fôra, semanas antes, pedido análogo.

A formalidade legal, que eu acabara de cumprir, denomina-se acareação. A testemunha é o acarcante e o acusado, o acareado. Aqui um homem é agarrado e metido na prisão, sendo tomados depoimentos contra elle. Após o transcurso de um período incerto (de breve ou longa duração, conforme a parte tenha interêsses ou dinheiro), é elle interrogado. E suas respostas, sejam ellas a negação do delicto, sua confissão ou constituídas de meras informações, são tomadas por termo e assinadas. Em seguida, é recambiado à prisão. Transcorre mais algum tempo, conforme a magnitude ou insignificância da questão, e realiza-se a acareação, quando se defrontam o acusado e o acusador; é lida a acusação, o prisioneiro é solicitado a declarar se a mesma é ou não verdadeira, e também o que tem a dizer em sua defesa. Depois de tudo anotado, a primeira inquirição do prisioneiro é repetida às testemunhas, cujas observações a respeito são igualmente tomadas por termo, sendo os documentos assinados por ambas as partes. Tudo se realiza perante um juiz ou desembargador e dois escrivães, cujas assinaturas são apostas nos autos a fim de autenticá-los.

Passa o processo, então, a um tribunal de justiça, que decide a questão e pronuncia a sentença. Em alguns casos, há o recurso de apelação ao Tribunal Superior de Lisboa ou à clemência do príncipe.

6 de novembro. Redigi um requerimento ao governador, solicitando permissão para ir à cidade, porquanto presumo não haver agora razões para minha rigorosa reclusão. Enviei-o ao intérprete, com uma nota, solicitando-lhe que o entregasse e me obtivesse uma resposta, porque não recebera resposta às minhas duas últimas petições, encaminhadas pelos canais competentes*.

7 e 8 de novembro. O mestre de uma sumaca, que entrou ontem, veio apresentar ao forte seu relatório sobre proveniência, etc. (formalidade a que estão sujeitos todos os navios mercantes portugueses). Descobri que êle falava inglês, sendo natural da ilha da Madeira, e criado no comércio com Londres. Só os que já estiveram em minhas circunstâncias podem imaginar como é agradável encontrar, em tal situação, até mesmo um estrangeiro com quem se possa livremente trocar idéias em nossa língua e ouvir algumas notícias do que esteja ocorrendo no mundo. Embora eu tenha recentemente conversado com o intérprete, isso aconteceu unicamente em sua qualidade de profissional e, sempre, diante do desembargador. E quanto a informações de brasileiros, estavam inteiramente fora de cogitações, porquanto nunca encontrei um povo tão estupidamente destituído de curiosidade. Só conhece os fatos mais notórios, como, talvez, os relativos à paz e à guerra. E não sendo, êle próprio, interessado em indagar as coisas, surpreende-se ao ver noutras pessoas êsse espírito de investigação. Dadas as circunstâncias, repito, senti-me feliz ao conversar com um estrangeiro. Ofereceu-me os seus préstimos na cidade e, ao despedir-se, tomei liberdade de enviar por seu intermédio um bilhete ao intérprete e outro à minha tripulação, pois o capitão Veloso jamais remetera o meu bilhete a esta.

9 [de novembro]. Regressou o Sr. Vicente José de Lima⁵⁰, trazendo uma resposta do intérprete. O governador declarava que não poderia dar qualquer resposta às minhas três

(*) Deitando-as numa abertura que existe no vestibulo do palácio, a qual dá para o gabinete do secretário.

(50) *Vincent Jozé de Lima*, no original.

cartas até que o processo lhe fôsse passado às mãos pelo desembargador Cláudio.

10 de novembro. O Forte do Mar é utilizado como armazém pelos navios, que são obrigados a nêle descarregar tôda a sua pólvora ao chegarem à baía, exceto os barcos de guerra. Além dessa pólvora, possui considerável estoque próprio; dêsse modo, jamais contém menos de quinhentos barris e, por vêzes, o dôbro de tal quantidade. Tôda a pólvora fica depositada em quatro casamatas em arco, da bateria superior*, cada qual, de uma porta quadrada e de outra, maciça, que se fecha pelo lado de fora sôbre a primeira. Grande parte da pólvora está sempre molhada, por causa da umidade do forte, e o capitão põe-na a secar ao sol, peneirando-a e tornando a colocá-la nos barris. Alguns soldados trabalham diàriamente nisso. O lugar escolhido para essa atividade, ao ar livre, está situado a menos de dez jardas da porta da cozinha. Tal circunstância, dada a extrema falta de cuidado dos homens durante o trabalho, faz com que eu viva sempre alarmado, tanto mais que as portas externas dos armazéns ficam abertas de par em par a fim de ventilá-los, de tal forma que a menor explosão da pólvora posta a secar se propagaria à restante.

Tomiei a liberdade de advertir o capitão a respeito do assunto, e indiquei outros pontos do forte onde o risco seria muito menor. Ele concordou com o que eu disse, mas acrescentou que tais lugares dariam aos soldados o ensejo de furtar pequenas quantidades de pólvora. Assim, por causa de algumas libras de pólvora (o máximo que poderia ser ocultado), êle arrisca a própria vida, a família e, até mesmo, a existência do forte. Eu não concebo, entretanto, que a *poupança* seja feita com o propósito de economizar a munição de Sua Majestade. Ao contrário, suponho que o capitão Veloso mantém, êle próprio, um pequeno comércio do artigo; pelo menos, não permite se lhe escape um grão de pólvora, e toma nota de tôda aquela utilizada, mecia onça que seja.

11 de novembro. Chegou ontem um navio de setenta e quatro toneladas, ostentando as côres de *chef d'escadron*. Saudou o forte com vinte e uma salvas, sendo-lhe respondidas de-

(*) Ver a descrição da Bahia.

zenove. Ao cabo de uma hora, aproximadamente, chegou ao forte uma mensagem do palácio, declarando que o comodoro Campbell, comandante do navio (o *North Briton*) queixara-se ao governador de que sua saudação não fôra retribuída com igual número de salvas, desejando saber as razões disso. Respondeu o capitão Veloso que se tratava de ordem direta do príncipe, a todos os seus fortes, ou seja, dar dois tiros a menos para os comodoros. Mais tarde, informou o capitão Veloso que as ordens recebidas eram as seguintes: para almirantes, número igual de tiros; para comodoros, tantos quantos dissera; e para capitães, quatro a menos. Quanto aos navios de guerra estrangeiros, número igual de tiros seria disparado em resposta a suas saudações; e com relação aos navios mercantes estrangeiros, dois tiros a menos, e nenhuma resposta quando se tratasse de barcos portuguezes.

O comodoro Campbell, entretanto, não levou em grande consideração êsse regulamento, estrito, pois, entrando hoje de manhã um navio mercante portuguez, que o saudou com nove tiros, êle retribuiu a saudação com igual número do seu navio, para confusão total da *etiquette* do nosso capitão, o qual declarou, singularmente, “considerar o forte como o chapéu do governador, e que não tiraria em qualquer ocasião sem importância”.

12 de novembro. Hoje de manhã, mensagem do governador trouxe a informação de que o comodoro Campbell visitaria o forte naquele dia. Êle de fato appareceu, acompanhado do intendente-da-marinha, comandante Brás Cardoso, e de outros officiais da Armada. Após visitar o forte e receber explicações sôbre a maneira de saudar, fêz-me uma visita a mim, indagando há quanto tempo estava prêso e por que motivo. Nossa conversação terminou com a garantia, de sua parte, de que eu poderia confiar nos seus bons officios, pedindo-me que lhe escrevesse passados alguns dias se, até expirar êsse prazo, nenhuma medida tivesse sido tomada a meu favor.

O comodoro Campbell é polido e desembaraçado no falar. Mas conserva sua dignidade, especialmente para com os portuguezes, em cuja lingua é versado. Ê tido como official diligente e experimentado, sendo muito competente no pôsto que occupa.

13 de novembro. Se o nosso capitão foi parco em suas excusas de ontem (talvez deitando a culpa para as ordens recebidas, as quais o governador provavelmente não reconheceu como suas, ou por qualquer outro motivo), o fato é que o intendente-de-marinha procurou-o hoje de manhã, e o resultado disso foi que o capitão Veloso foi a bordo do navio a fim de pedir desculpas por não haver retribuído saudação igual à do comodoro. De regresso, o que foi imediato, disparou os dois infelizes tiros omitidos.

Sei, positivamente, que o capitão obedeceu ao pé da letra, da primeira vez, às ordens recebidas. Mas condescendeu em reconhecer de maneira assaz humilhante uma falta que não lhe poderia caber. Neste govêrno despótico, as ordens mais contraditórias devem ser obedecidas sem discussão.

14 de novembro. O Sr. Vicente tem aparecido com frequência, desde que o mencionei pela última vez, e desempenhado diversas pequenas comissões para mim, com a maior pontualidade. Por êsse motivo, depositava inteira confiança em sua integridade. Há uns dois ou três dias, recaindo nossa conversação sobre a moeda portugêsa e o depreciado valor relativo das peças de quatro mil réis* em face das dobras-ouro, mencionei que possuía algumas das primeiras e desejava trocá-las especialmente pelas últimas, reccando, porém, confiar a transação a qualquer das pessoas que me rodeavam, porquanto, se chegasse ao conhecimento do governador que eu dispunha de dinheiro, poderia êle provavelmente exigir sua entrega. Retrucou o Sr. Vicente que o proprietário do navio que comandava tinha uma certa quantidade de dobras-ouro, e prontamente me favoreceria com a troca desejada. Se eu quisesse, êle próprio a realizaria imediatamente. Sabendo que eu teria considerável prejuízo se levasse para Lisboa as moedas em meu poder, e reccoso de que tão boa oportunidade pudesse não se apresentar novamente, confiei vinte e cinco peças de ouro às suas mãos (no valor de cem mil réis, ou vinte e oito libras esterlinas), que êle prometeu trocar naquela mesma tarde, ou na manhã seguinte. Ontem o dia foi muito chuvoso e eu atribuí a isso o fato de não aparecer

(*) Ver, no *Apêndice*, a tabela de moedas. (N.A.)

o tal *senhor*. Mas, quando o dia de hoje não me trouxe notícias d'êlê, comeccei a duvidar da segurança do meu dinheiro, e mandei um mensageiro ao encalço do homem. Mas o pássaro batera a linda plumagem: o Sr. Vicente era simplesmente um marinheiro colocado no navio em lugar do mestre, pois o verdadeiro mestre não queria entrar na Bahia porque estivera envolvido no comércio ilícito de farinha.

15 de novembro. Despertamos, hoje de manhã, com uma saudação em inglês à nossa porta. E para maior espanto, descobrimos que se tratava do meu antigo mestre e minha ex-tripulação, libertados na noite anterior por um oficial do palácio. Informou o mestre que êles podiam ir para onde quisessem e que não deveriam esperar sustento algum do Govêrno. Os pobres homens apressaram-se em vir ao forte e conseguiram nêle entrar, na expectativa de que a ordem se estendesse também a nós. Mas não somos tão afortunados, embora a citada circunstância pareça prometer, não resta dúvida, novas providências.

Hoje à tarde, o governador visitou o comodoro Campbell com grande pompa, sendo recebido pela tripulação formada no convés, e sendo-lhe feita saudação real, que o nosso forte retribuiu.

Caíra a noite antes da partida do governador quando, para grande surpresa do capitão Veloso, foi disparada outra salva pelo navio. Mas a essa êle não pôde retribuir porque só tinha dez peças carregadas. Enviou imediatamente desculpas ao governador, declarando que era impossível carregar os canhões em noite escura e prometendo fazer a saudação pela manhã. Mas o governador mandou-lhe uma resposta violenta, o que obrigou o nosso pobre capitão a tentar o *impossível*. Assim, após duas horas de esforços imensos, encontrou meios de carregar mais onze peças, disparando-as às dez horas, para surpresa da cidade e dos arredores.

16 de novembro. Os vários destacamentos da artilharia real existentes no forte são o mais andrajoso conjunto de seres humanos honrados com o nome de *soldados* que vi até agora. Envergam um uniforme que consiste numa surrada túnica azul (geralmente remendada ou rasgada), colête de morim branco e ordinário, calças do mesmo pano, lenço branco e (sòmente

alguns) os remanescentes de uma camisa em estado deplorável. Mantêm os cabelos fartamente empoados, usam chapéus tão variados como os donos e as pernas são metidas em polainas de linho de côr. Quando se acham no forte, despem essas roupas, guardam-nas cuidadosamente e enfiam uma camisa rasgada e um velho par de calças — freqüentemente só êste último (exceto as sentinelas)⁵¹.

Êsses *soldados* são principalmente meninos ou meras sombras de homens, não havendo nunca, em vinte dêles, mais de cinco aptos; acham-se todos debilitados pela sujeira, pela doença e pela preguiça. São de tôdas as côres, desde o branco europeu ao mais escuro mulato brasileiro. Impressiona-me não a miséria, mas como podem sobreviver, sustentando-se apenas de bananas e farinha, e comendo dois ou três peixes pequenos de vez em quando, pois o sòldo não lhes permite melhor passadio. Ê êle sòmente de dois dinheiros por dia, não havendo tabela de extraordinários; até mesmo as despesas eventuais com roupas são descontadas dessa quantia.

Aproveitei o gentil oferecimento do comodoro Campbell e redigi um relatório minucioso sôbre a minha prisão, solicitando seu empenho junto ao Govêrno a fim de que eu fôsse mandado para Lisboa, obtivesse meus documentos particulares, etc.

17 [de novembro]. O intérprete teve a bondade de visitar-me e aconselhou-me a lembrar ao governador as petições a êle anteriormente dirigidas, e a insistir por uma solução. Aceitei seus conselhos e solicitei-lhe o favor de escrever uma carta nesse sentido.

18 [de novembro]. Dia de tempestade, com muitos relâmpagos. O calor prodigioso que, neste país, se segue ao curso do sol, enche o ar de partículas ígneas que às vêzes produzem as mais terríveis consequências. Isso nos alarmou não pouco, nesta ocasião, por causa da quantidade de pólvora aqui depositada, não havendo nenhum pára-raios no arsenal como preventivo da atração que deve existir, dada sua situação de isolamento na baía.

(51) A descrição da tropa de linha da Bahia, bem como os respectivos figurinos, encontram-se em VILHENA, *op. cit.*, I, p. 249.

19 [de novembro]. Recebi uma visita formal do intérprete, em resposta à minha última carta ao governador. Informou-me que deveríamos, em vez de ser mandados para Lisboa, continuar inevitavelmente aqui até chegar uma resposta aos primeiros despachos para lá remetidos. Mas que, a título de minorar nossa condição, Sua Excelência pretendia conceder-nos liberdade de movimentos, dentro dos limites da cidade. Para que eu conseguisse tal mercê, acrescentou o intérprete que êle (o governador) aconselhava-me fingir que estava doente, obtendo, para êsse fim, atestados de um médico e de um cirurgião, prontos a declarar que minha vida correria perigo se eu permanecesse enclausurado no forte. Então êle interviria, a fim de que a cidade da Bahia me fôsse dada por menagem. Êsse conselho, mesquinho e reles subterfúgio por parte do grande e poderoso governador de um lugar, encheu-me de espanto. Pensei, a princípio, que tudo fôsse invenção do próprio intérprete; êle, porém, referiu-se ao fato de maneira tão firme e aduziu tantas outras circunstâncias, que eu logo pus de lado essa opinião. E após refletir um pouco, aquiesci, decidindo-me a praticar o embuste. Ao manifestar minhas dúvidas a respeito dos médicos, disse-me que tudo seria fácil nesse particular, declarando-me que êle próprio se encarregaria de obter os atestados por quatro mil réis (pouco mais de um guinéu), *sem a massada de uma consulta*. E partiu com êsse propósito.

20 [de novembro]. Efetivamente, entrou pelo forte o intérprete, com dois documentos, dos Srs. João Dias da Costa, cirurgião [*cirurgeo*], e Isidoro José de Lima⁵² médico [*medicus*], ambos ilustres na cidade, que atestaram, pelos Santos Evangelistas, “que o Sr. Thomas Lindley estava violentamente atacado de um calor generalizado pelo corpo, o qual lhe produzira hemorróidas, além de afetar-lhe de outras maneiras todo o sistema, pondo sua vida em perigo; e que a liberdade de transferir-se para a cidade, a fim de obter os conselhos e o conforto proporcionados pelo lugar, era absolutamente necessária ao caso, para evitar as mais graves consequências”!

(52) Ambos os nomes figuram entre os habitantes da Bahia em Castro e ALMEIDA: *Inv. cit.*

Remeti imediatamente êsses atestados ao governador, conforme o aconselhado, e estou à espera de uma breve resposta.

21 [de novembro]. A festa da igreja da Paróquia da Conceição⁵³, bem ao lado da praia, foi realizada com grandes celebrações públicas. Pudemos observá-la com o auxílio do telescópio. A procissão consistiu (como é geralmente o caso) de uma profusão de bandeiras, crucifixos de prata, imagens e paramentos; todos os membros das ordens religiosas da cidade empunhavam círios. Logo atrás vinha um regimento. Entre as imagens, havia as do Arcanjo Rafael, S. José, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Conceição*. O conjunto era variado como a vida humana. As duas últimas imagens eram particularmente ricas, carregadas de jóias de ouro**, tendo em volta da cabeça uma coroa do mesmo metal precioso.

É surpreendente a veneração que essas imagens despertam no povo, que geralmente as adora de maneira devota e objecta, como se contivessem a essência da própria Divindade, baixada à terra, na ocasião, *in propria persona*. Os fortes e navios deram repetidas salvas. Foi, verdadeiramente, um dia de grande gala⁵⁴.

22 [de novembro]. Recebi a visita de meus pobres tripulantes que desejavam, incorporados, encarregar-me de obter, se possível, a reparação das extremas injustiças que haviam pa-

(53) *Paroquia de Concession*, no original

(*) Diferentes atributos da Virgem Maria, segundo os quais a imagem varia de posição e de roupagens.

(**) Consistiam não só em gemas doadas ao altar da Imaculada Conceição pelos devotos, mas também de tudo quanto pode ser obtido por empréstimo.

(54) Em estudo minucioso sôbre o assunto, dedica o pesquisador J. da Silva CAMPOS um capítulo especial à procissão de Nossa Senhora da Basílica da Conceição da Praia. No tempo de Lindley ocorria, como se vê, a 21 de novembro, festa da Apresentação de Nossa Senhora no Templo. É uma procissão muito antiga, mas posterior a 1707, visto que a ela não se referem as Constituições do Arcebispado da Bahia, que são daquela data. Passou a realizar-se a 8 de dezembro, data da proclamação do dogma da Imaculada Conceição por Pio IX, em 1854. V. SILVA CAMPOS, "Procissões tradicionais da Bahia", *Anais do Arquivo Público da Bahia*, sob a direção de Alfredo Vieira PIMENTEL, vol. XXVII, Bahia, 1941, p. 249.

decido. Antes de partir de navio, deixando a Bahia, assinavam os necessários documentos para êsse fim.

23 [de novembro]. Passam-se os dias, um após outro, sem que eu tenha qualquer resposta aos meus últimos requerimentos. Mandei chamar o intérprete e indaguei-lhe a razão disso. Ele veio com a resposta evasiva de que o desembargador Cláudio teria de ser consultado.

24 a 30 [de novembro]. O comandante Brás Cardoso fêz-nos uma visita, informando-nos de que era unicamente graças à generosa intervenção do comodoro Campbell ao governador que êste fôra induzido a adotar o *feliz expediente* mencionado em meu diário, a 19 do corrente.

O intérprete escreveu-me, dizendo ser muito singular que o governador ainda não tivesse dado resposta aos meus *atestados*, etc., aconselhando-me a escrever-lhe novamente. Fiquei muito ofendido e respondi-lhe que minha liberdade *parcial* não compensaria as repetidas provas de desatenção que eu vinha recebendo, e que não me daria ao trabalho de fazer qualquer outra solicitação.

Com a pura e refrescante brisa do mar e os vapôres frios que se evolvem de um lugar tão cheio de águas, poder-se-ia conceber que a atmosfera em que vivemos fôsse suficientemente temperada; entretanto, isso não acontece, provavelmente devido à reflexão dos raios solares que incidem na superfície branca do forte e que transformam êste local num perfeito forno, debilitando todos os músculos do organismo. Muitas vêzes, desejaríamos estar nos frígidos extremos de um inverno escandinavo. O termômetro Fahrenheit mantém 103° à sombra.

1.º [de dezembro]. Apareceu-me o intérprete, de parte do governador. Êste concedeu-nos, afinal, permissão de ir à cidade durante o dia, sob a condição de regressar ao forte tôdas as noites. E para que tivéssemos maior liberdade quanto a êsse regresso, dava-nos a escolher entre os fortes do Barbalho e Monte Serrat. Decidimo-nos pelo primeiro.

2 [de dezembro]. Não recebemos outras informações e esperamos ainda algum nôvo obstáculo. Eu poderia ter su-

portado com indiferença uma recusa imediata e total ao meu pedido. Mas essa demora persegue-me como um tormento.

3 [de dezembro]. Chegou a longamente esperada ordem para minha remoção; mas, achando-se minha mulher indisposta, adiei a partida para a manhã seguinte.

Obtive do capitão Veloso uma cópia da primeira ordem do governador a êle dirigida, referente à minha prisão e à de minha mulher*.

4 [de dezembro]. Às nove horas, disse adeus ao Forte do Mar. Antes do meio-dia, estávamos já instalados no Forte do Barbalho, com os nossos insignificantes pertences, num dos melhores aposentos, escolhido e arranjado por nós. Mas era lastimável, apesar disso: tinha dezesseis pés quadrados e uma única janela. O piso era de cimento e parecia não haver sido lavado durante séculos: das paredes (outrora brancas), pendiam teias de aranhas e insetos; duas prateleiras erguiam-se num canto e havia outras num desvão, tudo recoberto de um pó imundo. A um lado, uma porta quebrada balançava-se nos gonzos, abrindo-se para escuro aposento. E, através das fendas dêste último, diversas mulheres estavam à espreita, observando nossa entrada. Em resumo: tudo me fazia suspirar pelas superiores acomodações do Forte do Mar, e só minha liberdade parcial poderia compensar a troca.

Recebeu-nos o capitão Joaquim Alberto Matos⁵⁵, desculpando-se pelo fato de a casa de Sua Majestade achar-se em tão más condições, o que atribuía à parcimônia do Governo. Ar-

(*) Ver o *Apêndice*.

(55) O capitão Joaquim Alberto da Conceição e Matos era governador da Fortaleza do Barbalho havia 22 anos. Em 1801 requereu promoção ao posto de sargento-mor. (V. Castro e ALMEIDA, *Invent.* cit. vol. iv, docs. 20.653, 22.888 e 22.889.) Suas obras de ourivesaria, encomendadas pela Ordem Terceira de São Francisco estão mencionadas e fotografadas pela insigne pesquisadora D. Marieta ALVES. É o primeiro ourives cujo trabalho se pode identificar. Forquilhas, castiçais, resplendores e lâmpadas de prata ainda se encontram na igreja da Ordem. V. Marieta ALVES, *História da Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Padre São Francisco da Congregação da Bahia*, Bahia, 1948, pp. 142-167-334.

ranjou lugar, sob o aposento, para servir de cozinha ao nosso empregado, e abriu o quarto escuro contíguo, que também nos ofereceu. Mas estava tão inconcebivelmente sujo que declinamos aceitá-lo.

À noite, o capitão Matos, sua espôsa, filha e dois filhos, amigos, escravos, etc., apareceram em visita de cortesia. Sentaram-se durante cêrca de duas horas, com aquêlê formalismo insípido, usual entre êles.

5 [de dezembro]. O Forte do Barbalho está situado fora da cidade, num local elevado, dominando duas importantes saídas do interior da península. É um quadrado irregular, marcando os quatro pontos cardiais do horizonte. Dois de seus cantos se compõem de um bastião quadrangular e os outros são em meia-lua. O fôssô que o rodeia é profundo, com uma ponte levadiça à entrada. O conjunto da estrutura é sólido, achando-se em perfeitas condições; e alguns canhões esparsos apontam das troneiras, embora completamente estragados pelo abandono e pela ação do tempo. A casa do comandante ergue-se no flanco sul da fortificação e está abandonada, em ruínas, contrastando com o forte.

Penetra-se no forte pròpriamente dito por uma porta grossa e estreita, com uma face externa e outra que dá para o pátio interno, coberto de relva, ao pé dos baluartes. Ao longo dêstes, de cada lado, ficam os diversos aposentos (as casamatas dos baluartes), construídos sôbre arcos. Êsses aposentos acham-se últimamente ocupados por mais de trezentos prisioneiros franceses, feitos no litoral, durante a última guerra. Se forem conservados limpos, prestar-se-ão bem para êsse fim, pois o pátio para o qual se abrem dispõe de suficiente ar, espaço para exercício, e água proveniente de um reservatório que existe ao centro.

A casamata utilizada para a reclusão dos marinheiros do meu brigue, e na qual são trancados tôdas as noites, é pequena e tem uma porta gradeada. Há um esgôto, vindo de cima, que atravessa sua parte posterior, exalando o mais intolerável dos fétidos. Menciono êste particular como prova do ódio accentuado e da inteira ausência de humanidade, postos em prática

nessa ocasião, porquanto muitas outras casamatas achavam-se vagas, mais espaçosas e cômodas, e sem a desvantagem que acabo de citar⁵⁶.

Durante a prisão dêles, seis soldados estavam de serviço; agora, porém, nenhum aparece, e o forte é ocupado exclusivamente pelos seus pacíficos habitantes, com exceção de duas pretas lavadeiras, que aparecem diariamente no pátio por causa da água que êle possui.

O mesmo grupo de ontem à noite veio apresentar seus respeitos (ou antes, satisfazer a sua curiosidade), quase entupindo a nossa pequena morada. Depois de se demorarem por algum tempo, fui surpreendido com a entrada de cinco estranhos, providos de espadas e grandes bastões. Não me espantei com o seu aparecimento abrupto, pois conhecia os costumes da terra, mas não pude deixar de indagar porque estavam assim armados. Responderam-me que era para se defenderem dos ataques dos negros e outros patifes, que infestavam as vizinhanças.

Houve um sussurro entre êles, e o olhar sombrio e vil de um dos tais produziu em mim desagradável impressão, que aumentou com o fato de o capitão Matos ser chamado à parte por um soldado, e de eu vê-lo depois confabular com o ajudante-de-ordens do governador. Isso alarmou-nos muito e despertou-nos a penosa suspeita de que algum nôvo acontecimento sobreviera. Mas os nossos receios dissiparam-se dentro em pouco, com a saída de todo o grupo dos meus aposentos e, pouco depois, do forte. Passaram-se algumas horas, entretanto, até que o sono expulsou as idéias que a fantasia arquitetara.

6 [de dezembro]. Aproveitei a nova situação para ir à cidade, onde apresentei as homenagens de gratidão ao Sr. Brás Cardoso e recebi as congratulações de vários conhecidos, pelo relaxamento de minha prisão.

Regressei por volta de meio-dia e soube que o capitão Matos perguntara por mim, durante minha ausência. Dei um pulo aos seus aposentos a fim de averiguar a razão disso, apro-

(56) Histórico e descrição da fortaleza do Barbalho em J. da Silva CAMPOS, *Fortificações da Bahia*, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 1940, p. 168.

veitando êle a oportunidade para mostrar-me a casa e (não fique pasmado o leitor) sua *oficina*. Tinha sido ourives, profissão que ainda exerce públicamente, não sendo isto considerado degradação ou desonra para o seu pôsto militar, quer no regimento de artilharia quer na sua qualidade de comandante do forte. Emprega atualmente vinte e quatro operários, que enchem todos os aposentos do prédio, exceto o que eu ocupo e um pequeno oratório.

Administra os seus negócios com grande êxito, sendo cada ramo de atividade executado separadamente e com seus respectivos artífices. São quase todos êles brancos e mulatos e recebem simples diária insignificante, além do alojamento, numa das alas das casamatas, adaptada para êsse fim. Tudo isso parece uma degradante mistura de classes sociais, segundo o nosso modo de pensar. O fato de ser o capitão capaz no seu officio, não é prova que, por isso mesmo, tenha aptidões exatamente adequadas à defesa de uma importante fortaleza, reconhecida como uma das chaves da Bahia. Não posso conceber qual terá sido a feliz circunstância que lhe delegou essa missão ou enxergou, no homem, qualidades que dela o tornassem merecedor. Como quer que seja, sua nomeação foi confirmada em Lisboa; e há vinte e dois anos que o Sr. Matos está na posse indiscutida do Forte de Barbalho.

7 [de dezembro]. Visitei o intérprete, pois havia já alguns dias que não punha os olhos nêle. Soube que sua ausência fôra devida a uma calamidade doméstica, nada menos que o divórcio de sua mulher (natural de Calcutá), que se desencaminhara recentemente com um sargento.

O modo de conduzir as questões jurídicas dessa natureza é muito diferente do nosso. A primeira petição é dirigida ao Poder Judiciário, que ordena a reclusão do culpado, do sexo frágil, até a solução do caso. Em seguida, após a inquirição das testemunhas, etc., os autos são enviados ao Tribunal Eclesiástico, para decisão final e decretação da sentença de divórcio. Isso no que respeita ao marido e à mulher, reservando-se aquela autoridade o direito de punir o delinqüente do sexo masculino. Esta derradeira medida consiste em severa multa e prisão, para os que têm recursos; mas, no caso presente, espera-se que a

pena seja a de rebaixamento do criminoso a soldado raso e sua deportação para Angola.

As questões são sempre resolvidas sem delongas; e se o caso fôr notório, a mulher será condenada a recolher-se a um convento para o resto da vida, sendo sustentada pelo marido à razão de dez dinheiros por dia. Nenhuma das partes poderá casar-se novamente enquanto a outra viver.

8 [de dezembro]. Assisti à festa de Nossa Senhora da Conceição, numa igreja da vizinhança, onde, em seguida à Missa solene, realizou-se um concêrto de música sacra, executado por uma banda completa, havendo uma parte vocal. A ausência de cadeiras em tôdas as igrejas católicas é sobremodo inconveniente numa ocasião dessas porque a cerimônia completa dura três horas e o longo tempo de permanência em pé diminui o prazer e o interêsse da cena.

As assistentes ficavam no centro da igreja, ajoelhadas à maneira peculiar das senhoras daqui. Algumas cadeiras foram colocadas junto ao altar para acomodação de um *seleto número de homens* das vizinhanças, aos quais foram distribuídas pequenas gravuras do Coração de Jesus, sustentado por um querubim, e também *bouquets* de flôres artificiais. Essa delicadeza não foi extensiva às mulheres, localizadas mais à distância. Um acentuado menosprêzo ao sexo frágil predomina no Brasil, em tôdas as ocasiões.

9 e 10 [de dezembro]. Terminado o nosso esfôrço por tornar um pouco mais decente o quarto que nos foi reservado, graças a alguma despesa e certo trabalho. O capitão admirou-se dêsses cuidados, declarando achar extremamente ridículo que eu, seu ocupante em caráter tão provisório, mandasse até mesmo limpar o chão. O aspecto de *sua* casa coaduna-se perfeitamente com essa opinião; imagino que a sujeira ali não tenha, de fato, nem mesmo sido removida durante todo o tempo em que êle aí reside.

11 [de dezembro]. Durante a maior parte da noite passada, fui atormentado por apreensivas reflexões a respeito de nossa situação e dos episódios que temos atravessado. Levantei-me cedo, a fim de dissipá-las, caminhei até o mercado de legumes

e frutas, na praia, onde aportam lanchas, diariamente, provindas de inúmeras angras e rios da baía e da costa vizinha, para aí depositar seus carregamentos de legumes. Essa copiosa amostra de produtos tropicais é um espetáculo vistoso e agradável. A praça do mercado estava repleta de côcos, melancias, melões, abóboras, pesados cachos de bananas-de-são-tomé, deliciosas laranjas doces de procedência europeia e laranjas da China, que são menores, lado a lado com a melhor, a espécie nativa, ácida, levada dêste continente para Sevilha. O ananás, trazido do mesmo modo, é pouco apreciado aqui, sendo certamente inferior ao nosso, embora êste seja obtido artificialmente. Além dêsses produtos, há quantidades imensas de outras frutas, tais como jacas, mamões, jenipapos, goiabas, mangas, tamarindos, gengibres, mangabas, etc. São abundantes os artigos culinários: o repôlho, a mandioca, o feijão, o pepino e a alface, tudo isso realçado pelo perfume dos *bouquets* vendidos por mulheres mestiças de taptuias, e consistindo em jasmíns, cravos e rosas, todos de especial fragrância.

Andei de um lado para outro a examinar aquêlê espetáculo variado, enquanto perdurou a fresca da manhã, até que os raios do sol, tornando-se desagradavelmente quentes, começaram a provocar exalações pouco amenas dos legumes em decomposição, provindos de feiras anteriores, e que nunca são removidos.

12 [dê dezembro]. Tempo sombrio. Permaneci em casa durante o dia e, naturalmente, à noite, que sempre transcorre de maneira muito monótona, não havendo, no forte, companhia que nos distraia. O capitão Matos nunca tem qualquer idéia além das de sua profissão, e suas noites são dedicadas à cerimônia religiosa do rosário. Costumávamos suportar essa caceteação no Forte do Mar, embora consideravelmente simplificada em comparação ao que ocorre aqui, pois consistia simplesmente em repetirem, o capitão Veloso e a família, em voz alta, o rosário de cento e cinqüenta ave-marias e, após cada dezena, um pai-nosso, terminando a prece de forma semelhante à da ladainha de nossas igrejas. A guarnição fazia a mesma coisa, no seu alojamento, numa espécie de recitativo. Mas o piedoso capitão Matos ilumina seu oratório, reúne os operários e es-

cravos, acrescentando, às práticas religiosas de costume, várias outras invocações e preces a todos os santos do calendário. A função completa ocupa duas horas inteiras, e uma parte desse tempo é ocupado por um cântico tão lúgubre que, apesar do desprezo em que tenho esse exagêro de superstição, tal repetição monótona me ataca os nervos, e sinto-me feliz quando o sono dá-me uma folga por vinte e quatro horas.

13 [de dezembro]. Visitei o capitão Veloso e miuha antiga prisão. Nossa palestra versou a respeito do sôlido dos oficiais do forte, que considero de tal modo insuficiente para o sustento de uma família comum que não me surpreendo diante dos expedientes inferiores e até mesmo (quase) mesquinhos a que podem ser levados os comandantes para aumentar seu ganho.

Os fortes principais, que podem ser considerados em serviço ativo, pagam somente três xelins e quatorze dinheiros por dia a seus comandantes, acrescidos de uma pequena quota de farinha. E as inúmeras outras fortalezas que não possuem guarnição (a saber, Barbalho, São Pedro, etc.) apenas uma pataca, aproximadamente um xelim e dez dinheiros.

14 [de dezembro]. As melhores terras em redor da cidade são de propriedade de conventos ou do Govêrno. Algumas desta última categoria acham-se applicadas em obras de caridade, especialmente a instituição de São Lázaro, a cêrca de uma milha do forte, e que consiste num vasto hospital, principalmente para leprosos. Êles desfrutam, para seu alívio, o benefício dos bons ares e de todo o confôrto que o lugar proporciona. Existe um certo número de vacas leiteiras, ao lado do hospital, e extensas plantações de mandioca o circundam, havendo grande fábrica que transforma essa raiz em farinha.

Uma pequena e graciosa igreja, no alto de uma colina, também pertence à instituição de caridade. Ê conservada esculpulosamente limpa, mas fica muito longe do hospital e só pode ser freqüentada por convalescentes. Apreciamos de modo especial o passeio a pé por todo o lugar, pois fornece uma visão de atividade bem mais elevada do que tudo quanto estamos últimamente habituados a ver⁵⁷.

(57) A "Quinta dos Lázaros" era a antiga "Quinta dos Padres", também chamada "O Tanque", onde o Padre Vieira passou os últimos

Entre os diversos terrenos, observamos um local onde alguns negros trabalhavam no plantio de mudas de pimenteiras, recém-importadas da Índia por ordem imediata do governador. Já havia sido feita antes outra tentativa e elas medraram excepcionalmente bem; mas o governador de então achou razões, que parece não existirem no momento, para proibir seu cultivo.

15 e 16 [de dezembro]. Já observei em que grau é aqui menosprezada e quase desconhecida a literatura. Como prova disso, indaguei, em todos os livreiros da cidade, de novas obras francesas ou inglêsas (para distrair os meus momentos de ociosidade), mas sem nenhum proveito. Não possuem êles uma só, antiga ou moderna. Na verdade, um dos livreiros apresentou, com ar exultante, a tradução de *Robinson Crusoe*, recomendando-a de maneira especial. Eu, porém, após os devidos agradecimentos pela sugestão, tomei a liberdade de declinar da compra.

17 [de dezembro]. Como estava indisposto, fiquei em casa e não participei do júbilo geral pelo aniversário da rainha, que é comemorado mais ou menos do mesmo modo entre nós: salvas dos navios e dos fortes, revista de tropas na praça do Palácio, recepção do governador, etc.

18 [de dezembro]. A vista do Forte de Barbalho merece o olhar agudo e a pena capaz de um Gilpin⁵⁸, para descrever a rica paisagem e os graciosos arredores. Por não estar à altura da tarefa, eu me retraio, contentando-me em traçar um ligeiro bosquejo do lugar.

anos de vida, estabelecendo o texto de seus famosos sermões. Era a casa de repouso e de retiros dos jesuítas. Descreve-a Pedro CALMON: "A casa tôda branca, corria umas paredes sólidas sôbre oito arcos, para onde abriam portas e postigos gradeados dos aposentos térreos, cheios dos trabalhos calmos dos leigos, de ferragens agrícolas, dos passos da famulagem, que deseiam para as cozinhas pelos sete degraus de pedra a sobraneciro da fonte azulejada. Uma arcada de suave risco ensombra dois tanques de granito português. Gorgoleja a água cristalina, diáfana e fria, por escorrer da montanha, das torneiras de bronze repuxadas do ladrilho florido do meado do século xvii". Pedro CALMON, *O crime de Antônio Vieira*, São Paulo, 1931, p. 103.

(58) Escritor inglêz do século xvi.

Além da ponte levadiça, ao sul, a estrada serpenteia até a cidade, através de uma verde planura, rodeada de jardins e roçados. À distância, em frente ao forte, avistam-se duas ou três pequenas casas, cercadas de muros; alguns cavalos pastando pelas veredas que se entrecruzam em várias direções, emprestam ao conjunto o aspecto aconchegado de certas pequenas comunidades, tão freqüentes na Inglaterra.

A oeste do forte cava-se um vale profundo, cultivado, do qual se erguem as numerosas tórres e flechas da cidade, rebrilhando com as telhas vidradas que as revestem. Percorrendo com o olhar a cena em direção ao norte, e dirigindo-se para o lado dos verdes contrafortes da fortaleza de Santo Antônio, a atenção é despertada pelos confins da baía, que se avistam além, azul, tranqüila e serena, assemelhando-se a um lago de água doce, coalhado de velas triangulares das canoas e barcos pesqueiros.

Projetando-se pela baía, transversalmente, estende-se a estreita península de Monte Serrate, pontilhada de igrejas, conventos e vivendas; além dela, a paisagem alteia-se pomposamente e surge outra enseada, que se perde entre ilhas remotas; adiante das quais, as montanhas do continente erguem seus cabeços azuis, arrematando a paisagem.

Ao norte do Forte de Barbalho fica o convento e a igreja da Soledade⁵⁹, que parecem estar circundados de árvores a leste e à beira de um profundo vale. Nos confins dêste, desdobra-se a terra ainda rude e crescem as árvores de espécies nativas, com tôda a sua imponência verdejante, o que acrescenta variedade à cena e dignifica o conjunto.

19 [de dezembro]. Fui com minha mulher ao convento da Soledade, através de uma rua que vagueia morro abaixo, em direção à baía. Mas, em vez de um passeio, como havíamos esperado e planejado, vimo-nos expostos à curiosidade impertinente de pessoas que nesse dia (domingo), como nossos patrícios na Inglaterra, haviam saído para suas casas de campo e nos encaravam com espanto ao ver uma mulher sem o apêndice de uma cadeirinha*.

(59) *Solidade*, no original.

(*) Ver a descrição da Bahia.

Nada possui o convento digno de nota, exceto o aspecto lúgubre e a vastidão, o que, unido às rótulas cerradas de madeira, que lhe protegem cada janela, dá ao conjunto o ar de prisão. A igreja, dedicada a Nossa Senhora, é um santuário famoso pela cura milagrosa dos doentes, que testemunham sua gratidão através de inúmeras oferendas, muitas delas a resplender na imagem da Virgem. Um topázio, especialmente, de tamanho e brilho surpreendentes, emitia os seus raios e despertou-me o sacrílego desejo de possuí-lo⁶⁰.

Num vale, a pequena distância de Soledade, ficam os muito gabados jardim e parque de recreio de um rico negociante. Da distância em que os avistei, estavam cintilantes de estátuas. Reservei para outro dia inspecioná-los mais de perto.

20 [de dezembro]. Compareci à audiência do governador. Depois de esperar algum tempo, fui introduzido por um ajudante-de-ordens, que o assiste para êsse fim. Atravessi três vastos salões e, no quarto, duas portas de batentes duplos abriram-se de par em par para a sala de recepção.

Francisco da Cunha Menezes⁶¹ tem cêrca de quarenta anos, é alto e possui as maneiras polidas e desembaraçadas de um homem de sociedade. Agradei-lhe a recente indulgência recebida; e, após a troca habitual de saudações, aproveitei o ensejo para solicitar-lhe a entrega de meus documentos particulares, o que eu já havia tantas vêzes requerido. Ele pediu que eu lhe fizesse, no dia seguinte, uma representação por escrito.

21 [de dezembro]. Bateram à porta, enquanto eu estava à mesa do jantar; era um estranho, homem idoso, que se adiantou de maneira impetuosa, com os braços abertos, e numa exclamação proferida em inglês, pediu para abraçar-me. Eu me retrai, surpreendido diante de aparição assim tão insólita, e quis saber quem era êle e que fazia. Declarando-se meu compatriota

(60) O Convento das Ursulinas na Soledade foi fundado por iniciativa do célebre jesuíta padre Gabriel Malagrida, com o fim de servir de recolhimento para as arrependidas do meretriciato e donzelas pobres. Data de 1739. Pertencente à mesma ordem, funciona hoje ali uma Escola Normal e Ginásio N.S. da Soledade.

(61) *Francis da Cunha Menezes*, no original.

e dizendo que viera apenas visitar-me, ofereci-lhe uma cadeira, que êle aceitou. Em seguida, pôs-se a falar. Principiou por desculpar-se pelo fato de haver esquecido a língua materna com o desuso, tendo deixado o país em tenra idade. Mas ofereceu, ao invés dela, o Português, o Francês e o Latim, parecendo familiarizado com todos êsses idiomas. Os traços fortes de sua fisionomia e sotaque indicavam, da maneira mais categórica, ser natural da Caledônia.

Deixou-se ficar tòda a tarde, conversando com curiosa reserva até que o freqüente recurso ao vinho e à aguardente da mesa removeram seu constrangimento. Soube, então, que se chamava Gordon e que seu pai, parente próximo de lord Lovatt, estivera envolvido na rebelião de 1715. Seguindo os mesmos princípios, êle também se comprometera na rebelião de 1745, ainda môço. Tendo-se na mesma salientado, foi obrigado a acompanhar a fortuna de Carlos, indo para a França. Aí permaneceu, bem como noutras partes do continente, durante alguns anos, servindo nos exércitos francês e espanhol e visitando Londres uma só vez, durante êsse período.

Fazia vinte e cinco anos que residia no Brasil, tendo percorrido o interior do país em várias direções. Vivera por muito tempo na região das minas de diamantes, associado a outro indivíduo. Tiveram ambos muito êxito na compra de pedras, quando se apresentaram ocasiões para isso, e regressaram à Bahia de posse de uma fortuna considerável, assim adquirida. Só a parte de Gordon montava a quarenta e oito mil cruzados. Mas, quando se preparava para dispor dêsses bens, o sócio fugiu com êles para Lisboa, deixando-o em situação de penúria.

Desde aquela época, residira principalmente nas vizinhanças de Sergipe d'El Rei⁶². Durante tôdas essas andanças através de variados cenários, nunca ficara um só dia doente, embora contasse presentemente setenta e três anos de idade. Revelou, em sua conversação, apenas tinturas de cultura variada que tinha a pretensão de possuir, sendo, além do mais, um rematado fanático. De fato, não contente em proclamar-se católico, disse que desprezava *minha* religião (antes de saber qual era) e

(62) *Sergippe del Rey*, no original.

tôdas as demais, exceto a sua “Santa Igreja Romana”. Eu respondi, com mais urbanidade, declarando que “respeitava tôdas”, afirmação que desagradou ainda mais o velho.

Dêle obtive sòmente respostas evasivas e insatisfatórias às minhas perguntas acêrca do país, o que veio quase a comprovar a falsidade de seus pretensos altos conhecimentos. Disse êle, não obstante, haver escrito sòbre o assunto uma história de sua vida. Instado eu por vê-la, precipitou-se novamente em sua exposição, declarando que narrava acontecimentos que só seriam tornados públicos depois de sua morte. Solicitei-lhe, então, a parte que dizia respeito ao Brasil, assegurando-me êle que eu iria vê-la. Passei-lhe alguns volumes sòbre a matéria, os quais aprovou, recomendando-me, além dêles, o *Peregrino da América*⁶³, que eu procurarei obter.

Ao cair da noite, mostrou-se particularmente estranho e misterioso. Revelou um conhecimento sòbre a minha pessoa e os meus negócios, que me surpreendeu, e referiu-se de maneira curiosa aos desembargadores da Relação e ao Govêrno, sem jamais chegar a qualquer conclusão prática. Quis que eu lhe vendesse um cão *spaniel* de minha predileção. E, diante de uma recusa, disse que certo desembargador, seu amigo, tinha gostado do animal e, se eu não o cedesse, seria furtado. Em resumo, chegou a tais extremos que concluí ser espião ou doido, e dei-lhe a entender que estimaria vê-lo pelas costas. Mas, em vez de retirar-se, declarou que ficaria para passar a noite. Disse-lhe que isso não seria possível, mas tudo em vão. Afinal, fui obrigado a conduzi-lo a uma casamata mais abaixo, onde êle, servido de roupas de cama, permaneceu até a manhã seguinte. Partiu muito antes de minha hora de levantar⁶⁴.

(63) *Peregrine de Amerique*, no original. Trata-se da célebre obra de Nuno Marques PEREIRA, cuja primeira edição é de 1728. A 5.^a que provavelmente seria encontrável em 1802, é de 1765. Foi reeditada em 1939 pela Academia Brasileira de Letras, com anotações de VARNHAGEN, Leite de VASCONCELOS, Afrânio PEIXOTO, Rodolfo GARCIA e Pedro CALMON, completada com uma segunda parte até então inédita.

(64) Era um jacobita, isto é, partidário da Casa de Stuart. Os jacobitas eram católicos fervorosos e tentaram diversas vèzes reconquistar a Inglaterra, expulsando os reis da Casa de Hanôver. Simon Fraser Lovat, 12.^o barão Lovat (1667-1747) foi um dos principais líderes do movimento.

22 e 23 [de dezembro]. Enviei ao governador uma representação, como êle próprio me orientara. Foi encaminhada ao desembargador Cláudio. Procurei êste último e fui informado de que amanhã, se possível, ou pelo menos depois dos feriados, eu encontraria uma resposta no gabinete do secretário no Palácio.

Visitei a casa de um irmão maçom e fui, por acaso, apresentado a alguns outros membros da sociedade.

A maçonaria foi sempre categoricamente proibida pelas leis de Portugal e, por isso, muitas vítimas caíram nas garras da Inquisição e do poder civil. Apesar disso, ela criou raízes nos últimos tempos, tendo-se estabelecido diversas lojas em Lisboa, no Porto, etc., havendo, entre os seus membros, muitas pessoas de categoria, oficiais do Exército e da Marinha, etc. O govêrno tudo sabe e tolera tácitamente, o que não é o caso do Brasil, onde também existem diversos membros dessa sociedade, os quais se conduzem com a maior reserva, não dispondo, ainda, de lojas regulares. A prova de haver, presentemente, maior tolerância nesse particular, é o fato de o meu título maçônico ter sido apreendido pelo desembargador, juntamente com os meus demais documentos particulares. Eu me declarei maçom desde essa época, sem que me adviessem quaisquer conseqüências funestas.

24 [de dezembro]. Fui a pé até a igreja dos franciscanos, onde se realizava solene cerimônia religiosa de corpo presente, em memória de um opulento coronel da ilha de Itaparica⁶⁵. Lá se achavam o governador e os principais moradores da cidade.

O corpo estava colocado além do gradil do altar*. Junto a êle, sentava-se o superior do convento, acompanhado pelo guardião e o provedor, todos ostentando paramentos de veludo prêto, quase inteiramente recobertos de espêsso e rico bordado de ouro. A pequena distância, à cabeceira do corpo, postavam-se dois frades diante de umas estantes de côro, com alvas de renda branca; e a partir dêles, estendendo-se em dupla

(65) *Itaparica*, no original.

(*) Nas grandes igrejas católicas, existe considerável espaço entre o gradil e o altar.

fileira, de cada lado do altar, sentavam-se outros irmãos, com seus hábitos costumeiros, cada qual tendo às mãos um volume *in-quarto*, do officio religioso. O corpo jazia numa essa piramidal, de quatro corpos (apoiada em colunas), encimada por um esquiife; e o conjunto era recoberto de veludo prêto, bordado com franjas duplas de larga renda de ouro, sendo as colunas entrelaçadas do mesmo material.

O morto jazia no primeiro vão (ou andar) da essa, trazendo o hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo, ou seja, hábito branco de tafetá, casaco escarlate e curto, estola de cetim, borzeguins de marroquim vermelho e capacete de prata, todo ornamentado, luvas nas mãos (a direita segurando rica espada). O rosto achava-se exposto e parecia o de um homem de seus quarenta anos.

O officio religioso foi cantado, com acompanhamento de órgão e de uma banda completa. Depois de terminado, os frades e os espectadores, cada qual carregando imensa vela de cêra, acompanharam o corpo, que foi transportado até o centro da igreja, e aí depositado, sendo fechadas as portas.

25 a 28 [de dezembro]. Ao meu jantar de Natal não compareceu um só amigo, e nem foi animado pela companhia de quem quer que fôsse. Sentei-me à mesa, solitário, entregando-me a pensamentos e lembranças de tempos mais felizes. Meu *melhor amigo* interrompeu-me, e nós concluimos nossa refeição, gratos pelo bem do momento presente. À tarde, tomamos por um caminho pouco freqüentado, que partia do forte e ia dar num vale cultivado, e entretivemo-nos a contemplar a rica vegetação, até o cair da noite.

O Natal é aqui celebrado por tôdas as classes com um grande feriado. As boas coisas da vida, em matéria de comer e beber, não são tão fartas nessa ocasião como entre nós. Mas realizam-se festas nas vilas da vizinhança, que se prolongam por alguns dias, proscreeve-se a reserva habitual e surgem a música, a dança, jogos de cartas, amôres, etc. A igreja do Bonfim⁶⁶, na península de Monte Serrate, é famoso ponto de reunião e diversões, nessa época. Aí, após as práticas de de-

(66) *Boa Fim*, no original.

voção, todos se entregam ao prazer pelas vizinhanças, unindo, assim, a religião com a voluptuosidade, e aliviando a consciência dos pecados velhos antes de cometer novos. A situação da igreja é bela e digna de ser vista⁶⁷.

29 e 30 [de dezembro]. Fiz duas visitas à cidade, após a petição relativa a meus papéis, e fui informado de que deveria aguardar até o fim dos feriados.

Indaguei na casa de um amigo (farmacêutico) sobre a possibilidade de arranjar alguém que me acompanhasse às matas para que eu pudesse colhêr observações a respeito de plantas medicinais. Fiquei surpreso ao saber que êle próprio as obtinha por compra a escravos e índios mestiços, que as ofereciam à venda. E ninguém, na Bahia, adotava outro processo. Poderia apenas sugerir-me uma busca ao acaso, nos jardins que circundavam a cidade.

31 [de dezembro]. Iniciei as minhas investigações, mas tudo em vão. Procurei, então, encontrar o que desejava, sem o auxílio de qualquer guia, numa das matas vizinhas. Nela, depois de insistir durante algum tempo, sem êxito, e de ficar seriamente coberto de arranhões, penetrei num matagal cerrado, prosseguindo até grande distância do meu ponto de entrada. Havia uma casa nas proximidades, a que tive de recorrer para indagar qual o caminho da cidade. Soube que estava numa comunidade rural, denominada Matatu⁶⁸, e que possuía a mais encantadora situação. Fui conduzido através de uma alamêda de jasmims e rosas até a estrada, sombreada de altas jabuticabeiras⁶⁹, densamente carregadas de frutos.

Depois de passar por outros retiros encantadores, cheguei fatigadíssimo ao forte, para jantar. Não terei pressa em repetir excursão dessas, neste clima.

(67) As festas natalinas da Bahia estão estudadas num interessante estudo de Manuel QUERINO, incluído na obra *A Bahia de outrora* (Salvador, 1955), enriquecida de valiosas notas do professor Frederico Edelweis.

(68) Matatu, bairro da cidade compreendendo as ruas Luís Anselmo, Raul Leite e Barias Falcão.

(69) *Jakitacaba*, no original.

1803 — 1.º de janeiro. Começo o ano cheio de inquietações e embarços; mas, ainda assim, com plena confiança na poderosa e protetora Providência. À noite, lendo em voz alta para distrair-me, adoeçi súbitamente e fui obrigado a recolher-me.

2 [de janeiro]. Vi que apresentava todos os sintomas de febre, e meus nervos extremamente trêmulos. Mal consigo guiar a pena. O dia de hoje encerra os feriados, dos quais tivemos nada menos de sete, nos últimos nove dias.

3 a 5 [de janeiro]. Estou quase bom, mas ainda não de todo livre da febre. O Sr. Barreto⁷⁰, médico europeu, veio visitar-me com a maior gentileza, ao saber de minha doença, e aconselhou-me a não ficar apreensivo pois iria curar-me em dois ou três dias. Isso deu-me alma nova porque receava muito os efeitos de uma doença dessas durante o intenso calor que ora predomina.

6 [de janeiro]. Aventurei-me a sair ao ar livre para testemunhar como o povo comemora a Epifania, denominada “Dia de Reis”, em alusão aos três reis que, segundo dizem, adoraram o Salvador, trazendo-lhe oferendas, em companhia de sábios do Oriente.

Aqui, músicos ambulantes, com seus violões e tambores, etc., começaram ontem à noite (a véspera ou vigília da festa) a cruzar as ruas em grupos, indo de casa em casa, sem a menor cerimônia, e fazendo em cada uma o mais bárbaro tumulto; e depois de repetirem as mesmas tolas formalidades, seguem adiante para importunar o morador mais próximo. Continuaram nisso pela noite inteira, e a multidão participou da rude alegria, parecendo apreciar muito o espetáculo. Isso prosseguiu hoje, com entusiasmo aparentemente nada reduzido. Até mesmo os transeuntes são abordados, nas ruas, e correspondem à brincadeira. Em resumo, isso parece um carnaval italiano, cheio de confusão, mas sem o espírito picante e o vivo interesse que inspira esta festa.

Ainda não sei que relação existe entre esta cerimônia e os bons reis, cuja memória é assim cultuada de maneira tão curiosa.

(70) *Barrato*, no original.

Mas não posso deixar de considerar uma pena que êsses lúgubres resquícios do século XIV não estejam totalmente abolidos⁷¹.

7 a 11 [de janeiro]. Visitei por três vêzes o desembargador Cláudio por causa dos meus papéis, mas tudo em vão. Fiquei quase exausto com o forte calor, pois êle mora longe. Não repetirei o pedido.

Se uma autoridade pudesse perceber como se torna desagradável por não cumprir o que promete, tais casos certamente não ocorreriam com tanta freqüência.

12 a 17 [de janeiro]. Mais uma vez tive a felicidade de ver o pavilhão britânico desfraldado na baía. Era o de um navio particular, da rota da Índia, o *Triton*, sob o comando do capitão Anstiss. Fui a bordo, sendo recebido da maneira mais cordial pelo capitão, que me pôs ao corrente das notícias da atualidade, o que eu desejava há tanto tempo e tão ardentemente. Permaneci no navio até tarde, apreciando êsse prazer nôvo, e senti-me revivificado com o privilégio de um convívio perdido havia tanto tempo.

Cinco pessoas respeitáveis, entre êles um capitão e um tenente de infantaria, fizeram também amistosa visita ao capitão Anstiss, na sexta-feira passada. Sendo isso levado ao conhecimento do governador, êle ordenou-lhes a prisão imediata. A medida foi ontem posta em prática, juntamente com a prisão do tenente do barco-vigia, que se achava de serviço por ocasião da visita. Ademais, foram baixadas ordens categóricas para que pessoa alguma fôsse admitida a bordo do *Triton* e nenhum barco nêle encostasse. Por causa disso, alguns carpinteiros que se dirigiam para bordo hoje de manhã, portadores de um passe concedido pelo intendente-de-marinha (ou almirante-de-pôrto) foram barrados pelo barco-vigia e obrigados a retroceder.

(71) As festas de Reis na Bahia que, talvez pelo estado de espírito deprimido em que se encontrava, não tocaram o coração do autor, despertam em muitos outros, pelo contrário, um sentimento de profunda admiração pelo espírito que elas encarnam. V. a coletânea reunida pelo prof. PINTO DE AGUIAR sob o título: *Bailes pastoris da Bahia* (Melo MORAIS FILHO, Manuel QUERINO, J. N. de Almeida PRADO e Carlos ORT), Salvador, 1957, esp. "Natal, Ano Bom e Reis" de Melo MORAIS e "Bailes dos Reis" e "Cantatas da noite de Reis", por Manuel QUERINO.

18 [de janeiro]. Aconselhei o capitão Anstiss que dirigisse um pedido direto ao governador, e acompanhei-o na qualidade de intérprete. Sua Excelência recebeu-nos com a maior polidez, desculpando-se da severidade da medida com o fato de haver recebido ordens especiais da Côrte, nesse particular. E com referência aos carpinteiros, disse-nos que procurássemos o intendente-de-marinha⁷². Dirigimo-nos a êsse oficial, que declarou não estarem carpinteiros comuns à altura de examinar as avarias do navio, devendo a inspeção do *Triton* ser efetuada por funcionários da alfândega⁷³.

19 [de janeiro]. Êsses funcionários apresentaram-se com grandes formalidades, e redigiram um relatório afirmando que o navio tinha um rombo à proa, em local tão escondido pelo madeiramento que seria impossível repará-lo sem proceder à descarga do barco.

20 [de janeiro]. Obteve o capitão Anstiss uma certidão de inspeção e foi instruído, pelo intendente, a dirigir-se (mediante requerimento) ao governador para o fim de efetuar essa descarga, reparar o navio e vender uma parte para arcar com as necessárias despesas.

21 [de janeiro]. A boa cerveja e o bom queijo de bordo do *Triton* (artigos a que estávamos desacostumados havia tanto tempo) tentaram-nos a solicitar permissão ao governador para fazer desembarcar pequena quantidade de cada um, não desejando eu infringir os rigorosos regulamentos. Mas o assunto era tão contrário aos interesses da receita e do govêrno da Bahia, que minha solicitação foi recusada.

(72) O intendente-de-marinha era José Francisco de Perné. Sôbre a importância do cargo, dirá o conde da Ponte, alguns anos depois que "êste emprêgo é talvez o de maior consideração nesta cidade, pois entende imediatamente na Vedoria Geral dêste Exército, inspeção de tôdas as obras públicas, polícia e vigilância do pôrto e cuidado e bom estado das fortalezas e sua conservação". Castro e ALMEIDA, *Invent.* cit., v, doc. 29.856.

(73) A arribada do *Triton* é relatada minuciosamente pelo governador ao ministro da Marinha e Ultramar em Lisboa, em offício de 29 de janeiro de 1803, ao qual está anexo o Auto de diligências a bordo. Castro e ALMEIDA, *Invent.* cit., v, docs., 24.966-24.967.

À noitinha, em companhia do capitão Anstiss, fui visitar os novos prisioneiros mencionados nas notas do dia 17, do meu diário, e que estão recolhidos na sala do Conselho, do quartel. Encontramo-los muito confortavelmente alojados e rodeados de amigos, que eram os moradores de melhor categoria do lugar. Havia, entre êstes, um padre da cidade e um compositor, que cantou ao violão suas próprias músicas. Reinavam os chistes e as risadas, em profusão. Êles amenizavam sua reclusão, e os momentos passaram de maneira tão agradável que eu parti com relutância.

22 [de janeiro]. Em resposta à sua petição do dia 20, recebeu o capitão Anstiss a informação de que poderia descarregar o navio sob a imediata superintendência e inspeção do guarda-mor e de um amanuense da Alfândega. Mas não lhe poderia ser concedida a faculdade de realizar vendas a fim de liquidar suas despesas porque haviam chegado ordens recentes de Lisboa para que, nesses casos, uma suficiente quantidade de mercadorias fôsse retirada do navio e mandada para essa cidade, sendo lá vendida. A dívida de origem, o frete para a Europa e as despesas de viagem seriam deduzidas do produto dessa venda e o saldo (se houvesse), devolvido ao proprietário, em Londres ou qualquer outra parte.

Tal é a assistência que os nossos fíéis aliados de Portugal dão ao nosso comércio; essa a hospitalidade que devem esperar os infelizes navios que se acharem em perigo e buscarem suas praias, se tiverem a infelicidade de não possuir cartas de crédito, coisa de que poucos dispõem nesta remota parte da América.

Não contentes em arrecadar somas imensas em taxas portuárias*, e de ter seis funcionários da Alfândega sempre a bordo, além de outras imposições, adotaram agora essa nova modalidade de *perigo* só para causar dano ao infeliz estrangeiro.

O capitão Anstiss queixou-se em vão dessa resposta. Solicitou, então, fôsse enviado um barco que procedesse à descarga do *Triton*, o que o intendente prometeu, sem falta, para o dia 24.

(*) Ver o Apêndice.

23 [de janeiro]. Um pequeno brigue balceiro, o *Vigilance*, de Londres, entrou para reparos, no dia 28. Mas o mestre, percebendo em que espécie de lugar se encontrava, abreviou as coisas e, em condições ainda precárias, aprestou-se para fazer-se ao mar hoje de manhã, embora sem meios para pagar as despesas efetuadas. Por causa disso, o navio foi detido, embora faltasse apenas uma ninharia para completar a soma devida. Tive a satisfação de vê-lo libertar-se, antes de cair a noite⁷⁴.

24 [de janeiro]. O intendente apresentou a desculpa mais esfarrapada, diante da solicitação do prometido barco. Disse, finalmente, que não seria possível obtê-lo. O capitão Anstiss, muito melindrado, declarou não poder sujeitar-se a maiores delongas; arranjaria operários e consertaria seu navio da melhor maneira que lhe permitisse a presente situação. E requereu uma licença para êsse fim, que lhe foi concedida pelo intendente.

25 [de janeiro]. Os barcos, conduzindo os operários, encostaram no *Triton*, com a licença do intendente, contra-assinada pelo governador. Apresentaram-na ao tenente do barcovigia, que lhes permitiu subirem a bordo. Foram, entretanto, ainda impedidos pelos funcionários da Alfândega, até que obtivessem também permissão do provedor da Alfândega. O capitão Anstiss ficou exasperado, e com razão, pois não avançara um passo desde a sua chegada, após haver deparado imensas dificuldades e já transcorridos treze dias. Dirigiu-se à terra e, com mais alguns aborrecimentos, obteve licença do provedor, iniciando os carpinteiros seu trabalho.

Tenho sido enfadonhamente minucioso ao pormenorizar diàriamente êste caso, a fim de esclarecer àqueles que porventura toquem no Brasil sôbre o que poderão esperar se não tomarem providências antecipadas quanto a êsses percalços.

(74) Em 29 de janeiro o governador Cunha Meneses relatava ao Govêrno da Metrôpole os incidentes relativos ao brigue *Vigilant* (e não *Vigilance*) de Londres. Castro e ALMEIDA, *Invent. cit.*, doc. 24.968.) O Govêrno português tinha excelentes motivos para se precaver contra as arribadas de navios estrangeiros, quase sempre ocultando os verdadeiros intuitos de contrabando ou de espionagem. Os casos são inúmeros e as ordens numerosas. V. a segunda nota à Introdução, p. 2. Aliás o próprio autor voltará ao assunto na memória anexa sôbre a Bahia.

As mesmas formalidades, delongas e vexames existem por t \ddot{o} da a costa. Costumavam ser mais toleráveis no Rio de Janeiro; mas agora essa praça é exatamente igual às outras, nesse particular, porque a severidade extrema é medida nova e de caráter geral, parecendo denotar acentuado rancor político ao nosso comércio, o qual, com t \ddot{o} das as probabilidades, irá acentuar-se ainda mais.

26 e 27 [de janeiro]. Numa excursão ao alto Itapagipe⁷⁵, e margeando as matas que se estendem para o interior, observei que as árvores tinham mais colmeias do que até mesmo as situadas nas vizinhanças de Pôrto Seguro. Consistem numa pesada casca de argila, soldada de maneira semelhante à dos ninhos da andorinha, arqueando-se nas altas árvores e com mais ou menos um pé de espessura, num oval de dois pés de diâmetro.

Ao serem abertas, vê-se que a cêra se dispõe como em nossas colmeias, e o mel é abundante. Mas, o açúcar é aqui tão farto que se dá pouco valor a êste último. A cêra é também desprezada pelos brasileiros, pois é muito grande a oferta dêsse artigo, proveniente das colônias africanas.

28 [de janeiro]. Durante a fresca do dia, dei um passeio a pé até o jardim de um comerciante, perto da Soledade — maravilha e orgulho da Bahia. Possui encantadora situação, mas está arranjado e decorado de maneira frívola, no velho estilo francês; consiste em pequenos canteiros de flôres, dispostos de várias formas e guardados por inúmeras e pesadas divindades e estátuas, que ora assinalam cada ângulo das alamêdas, e ora são embutidas nas paredes da entrada, no terraço da casa, etc. Há uma pequena fonte no centro de um jardim interno; e, mais além, uma gruta, lastimavelmente arranjada com reles conchas, apesar de oferecer a região tamanha variedade de produtos marinhos e concreções.

Um caramanchão, recoberto por uma bela trepadeira, atraíu minha atenção, bem como a variedade de flôres, algumas ainda não descritas. As terras que circundam o jardim ainda não foram sequer tocadas, podendo ser dispostas da maneira mais graciosa. Mas, embora seu dono possua fortuna ilimitada e tenha um *penchant* especial pela sua residência, falta-lhe o gôsto

(75) *Tapagippe*, no original.

discriminador pela natureza e a capacidade de apreciá-la, necessários à realização de uma tarefa dessa espécie.

29 [de janeiro]. Enquanto lia atentamente as várias notícias e publicações obtidas no *Triton*, ouvi um ruído tumultuoso na praça do forte e vozes que conversavam em inglês. Olhando para fora, avistei certo número de pessoas escoltadas por guardas, e soube que se tratava do capitão e da tripulação de um brigue-baleeiro, o *Anne-Augusta*, que naufragara ao sul havia já alguns dias. Estavam êles sendo conduzidos ao forte para nêle residirem. Dei as boas-vindas aos meus irmãos de infortúnio e esforcei-me no sentido de proporcionar-lhes conforto para a noite.

30 [de janeiro]. Padei com o calor do meio-dia, procurando apanhar algumas das graciosas borboletas que são abundantes nessa hora. Fiquei logo exausto com o calor intenso e regresséi, não estando à altura daquele esforço.

À noite, retomei o meu propósito; e, durante uma longa excursão, dei com os olhos num índio velho, em meio da mata, empunhando um mosquete quase apontado para mim, o que me alarmou bastante. Estava êle à espera de tatus*, que raramente aparecem antes do anoitecer. São animais da espécie suína, aqui considerados belo manjar, embora eu julgue sua carne bem insípida, algo assim entre leitão e coelho. Essa *caça brasileira* é geralmente assada no casco.

31 de janeiro a 3 de fevereiro. A beleza das tardes, aqui, é inexcedível em qualquer clima. Essa parte do dia, após o calor extremo, é irresistivelmente convidativa.

Caminhamos até S. Lázaro⁷⁶, onde o nosso aspecto de estrangeiros atraiu a atenção do diretor que, delicadamente, convidou-nos para descansar por uns momentos, oferecendo-nos a colação usual dos brasileiros finos: frutas, doces em compota, pão, vinho e licor. Após a refeição, acompanhei-o através do hospital.

(*) Ver a descrição de Pôrto Seguro.

(76) *San Lazarus*, no original. (Ver o diário de 14 de dezembro) e nota respectiva. A construção deve-se aos jesuítas, como ficou dito, passando à Coroa com o confisco dos bens da Ordem.

Considero o edificio bem adaptado aos seus fins, possuindo as vantagens do ar e da água, cujas qualidades minerais são de grande valor no tratamento dêsse mal calamitoso, a lepra. As alas destinam-se aos doentes do sexo masculino e o centro (inteiramente separado) é reservado aos do sexo fominino. As enfermarias são limpas e, na parte de baixo do prédio, existem banheiros e demais dependências adequadas. O edificio foi erguido há uns dezessete anos, à custa do erário de Sua Magestade, sendo mantido com facilidade pelas terras que o circundam e que estamos convidados a visitar amanhã.

A fazenda de S. Lázaro prova que o solo do Brasil é capaz de produzir todos os bens da terra. Vêm-se aqui, em abundância luxuriante, as especiarias das Molucas, o arroz da Ásia, os cereais da Europa e as diversas famílias de leguminosas e raízes farináceas, além das riquezas peculiares à América, quer em frutas, quer em vegetais.

Esse lugar de trabalho foi imediatamente patrocinado por três governadores sucessivos, e faz-lhes grande honra, pois exhibe um padrão que não só enriqueceria o país como também o tornaria um paraíso perfeito, se fôsse geralmente seguido.

O senhor idoso que dirigiu tudo (um europeu), acompanhou-nos em nosso passeio e mencionou que as laranjeiras e limeiras, depois de deitarem ramos, produzem ao cabo de dois anos, tornando-se belas árvores aos quatro. Mostrou-nos muitos exemplos disso.

Certas árvores ficam expostas a terríveis devastações de grandes formigas pardas, as quais, apoderando-se de uma delas, despojam-na de tôdas as fôlhas ao cabo de alguns dias e causam dano à sua tenra casca, de tal modo que a árvore nunca mais torna a ser a mesma. Nem mesmo a fumigação ou qualquer outro processo até agora descoberto impede a destruição, uma vez iniciada. Por causa disso, as árvores são geralmente plantadas com uma vala circular em derredor, sempre cheia de água durante os primeiros anos, até que atinjam um desenvolvimento tal que desafie o mesquinho destruidor.

Não somente as laranjeiras êsse inseto infesta, mas tôda a vegetação cultivada. E para impedi-lo, as plantações dessa natureza são habitualmente feitas em vales, cercados de correntes

de água artificiais, sendo cuidadosamente destruídos os formigueiros que existam nos seus limites.

4 [de fevereiro]. Que invejosa antipatia existe pela pobre Inglaterra! Chegou hoje um navio de Lisboa e trouxe a noticia de uma insurreição geral ao sul da Grã-Bretanha. Os rebeldes estariam muito fortes e o govêrno seria indubitavelmente derrubado.

Êles datam essa noticia de 4 de dezembro; e embora eu tenha refletido sobre sua impossibilidade (e o capitão Smith* tenha-se comunicado com um navio a 2 de dezembro) e informado a boa gente de que a origem de tudo isso deve ser alguma perturbação de mineiros, sem importância, perdi o meu latim. Êles insistem em que a velha Inglaterra está agora a braços com a ruína certa!

5 [de fevereiro]. A Bahia está sem dúvida progredindo em civilização: vejo os trajes europeus cada dia mais generalizados entre as mulheres, e estou informado de que vai ser inaugurado esta noite um nôvo estabelecimento, nada menos que uma casa de concertos públicos e jogos de cartas, a se realizarem duas vêzes por semana, os primeiros regidos pelo músico principal daqui (um italiano). O regulamento parece prometer que a instituição irá permanecer seleta e poderá conduzir a um convívio menos reservado e mais familiar do que as relações que têm existido até agora na sociedade local.

6 a 12 [de fevereiro]. O *Triton* seguiu viagem. Agora nos sentiremos um tanto solitários, depois de experimentar o grato prazer de sua companhia durante várias semanas.

O Sr. Gordon, a que me referi faz algum tempo, tornou a aparecer e desculpou-se pelo seu comportamento quando estêve aqui antes. A persistência naquelas extravagâncias causou-lhe um acidente, pouco depois, o que motivara sua prolongada ausência. Parece que o velho rolou de uma escada e sofreu uma contusão na cabeça, de tal maneira que foi obrigado a submeter-se a uma operação muito séria, a que felizmente sobreviveu.

(*) Antigo mestre do navio naufragado, *Anne-Augusta*, mencionado no diário de 29 de janeiro.

Pedi-lhe os documentos que me prometera, mas continuou a desculpar-se nesse particular, fugindo ao assunto.

Examinei o livro que êle recomendou⁷⁷ e achei-o meramente um velho “passeio” moral através do Brasil, mal proporcionando quaisquer informações reais.

Com a chegada do capitão Smith, há dez dias aproximadamente, recomendei-lhe que enviasse lanchões ao navio naufragado, com o seu mestre e pessoal, a fim de tentar recuperar parte dos salvados. Como os homens não regressavam, conforme o esperado, Smith ficou muito inquieto e partiu numa balceira à procura dêles em companhia de quatro marinheiros. Uma brisa fresca levou-os quase a perder a costa de vista, retornando a ela com certa dificuldade. Se tivessem sido impelidos uma légua mais além, temo que se extraviassem, já que estavam sem bússola e sem provisões. Encontraram as lanchas carregadas com apreciável quantidade de salvados do naufrágio. Ao regressarem, o Govêrno imediatamente determinou fôsem as mercadorias apreendidas a fim de ser-lhes dado destino.

13 a 17 [de fevereiro]. Os vales vizinhos têm muitas laranjeiras, agora tôdas floridas. O ar ficou logo excepcionalmente impregnado de sua fragrância, o que foi provocado pela passagem momentânea de uma nuvem baixa e pesada, que, comprimindo as partículas voláteis da atmosfera, deu-lhes corpo mais perceptível. Mas, em breve, desfez-se a nuvem em pesada chuva, destruindo o perfume momentâneo.

Há dois dias que o sol passou para o rumo norte. Vale a pena observar como o seu progresso foi assinalado pelas chuvas: ligeiras precipitações começaram há dias, aumentando, porém. Creio que nos levam à estação chuvosa, que geralmente se inicia em março e prossegue (quase sem interrupção) até maio.

Empregamos a maior parte de nossas noites em passear a pé ao derredor do forte, colhendo as plantas mais curiosas. Sinto, porém, imensa e irremediável falta de um guia sistemático, capaz de orientar essas pesquisas botânicas.

(77) *O Peregrino da América.*

18 [de fevereiro]. Foi hoje dirigido ao capitão Smith um pedido de informações relativo ao estabelecimento, aqui, de um pôsto destinado à pesca da baleia com o emprêgo de navios.

As baleias são abundantes na costa, mas só algumas são mortas, com o emprêgo de grandes barcos, que partem destas praias. Para estas trazem as baleias, a fim de serem tratadas. Mas o óleo assim produzido não corresponde absolutamente ao consumo, e, por conseguinte, é caro. Certos comerciantes, mais empreendedores do que é costume, desejam melhorar a situação enviando navios ao mar alto, segundo o sistema britânico de realizar a bordo a extração do óleo. Se fôr pôsto em execução êsse plano, deverá atender a tôdas as esperadas vantagens, dada a quantidade de baleias existentes quase à porta (por assim dizer). Isto não só significará preços baixos, como também proporcionará valiosíssimo artigo de exportação⁷⁸.

19 [de fevereiro]. As imensas dificuldades que Smith tem encontrado para resolver o seu caso tornam-no tão desorientado que resolvi tomar a questão a meu cargo. São de surpreender as delongas do Govêrno nos assuntos mais insignificantes. Os salvados do naufrágio foram entregues à sua guarda; são inumeráveis os documentos e as repartições que tive de procurar para reavê-los e vendê-los.

Solicitou o mestre que lhe fôsem entregues alguns artigos sem importância, de sua propriedade particular. Antes de obtê-los, viu-se obrigado a justificar sua reivindicação mediante três testemunhas, e foram redigidas quatro laudas de papel por um advogado, nos autos do processo. Tudo isto, depois de registrado na repartição competente, teve de receber cinco assinaturas diferentes, para ter validade, montando as despesas quase tanto quanto o valor das mercadorias.

20 [de fevereiro]. Uma jovem de dezesseis anos tomou o hábito de freira hoje de manhã, na igreja que fica ao lado do convento da Soledade, só para atender a conveniências da fa-

(78) O estudo da pesca da baleia na Bahia foi feito na excelente monografia da professora Myriam ELLIS, *As feitorias baleeiras meridionais do Brasil colonial*, São Paulo, 1966 (cap. 1: O alvorecer da indústria baleeira no Brasil colonial e as "Pescarias do Norte").

mília. O pai, grande e rico negociante, testemunhou publicamente sua alegria pelo acontecimento. Um navio que lhe pertence, surto na baía, e outro, de propriedade de amigos seus, foram embandeirados em arco e deram, além disso, uma salva de três tiros.

Realizou-se uma feira ao lado do Convento e bandas de música tocaram o dia inteiro. À noite, teve início uma deslumbrante queima de fogos de artifício, estendendo-se os seus petrechos por uma distância de trezentos metros. Levou duas horas ininterruptas, e os fogos eram de qualidade superior, encerrando-se, assim, as celebrações do dia.

Este júbilo público diante de um ato que talvez condene a pobre vítima à desgraça irremediável por tôda a vida e, sem dúvida, à reclusão perpétua da sociedade, assemelha-se à prática de dourar a pílula a fim de aliviar o seu amargor. Encontrei alguns amigos portugueses que ousam pensar por si mesmos e condenam a cerimônia em termos bem mais severos do que aquêles em que me expressei; concluem com a remota esperança de ainda ver modificar-se de algum modo uma religião que estimula tais sacrifícios, e um govêrno que favorece atos tão contrários à verdadeira política e aos reais benefícios de uma colônia tão deficiente em população⁷⁹.

21 [de fevereiro]. Fatigaram-me o calor e os reflexos dos fogos de artifício. Somados à circunstância de permanecer acordado até mais tarde que de costume, com uns amigos que me acompanharam até o forte, causaram-me, hoje, ligeira indisposição. É surpreendente como alterações mínimas afetam o organismo, neste clima.

(79) O problema das ordens religiosas femininas deu origem a largos debates no tempo. Está superiormente exposto pelo prof. Thales de AZEVEDO, *Povoamento da cidade do Salvador*, 2.^a ed., São Paulo, 1955 — Coleção Brasileira, vol. 281. Por ali se vê que não eram só alguns amigos de Lindley que se opunham aos costumes religiosos, mas grandes autoridades, como o conde dos Arcos que, em carta ao conde das Galveias, declara que a Bahia era uma *terra de hotentotes* porque os pais ricos metiam as filhas de tenra idade nos conventos “com o pretexto de falta de casas de educação, mas com o fim de elas não casarem com os oficiais da guarnição”. A êste argumento opunha o arcebispo D. José Botelho de Matos o número mínimo de freiras, não havendo, em média, mais de cinco profissões por ano (p. 222).

22 [de fevereiro]. Durante os últimos três dias (que precedem a Quaresma), um costume anual e singular é pôsto em prática pela população: pregam-se tôda a sorte de peças aos transeuntes e uns aos outros. Grande número de bolas, assemelhando-se a ovos coloridos, feitos de cêra derretida, acham-se à venda há alguns dias. São cheios de água e fechados nas extremidades. As damas os arremessam nas pessoas, e êles arrebetam ao menor choque, produzindo uma passageira molhada. Joga-se pó de arroz de tôdas as janelas, prega-se moeda falsa no chão, etc.

Essa curiosa extravagância é denominada *entrudo*; imagino que seja outro remanescente do carnaval do sul da Europa⁸⁰.

23 [de fevereiro]. Iniciou-se a Quaresma, com tôda a severidade costumeira. Jantei com o capitão Isbister, de um brique inglês atualmente surto aqui. Pela fartura de sua mesa, nesta época santificada, vê-se que não é católico.

24 [de fevereiro]. Dois moradores de Pôrto Seguro indagaram de nossa saúde, hoje de manhã. Trouxeram os cumprimentos dos amigos e deram notícias do lugar. Achei muito lisonjeira essa pequena atenção, vinda de onde veio.

25 [de fevereiro]. O capitão Isbister achava-se pronto para fazer-se à vela, hoje de manhã, mas foi detido por causa de despesas portuárias, contra as quais resolveu insurgir-se, por serem sobremodo pesadas. É praxe antiga o envio de seis guardas aduaneiros a bordo de cada navio inglês de qualquer tamanho ou tipo*, isto contra o pagamento de cinco xelins e quatro dinheiros a cada um, por dia, o que em breve monta a uma soma considerável. Após reiterados requerimentos ao governador e ao intendente-de-marinha sôbre o caso, e tendo esperado durante a maior parte do dia, conseguiu êle o abatimento de um têrço da soma. Isto sem dúvida constituirá precedente a que (espera-se) todos os visitantes do pôrto se aferarão, no seu interêss.

(80) A origem do *entrudo* baiano e sua transformação no carnaval está estudado no curioso livro de Antônio VIANA, *Casos e coisas da Bahia*, Bahia, 1950 (esp. p. 56: "Evolução do entrudo").

(*) Exceto os de guerra.

26 [de fevereiro]. O Govêrno está empregando todos os esforços no sentido de tornar a colônia mais produtiva, não só plantando artigos exóticos, conforme se mencionou, mas também explorando suas jazidas de salitre, talvez as primeiras do mundo. Isto não significa uma descoberta, pois foram achadas no govêrno de D. João de Lancastre⁸¹, no ano de 1695. Mas a distância em que estavam situadas foi, então, julgada obstáculo invencível à sua exploração, sendo totalmente desprezadas desde aquêlê período até os últimos três anos, quando foi determinada a construção de estradas até o local. Veio de Lisboa um engenheiro para dirigir o empreendimento. Essas minas distam sessenta léguas a oeste-sudeste, esperando-se que a ligação esteja em breve concluída. Afirma-se que é de primeira a qualidade do salitre, encontrado puro.

27 de fevereiro a 2 de março. Há muitos dias que se vê uma imensa revoada de borboletas brancas e amarelas. Nunca pousam e dirigem-se do noroeste para o sudoeste. Nem o forte nem qualquer outro edifício serve-lhes de obstáculo; continuam firmemente o seu caminho, o qual, sendo em direção ao mar (que fica a pequena distância), significa, por conseguinte, que deverão perecer.

É singular que não sejam vistos, no momento, quaisquer outros tipos dêsses insetos, apesar de geralmente existirem em abundância no país.

3 a 7 [de março]. A perda insignificante de umas galinhas, que meu empregado encontrou metidas num alpendre do capitão do forte, e que eu não pude devolver, deu origem a uma divergência na qual o capitão e sua família empregaram a linguagem mais insultuosa. Como único meio de reparação, pedi permissão ao governador para tomar uma casa na cidade, sob as condições que lhe aproovessem. Nem recebi resposta, não sendo o meu pedido levado na menor consideração.

Mostraram-me uma petição ao Príncipe do Brasil, dirigida pelos oficiais do exército que servem nas fortalezas e pelos funcionários das repartições públicas, solicitando permissão de Sua Alteza para fundarem uma instituição de caridade, que re-

(81) *João de Lancastro*, no original.

cebesse suas viúvas ou famílias ou lhes desse assistência financeira mediante os fundos de que dispusesse. A fim de estabelecê-la, os peticionários estavam dispostos a entrar com a metade de seus soldos, durante doze meses, rogando o restante da munificência do príncipe. A petição deve ser encaminhada imediatamente, esperando êles uma resposta favorável, pois ainda não existe qualquer instituição dêsse tipo.

8 [de março]. O retrato de um avaro é sempre o mesmo. As diferenças entre os países podem, somente, de algum modo, variar o sombreado.

Recebi, hoje de manhã, uma ordem de pagamento contra o Sr. Antônio de Oliveira. Ao entrar em sua casa, um empregado magro, meio morto de fome e de rosto pálido, estava sentado a escrever numa mesa miserável, situada em suja antecâmara. Anunciou-me a alguém, que se achava noutra sala e na qual fui admitido com a devida cautela, nela defrontando um homem que pesava umas abotoaduras de ouro que uma pobre criatura ao seu lado estava vendendo ou penhorando. Pedi-me que esperasse, em tom desagradável, apontando para uma porta onde, seguindo entendi, se encontrava o seu chefe. Passado algum tempo, fui apresentado ao próprio Sr. Oliveira — homem idoso, de cabelos grisalhos e coberto de rugas, de pé a vender uns cortes de chita a suas freguesas, a quem observava curiosamente, enquanto examinavam as mercadorias.

A sala era grande e nela havia, dependurados, velhos quadros de santos e evangelistas, quase caindo das molduras, tanta era a poeira que havia sobre êles, como também sobre um Cristo que vacilava na sua cruz. A um canto notava-se uma prateleira, em que outrora deviam ter brilhado uma faca com cabo de prata, uma bacia também de prata, além de artigos vários de ouro e prata, e outras riquezas. Mas, no momento, tudo estava embaciado pela sujeira. Algumas cadeiras antigas, um armário enorme e uma mesa quebrada compunham o restante do mobiliário, a menos que umas vinte malas dispostas em derredor pudessem caber nessa classificação.

Sobre a mesa, um melão (dieta barata, refrescante e sóbria), estava cortado, ao lado de um prato de farinha. O velho fêz-me sentar, mas em posição tal que eu ficava sob suas vistas, assim

como as freguesas. Pediu-me que tivesse paciência até acabar de despachá-las. Eram exigentes em suas compras, e êle para satisfazê-las, teve de abrir três ou quatro malas, recolocando nelas cuidadosamente o conteúdo e fechando cada uma a chave, antes de abrir a seguinte. Quando as mulheres se retiraram, apresentei meu título, e assisti a quantia ser contada com muito cuidado e empilhada (sendo em prata) num banco que ficava por detrás dêle, coberto com um pano. Informando eu ao velho que me havia sido prometido ouro, êle transportou uma parte da prata para o armário já mencionado e, abrindo-o, fiquei surpreendido com a quantidade de sacos nêle existentes, aparentemente cheio de ouro, além de artigos avulsos de ouro e prata, arrumados separadamente. Abriu um dos sacos e cumpriu minha exigência. Parti com a impressão de espanto diante do fato de um ser humano poder consumir a vida acunulando riquezas, sem qualquer intenção de applicá-las, e fazer tôda a sua felicidade consistir nesse hábito de juntar.

9 [de março]. Vários navios chegaram de Lisboa nestes últimos dias, o que situa sua partida em princípios de fevereiro. Não trouxeram quaisquer informações a nosso respeito.

10 [de março]. É de surpreender o vulto das somas que a religião oficial exige de seus adeptos, em esmolas, e a boa vontade com que a imposição é atendida. Todos os dias, os irmãos das ordens de S. Francisco, Carmelo, Santa Teresa, S. Bento, etc., batem às portas ou janelas dos moradores, ricos ou pobres, e não saem sem uma espórtula ou, pelo menos, sem se mostrarem insistentemente importunos. Além dêsses autores de uma pilhagem autorizada, existe uma infinidade de agentes subordinados, tais como os frades do Santo Sepulcro e da Misericórdia, os Capuchinhos e os irmãos do Santíssimo Sacramento (os piores de todos). Estes últimos, com sua opa curta, azul ou carmezim, que lhes recobre a roupa usual, bastão de prata nas mãos e uma grande bolsa de veludo, contendo uma vasilha de prata nela embutida, abordam as pessoas em cada esquina. E com ar autoritário pedem uma dádiva, que raramente é recusada. Eu já sou toleravelmente conhecido como o hereje inglês e, por conseguinte, escapo das investidas. Fui abordado, porém, de maneira tão insistente, hoje de manhã,

que me vi obrigado a ser um tanto áspero com o pedinte da igreja, o qual, em retribuição, lançou-me sua maldição da maneira mais audível.

11 a 15 [de março]. A cidade está bem provida de peixe, que, no entanto, é caro. A Quaresma exige dos pescadores trabalho extraordinário, sendo de admirar a profusão de pescado atualmente exposta no mercado. Mas os preços continuam elevados, e a procura é mais do que suficiente para o seu total consumo.

Esta baía produz grande cópia das espécies escamosas, e numa variedade imensa. Nunca vi peixes de côres tão lindas: há um de pequeno porte, amarelo e preto, chamado soldado; outro grande e purpúreo, da espécie da carpa; outro ainda, chato, branco e transparente; e diversos que eu considero indescritíveis ou, se conhecidos, mostram-se tão singulares que seria preciso uma obra sobre ictiologia para ajudar minha memória.

Os moluscos existem em abundância: ostras, mexilhões, etc., como também as tartarugas, que não são apreciadas, sendo mortas unicamente pelas suas carapaças. Pertencem principalmente ao tipo de pente, sendo empregados escravos para apanhá-las nas praias arenosas. Mas até mesmo êstes se recusam a comê-las, apesar de constituírem alimento tão raro entre nós e de preço tão elevado. Diversas e curiosas conchas são encontradas em vários pontos da baía.

O inseto denominado *chegoes*, nas Índias Ocidentais (e aqui *bicho*⁸²), é muito abundante, produzindo dor acentuada quando se intromete debaixo da pele. É muito difícil de exterminar-se. Faz pouco tempo, retirei um dêles, maior do que uma ervilha, da sola do meu pé. Arrebentou durante a extração. Imagino que uma parte de seus ovos aí ficou depositada, porque tenho sentido dor e coceira no local, já há alguns dias, acompanhadas de inchação, que aumentou progressivamente, impossibilitando-me de andar. Mas espero, a julgar pelo seu aspecto, em breve estará suficientemente maduro para uma segunda intervenção.

(82) *Bische*, no original.

16 e 17 [de março]. Jantei com um amigo que tem o salão (nome com que dignificam sua melhor sala) ornamentado com uma série de gravuras representando falecidos generais franceses vitoriosos. Foi notável o entusiasmo com que recapitulou as façanhas dêles e rememorou seus méritos particulares, mas tirando conclusões falhas, não muito liberais dos fatos. Tenho observado, há muito tempo, que essa parcialidade em favor dos republicanos e de seus princípios é muito generalizada entre os grupos mais jovens da sociedade, que se impregnaram de maneira tão eficiente dessas noções que eu não me admiraria se tal circunstância não causasse, eventualmente, uma total mudança na situação política. Êles já ridicularizam a própria sujeição e parece que têm consciência de possuírem o país mais atraente do mundo, suficiente, por si só, para suprir tôdas as necessidades do homem.

18 a 24 [de março]. Visitei o governador, em companhia do capitão Smith, a fim de obter-lhe uma passagem para Lisboa, num brigue real. A audiência estava muito concorrida e nós ficamos numa ante-sala, durante algum tempo, antes de sermos recebidos. Pareceu-me singular que vários dos postulantes fôssem do sexo feminino, tendo preferênciam para serem atendidos. A julgar pelas suas fisionomias, ao voltarem, não teriam motivos para queixar-se da acolhida⁸³, exceto uma mulher idosa (aparentemente pobre e aflita) que passou por nós, de regresso, trêmula e sem poder conter as lágrimas que lhe vinham aos olhos. Sua Excelência atendeu ao nosso pedido, mas não tinha notícias de espécie alguma para mim.

Nossa visita não visou apenas a falar ao governador, pois a maior parte do dia foi consumida em requerimentos, no Palácio e no gabinete do secretário, encarregado dos passaportes. Enquanto estive sentado a esperar, ao lado do ajudante-de-ordens, testemunhei que êle mandou prender diversas pessoas, por causa de pequenos delitos, portando-se de maneira tão imponente como o próprio governador o teria feito.

Um desertor foi trazido à sua presença. Ordenou, imediatamente, que fôsse preso e submetido a côrte marcial. Assegu-

(83) Soube que o método de postular acima referido não é novidade no Brasil, e, por vêzes, é peculiarmente bem sucedido.

rou-me o ajudante-de-ordens que o homem seria inevitavelmente sentenciado a trabalhar sob ferros durante seis anos, e que três dias de descreção eram suficientes para alguém incorrer neste castigo. O culpado que acabava de ser prêso, havia estado três anos ausente do seu regimento, e durante êsse tempo se instalara com a família em Sergipe, vivendo com todo o conforto. Foi prêso a bordo de sua própria lancha, ao chegar para fazer compras de artigos de primeira necessidade, na cidade.

Observei que êsse quadro de tocante felicidade doméstica deveria contribuir para o abrandamento da sentença; ao que declarou o ajudante-de-ordens que seria o contrário: agravaria o crime. Mas, enquanto eu falava, ouvi um ruído na praça, olhei para fora e vi que o pobre desertor, tendo-se esquivado aos que o escoltavam, dera nos calcanhares e, pela sua velocidade fora do comum, parecia desafiar qualquer perseguição.

O capitão Smith partiu para Lisboa. Fui levá-lo a bordo, e nos despedimos pesarosos. Achei-o pessoa de caráter sério e cordial, e sua estada dera vida a um período que agora se tornava cada vez mais anuviado com a idéia de que me encontrava novamente sozinho e não tinha como prever nossa partida.

Comprei os direitos do capitão Smith sobre os salvados do naufrágio e mandei meu antigo mestre William Barker examiná-los.

25 [de março]. Dia da Anunciação da Virgem, data de grandes festas aqui. Estou tão cansado da insípida repetição e mesmice dessas cerimônias religiosas, que nem me abalei do forte.

26 [de março]. Reccebi uma insignificante ordem de pagamento contra o Banco ou Tesouro Real, que apresentei para pagamento. Embora fôsse apenas de dezesseis libras, aproximadamente, foi postergada para outro dia. Critiquei o fato na ocasião, com certa surpresa, sendo informado de que não haveria, absolutamente, fundos no banco até a semana seguinte. Verifiquei não ser isso, de modo algum, fato excepcional, pois logo que o dinheiro é recebido, é oficialmente designado o dia para a sua saída; o total é então geralmente gasto, muitos credores ficam freqüentemente sobrando e têm de aguardar outra oportunidade.

27 a 30 [de março]. Passamos o dia com um amigo casado e um grupo de suas relações, de urbanidade e polidez contrastantes com as da maioria de seus compatriotas. A casa fica à entrada da baía, dispondo de inteiro confôrto. Constou nosso jantar de tudo quanto a Bahia proporciona, embora estivéssemos na Quaresma. Após o café, vieram os baralhos, e nós passamos, dêsse modo, um dia agradabilíssimo.

William, meu mestre, chegou de regresso do navio naufragado, pintando um quadro tão insatisfatório da situação que resolvi investigar as coisas por mim mesmo, e requeri ao governador uma licença para ausentar-me por dez dias, o que me foi inesperadamente concedido, bem como um passaporte fornecido pelo gabinete do secretário. Contratei imediatamente uma barcaça de três velas triangulares, construída especialmente para longas viagens.

31 [de março]. Fizemo-nos à vela pela madrugada e, após, uma bela travessia de cêrca de dez horas, chegamos ao morro de S. Paulo. Eu só o tinha visto a grande distância, parecendo um monte escarpado e árido; mas, olhado de perto, observa-se que é coberto de espêssa vegetação e, no seu cume, ergue-se uma fortificação abandonada. Mais além, a terra forma uma pequena e profunda baía, de águas transparentes, plácida como um açude de azenha.

Ao desembarcar, avista-se outro forte, em toleráveis condições, com cento e cinquenta homens de guarnição. Próximo a êle existe um miserável povoado, de casas feitas a sopapo, situado numa encantadora encosta do morro. O lugar é sede do presidio da ilha de S. Paulo e tem um governador, que também é o chefe das diversas pequenas cidades (ou antes, vilas) da vizinhança. Fomos obrigados a tocar aqui porque o vento era tão fraco que não conseguimos passar além da vila, o que nos obrigou a tomar outra rota, através de um braço de mar interior, onde nenhum navio está autorizado a navegar sem que declare, no morro, seu destino e propósitos.

Nossa estada foi rápida. A caminho da passagem que acabei de mencionar costeamos a abrupta praia da ilha, que se assemelha surpreendentemente a Santa Helena, possuindo os mesmos vales profundos e recortados. Lembrei-me de James-

town, do Forte de Munden, etc. Mas, aqui, a natureza é muito mais suave, verdejante e pitoresca.

A noite nos envolveu depois de penetrarmos no estreito, onde o mar se reduz às proporções de um rio. Recusando-se o mestre do barco a prosseguir viagem no escuro, deitamos âncora. Depois de comer um pouco de galinha, preparada a bordo, e de tomar um copo de aguardente diluída, para levantar o ânimo, deitei-me enrolado na minha capa, na parte elevada da pòpa do barco, debaixo de um pequeno abrigo coberto de fôlhas de coqueiro⁸⁴, que faz as vêzes de camarote. Estando a noite particularmente serena, considerei-o suficientemente confortável para o clima; estas idéias amenas se dissiparam antes da meia-noite, despertado que fui por um inopinado furacão. A chuva começou a cair torrencialmente, de tal modo que o nosso pobre abrigo foi logo por ela invadido. Ficamos literalmente encharcados até a manhã seguinte.

1.º de abril. Uma boa hora de sol quente nos pôs novamente em forma, e começaram a desvanecer-se tôdas as recordações da noite, enquanto observava aquela navegação encantadora: por vêzes, tínhamos duas ou três milhas de largo; outras, um quarto de milha. E lá no extremo da orla da água, havia uma série interminável de mangues sempre verdes. As inúmeras pontas e enseadas, os casebres e as vilas das margens, bem como as pequenas canoas, com suas velas triangulares, deslizando em tôdas as direções, tornavam a cena deliciosa. Ao cair da noite, chegamos à cidade de Santo Antônio de Boipeba⁸⁵. O brigue naufragara nos recifes a ela vizinhos.

2 [de abril]. O lugar está certamente prêso a alguma fatalidade, neste período. À minha chegada, ouvi dizer que um desafortunado navio espanhol se perdera, noites antes, perto do mesmo local do brigue, quando se dirigia da Bahia para a Europa, proveniente de Buenos Aires, com valiosíssimo carregamento de peles, côco, cascarilha, cobre, etc. A perda foi tão

(84) O texto inglês fala em fôlhas da *cacau* (*cocoa*). Trata-se evidentemente de uma confusão, aliás comum nos viajantes ingleses. V. Henry KOSTER, *Viagens ao nordeste do Brasil*, tradução de Luís da Câmara Cascudo, São Paulo, Brasileira, 1942, p. 39, nota 2.

(85) *Boypeba*, no original.

imprevista e completa que só a tripulação teve tempo de salvar-se, com seus baús. Encontra-se em situação verdadeiramente deplorável, de modo especial o dono de quase todos os bens, que ficou totalmente arruinado com o desastre.

O brigue inglês naufragara nuns recifes denominados Morera, junto à entrada da baía de Boipeba. O navio espanhol, na Ponta dos Castellhanos⁸⁶, três léguas mais ao sul. Esta última é fatal para os navegantes, porquanto recifes encobertos estendem-se por uma considerável extensão, a partir dessa ponta, e *nenhum navio deve aproximar-se a menos de meio grau da costa porque tôdas as nossas cartas são muito deficientes quanto ao sul da Babia*. Tenho visto algumas valiosas cartas portuguesas; a melhor inglesa é de pequenas dimensões, publicada por Laurie & Whittle, de *Fleet Street*.

Encontrei o brigue do capitão Smith completamente avariado, embora ainda inteiro; e minhas esperanças de safar o navio perderam-se por completo. Por conseguinte, foi infrutífera a minha viagem, salvo quanto ao prazer que me proporcionou de ver esta bela parte do Brasil.

3 [de abril]. Hoje é Domingo de Ramos, reverenciado de modo especial por ser o início da Semana Santa, e até mesmo numa igreja rural foi celebrada missa solene, com música, etc., depois da qual o padre deu a cada morador uma haste branca de palma de coqueiro, com uns dois pés de comprimento, enlaçada com ouropel e enfeitada com ramos de papel colorido. Eles guardam êsse presente (prêviamente bento), com piedoso cuidado, assegurando-me que é preventivo infalível contra o perigo das trovoadas. Quando estas chegam, sendo fortes, queimam a palma benta com a devida fé, e assim ficam indubitavelmente seguros.

4 [de abril]. Realizei algumas incursões a bordo do brigue, e retirei dêle algumas bugigangas, de pouco ou nenhum valor. Regressando literalmente exausto e com a sobrecarga de um resfriado, que apanhei na primeira noite da excursão, sinto-me seriamente doente e, por conseguinte, penso em apressar meu regresso para amanhã.

(86) *Point des Castellians*, no original.

5 [de abril]. Como eu tivesse decidido que a barça devia partir de manhã cedo, com a maré cheia, o piloto chamou-me às quatro e meia, para esse fim. Mas, quando chegou a bordo, recusou-se a levantar ferros, declarando haver pouco calado para transpormos a barra. Meu estado de saúde tinha-se agravado durante a noite. Sabendo eu que se aqui permanecesse não me acharia em condições de sair de Boipeba, lugar que não oferecia quaisquer recursos capazes de aliviar-me, essa recusa do senhor mestre exasperou-me bastante. Mas foram igualmente vãs as instâncias e ameaças, que não lhe alteraram a resolução tomada. Decidi então prosseguir na canoa que me trouxera da praia, pois era muito grande, fretando-a por seis mil réis (£ 1.13.9d.); e, após encomendar um pouco de carne-sêca, biscoitos e água, chamei o meu empregado e, com dois mulatos da canoa, fiz-me ao mar. Fizemos uma boa travessia até o morro, que transpusemos após quatro horas de velejar. Entretanto, amainando o vento, não pudemos seguir diretamente para a Bahia e fomos obrigados a tomar uma rota indireta, pelo lado interno da illa de Itaparica, navegando de maucira semelhante à que acabo de descrever. Se da primeira vez tivera impressões agradavelmente românticas, que dizer desta vez, que eram muito mais fortes? De um lado e do outro, eram ainda mais recortadas de vales, numa sucessão contínua de montes e depressões, com uma infinidade de várzas cultivadas, alegradas por um sem-número de casas pela praia, e de vivendas e plantações nos terrenos mais altos. Passamos por S. Tomás* à tarde, vila belíssima, onde comprei farinha para a nossa primeira refeição, pois o meu pessoal, por negligência, só pusera uns dois ou três biscoitos na canoa. Deixando a praia, fizemos fogo sobre um toro de madeira de lei colocado transversalmente na canoa para esse fim, e começamos a cozinhar nossa modesta refeição, porquanto eu não perderia, somente para ir comer na vila, o belo vento que soprava. Tínhamos uma panela de barro, que pertencia aos mulatos; mas, ao reunir nossos demais utensílios necessários, vi que havia ido nossa imprevidência a ponto de agora só contarmos como uma faca e uma cabaça dividida em duas partes, para retirar água da canoa, de

(*) V. diário de 31 de março — N. A.

modo que fomos obrigados a utilizá-las, para comer e beber, um de cada vez. Não obstante essas precárias acomodações e ainda pior passadio — carne-sêca, sem gôsto, etc., — a fome temperou-nos o bocado e eu fiquei plenamente satisfeito.

À noitinha, chegamos na vila da ilha que tem o mesmo nome; ao deixá-la, teríamos de atravessar a baía por umas vinte milhas até chegarmos à cidade. Soprava um vento fresco, de leste, que não era muito favorável, e o velho mestre da canoa foi contrário à idêia de tentarmos ir adiante; pretendia deitar ferros e esperar a brisa da terra, na manhã seguinte. Persuadi-o a prosseguir, entretanto; mal navegamos uma pequena distância quando o mar grosso quase virou a canoa, forçando-nos, assim, a retornar a Itaparica. Fui à terra a fim de comprar um pouco de peixe para a ceia e atravessei a cidade, que era mais importante e populosa do que eu imaginara, possuindo comércio movimentado, postos de pesca de baleia, destilarias, etc., e também um mercado geral, ponto de encontro de tôdas as barcaças que cruzam os inúmeros braços de mar e angras dessa parte da baía.

Um poderoso forte domina a ponta em que está situada a cidade. Em suas vizinhanças existem duas igrejas, uma das quais está sendo presentemente reconstruída, em grande estilo. Os armazéns, mólhes, etc., são amplos e satisfatórios, e algumas residências particulares são muito decentes, embora de mistura com miseráveis choças, tão numerosas em tôdas as vilas e cidades daqui.

Não encontrei acomodações em terra. Depois da ceia, apesar do meu forte resfriado, não tive outra alternativa senão deitar no fundo molhado da canoa. Dormi um pouco até mesmo nessa situação, até que uma ventania, acompanhada de chuva, apanhounos de surpresa. Era tão forte que saí da canoa e me abriguei num alpendre das docas. Entretanto, num minuto fiquei coberto de mosquitos-pólvora, cujas picadas penetrantes impeliram-me novamente para o ar livre, preferindo, entre os dois males, a fúria dos elementos.

Sobreveio uma calmaria por volta da meia-noite, e eu persuadei os canoeiros que a aproveitassem com os seus remos. Assim, costeamos a praia da ilha, em direção à cidade; mas foi com dificuldade que consegui que êles fôsem adiante, apesar das tranqüilas condições da baía. Tínhamos vencido cêrca da

metade do caminho, quando soprou outro vendaval, tão fortemente, que nossa frágil embarcação ficou realmente em perigo, não restando outro expediente senão o de arriar uma grande pedra dependurada num cabo (isto é, nossa âncora) e aguardar que o vento amainasse. Era forte demais para durar, e a êle seguiu-se uma leve brisa, que aproveitamos. Mas não foi sem grande esforço de remos, durante o resto da noite, que chegamos à Bahia pelas oito horas da manhã.

6 a 8 [de abril]. Estou repousando, após tanta cansa. Soube que haviam chegado navios de Lisboa, durante minha ausência, mas sem quaisquer informações relativas ao nosso caso.

9 [de abril]. No meu caminho rumo à cidade, uma regular multidão enchia a rua, sendo eu obrigado a parar até que o caso se resolvesse. Tratava-se da destruição de um pobre Judas, em cfigie. Não contente com todos os anátemas que hoje descarregam sôbre êle, e com o eterno tormento a que está destinado, a populaça, em diversos pontos da cidade, veste um boneco mascarado, ergue uma fôrca onde o dependuram, e o mesmo fazem os navios em seus laises de vêrga. Às onze horas da manhã, descarregam os mosquetes sôbre o traidor, acendem foguetes presos às suas costas e bombas escondidas debaixo de suas roupas.

Nessa exibição, que eu testemunhei, o ódio dos bons católicos não se dá por satisfeito com o enforcamento do pobre Judas e o fato de o estriparem: descem os seus restos, arrastando-os em triunfo pelas ruas. Enquanto a fúria das massas brasileiras puder ser dirigida de um modo assim tão inocente, isto constituirá feliz circunstância para o seu govêrno⁸⁷.

10 [de abril]. Domingo de Páscoa. Percebe-se a exultação geral em todos os semblantes da boa gente, provàvelmente causada pelo término da lúgubre Quaresma, e a perspectiva de comer carne outra vez, que é servida em grande quantidade, neste dia.

(87) Não parece que a tradicional "malhação do Judas", aliás hoje em vias de desaparecimento entre nós, revele instintos populares mais bárbaros que os do povo inglês na comemoração anual de Guy Fawkes, o malaventurado católico fanático que tentou fazer saltar o rei e o Parlamento em 1605.

Se os nossos epicuros inglêses fôsem assim obrigados a quarenta dias de abstinência, e acaso se submetessem de modo tão exato como o faz a maioria aqui no Brasil, que dia memorável não seria êste feriado, na Inglaterra!

II [de abril]. Visitando o meu amigo Ferrara, soube que eu havia perdido curiosas procissões na semana anterior, especialmente a dos flagelantes penitenciários, que se realizou não só por causa da Semana Santa, como também para apressar as chuvas, que geralmente vêm tarde nesta temporada. Vários mulatos e negros eram os devotos, que se vergastavam mutuamente e sem misericórdia os dorsos nus, nêles deixando fundas marcas sanguinolentas do seu ardor entusiástico. Acompanhava-os uma procissão de frades, irmãos do Santíssimo Sacramento e de padres, entoando hinos e empunhando círios. Os ensandecidos e voluntários sofredores eram consolados com a absolvição, a remissão de todos os pecados anteriores e a indulgência para com alguns outros, futuros. Uma gratificação de duas libras* era também dada aos mulatos, e de uma libra aos negros.

Ao mesmo tempo, a fim de impedir o malôgro do patrocínio celeste sôbre as águas foi enviado um delegado, abençoado pelo arcebispo e tôda a colegiada dos cônegos, a uma determinada ermida, perto da cidade, para exprimir as suas pias intenções; recebia êle dos visitantes as oportunas ofertas e apresentava seu sagrado pé para ser reverenciado por cada um⁸⁸.

Os presentes foram consideráveis; e diante de tão concentradas fôrças da penitência e da piedade, elas não falharam em seus efeitos. Chuvas copiosas caíram durante alguns dias. Na realidade, a próxima mudança do tempo era visível a qualquer observador uma semana antes da cerimônia: ar enevoadado, nuvens pesadas no céu, etc. Mas, aqui, nada que seja natural merece aprêço ou aceitação: tudo deve provir de milagres.

(*) Dez patacas.

(88) Entre as procissões tradicionais da Bahia havia, realmente a dos flagelantes, generalizada em todo o país (havia semelhante no Rio de Janeiro), como aliás em todo o mundo católico. Relativamente à Espanha há mesmo uma cena clássica fixada por Goya. Delas tratou, com a competência do costume, J. da Silva Campos no estudo sôbre "Procissões tradicionais da Bahia", cit., p. 249. É inteiramente fantasiosa a referência ao arcebispo, aliás não testemunhada pelo A.

12 [de abril]. Fui apanhado, na praia, pela mais forte chuva que testemunhei em minha vida. Enquanto estava de baixo de um abrigo a fim de fugir à sua violência, reparei que o ar ficara de repente, cheio de um pequeno inseto voador, que as pessoas perto de mim chamavam de “formigas de asas”*. Utilizam esses momentos para multiplicar a espécie e pousam, em seguida, quando suas asas transparentes agarram-se à terra molhada. Largam-nas, então, num violento esforço. Os insetos assemelham-se a umas pequenas larvas, que imediatamente se separam. Cada parte, buscando a terra porosa, em breve desaparece. Os de maior porte sempre perdem as asas, ao passo que alguns dos menores, após a separação, ganham novamente o ar. À minha chegada ao forte, ouvi dizer que lá também tinham os insetos enxameado, aos milhares, como acabara de observar.

13 [de abril]. As formigas graúdas, já mencionadas, acham-se também em estado de crisálidas, nesta época. Aumentam muito de tamanho, durante a metamorfose. E depois de continuarem por algum tempo ao ar livre, voltam à terra, largando as asas como presenciei ontem, ao passo que algumas, incapazes de efetuar essa transformação, deixam-se ficar imóveis e morrem ao cabo de pouco tempo. Um ninho desses insetos, pelo qual passei, estava aberto. Algumas centenas deles, alados (imagino serem fêmeas), alçavam o vôo partindo de sua entrada, ao passo que miríades de insetos jovens continuavam a trabalhar sem interrupção.

14 a 18 [de abril]. Ontem houve uma ridícula discussão com o pessoal do forte, em que estêve envolvido o meu companheiro. Por causa disso, o capitão, armado de espada, um soldado, de baioneta, e vários empregados, empunhando cacetes, entraram na casamata onde dorme William e ordenaram que êle se dirigisse a um cárcere por aquela noite. William recusou-se, saltou da cama, agarrou um enferrujado mosquete ali deixado pelo capitão Smith (que êles supunham estivesse carregado). Isto assustou a tal ponto todo o corpo de guerreiros que êles se retiraram imediatamente, permitindo a William ficar sem ser molestado.

(*) *Vermigues de Asia.*

Considerando essas discussões muito desagradáveis, apresentei novamente um memorial ao governador, a respeito do assunto. Em resposta, deu-me a liberdade de mudar-me para qualquer outro forte, permitindo-me visitar todos êles a fim de decidir qual seria o da minha escolha.

A estação das chuvas agora se firmou: elas caem torrencialmente, proporcionando poucos intervalos para que eu continue a praticar meu exercício costumeiro.

19 a 21 [de abril]. Durante êste mês, nossa pensão do govêrno foi suspensa, embora tivesse até agora sido paga regularmente desde a nossa chegada à Bahia. O tesoureiro do pòrto attribui o fato à não-existência de fundos no Tesouro, dizendo-me que tenho de ter paciência até o dia primeiro de maio.

Em consequência da permissão recebida, visitei vários outros fortes, mas achei suas acomodações inferiores às que tenho agora. Por isso, estou no propósito de continuar aqui por enquanto, tanto mais que não soffri outros insultos dos seus moradores, desde o dia 14. Suponho que o capitão tenha recebido uma reprimenda naquela ocasião. Se surgir mais alguma desavença, penso em mudar-me para o Forte do Mar, pois considero seu capitão muito mais humano do que seus colegas.

22 a 28 [de abril]. Ao regressar de Boipeba, trouxe informações a respeito do brigue espanhol naufragado. Foram transmitidas ao governador que estava, até então, bem como a cidade em geral, alheio a tal perda. Mandou imediatamente solicitar mais informações a São Paulo e o governador dessa ilhas respondeu que não ocorrera desastre algum na costa, com qualquer navio, exceto o inglês. Em consequência disso, meu relato foi considerado falso. Hoje, porém, o dono do navio, o capitão e a tripulação aportaram aqui, de barco, com uns poucos artigos que haviam salvado, confirmando minhas informações, antes de mais nada. O naufrágio ocorreu no dia 23 de março último, apenas a umas sessenta milhas da Bahia, e vinte do morro de São Paulo, numa posição pela qual passam constantemente pequenas embarcações. São assim as informações, as comunicações e a curiosidade dos brasileiros.

Os maçons da Bahia ousaram ir além dos limites de sua cautela habitual, reunindo-se em assembléia, na catedral, a fim de cumprir os últimos deveres de humanidade, no entêrro de um irmão, ex-capitão de marinha, vítima dessa lastimável doença, a tuberculose, na flor da idade. É doença fatal nos seus ataques, aqui como na Europa. O corpo foi colocado num catafalco, rodeado pelos amigos do morto, cada qual empunhando um grande círio. Um deles abriu o esquite*, lateralmente, e pôs o cadáver a descoberto. Este envergava seu uniforme naval, tendo sôbre o rosto um crepe negro. Um padre, ao pé do caixão, leu o serviço fúnebre, esparzindo, de vez em quando água benta sôbre o corpo. Em seguida, o caixão foi fechado e colocado numa sepultura próxima.

29 de abril a 1.º de maio. Ruas e praças da cidade estão atravancadas de grupos de séres humanos expostos à venda em frente às portas dos diversos negociantes a que pertencem. Cinco navios negreiros chegaram nos últimos três dias. Dado o número excepcional de negros importados desta vez, e dos muitos escravos já existentes na colônia, poder-se-ia imaginar que a tranqüilidade pública estivesse correndo certo perigo, se se recordarem os últimos acontecimentos de São Domingos. Mas acontece exatamente o contrário: entregues à licenciiosidade, não tendo de trabalhar demasiado e apreciando seus alimentos vegetais nativos, os negros mostram-se alegres e contentes. Uma política acertada é a mola da aparente humanidade dos colonos portuguezes, que receberam terrível lição antes de adotar essa linha de conduta. Farei uma digressão para narrá-la.

Há um século, aproximadamente⁸⁹, ao encerrar-se a luta contra os holandeses, os escravos das vizinhanças de Pernambuco (então afeitos às vicissitudes e à guerra, e inflamados dos

(*) No Brasil, os caixões abrem-se lateralmente, e sua tampa pode ser levantada. Os lados contêm dobradiças, havendo uma fechadura na tampa. São geralmente revestidos de pano prêto e ornamentados de largo galão de ouro.

(89) Ver *América Portuguesa*, livro oitavo, etc. N. A. Trata-se do livro de Sebastião da Rocha PITA, *História da América Portuguesa*, 1.ª ed., Lisboa, 1730.

sentimentos de liberdade que os holandeses haviam difundido), decidiram buscar, nas matas e planuras do interior, a existência livre a que tão ardentemente aspiravam.

Uns quarenta puseram em prática essa resolução. E, depois de furtarem toda e qualquer arma que pudessem ocultar convenientemente, fugiram dos seus senhores e retiraram-se para um local escolhido, a uns nove graus ao sul, perto de Pôrto Calvo, junto à rica e cultivada região de Alagoas e Pernambuco. Aí reuniu-se a êles um considerável número de mulatos e outros negros. Alguns dêles fundaram uma vila, ao passo que outros se dispersaram pelos pontos mais férteis em derredor, começando a amanhoar o solo.

Mas sentiram, em breve, a falta do sexo fraco. E por uma questão de ordem política, para preservação de sua independência, associada ao natural desejo, decidiram-se a suprir pela força essa carência, valendo-se das fazendas vizinhas. Nem o rapto das sabinas foi mais geral e completo: por toda uma extensa região, apoderaram-se das mulheres de côr; e não se limitando a essa depredação (talvez irritados diante da resistência encontrada), violentaram as filhas e mulheres dos fazendeiros, carregando os bens mais valiosos e retirando-se para a vila de Palmares*.

O gôsto do saque, assim excitado, em pouco exigia ainda maior satisfação. E durante sua existência isolada, entregaram-se constantemente ao mesmo, tornando-se, em breve, demasiado temíveis para que lhes fôsse oposta qualquer resistência. Vários portugueses importantes da vizinhança buscaram a amizade dêles, fornecendo-lhes, em caráter particular, pólvora, balas, mosquetes e artigos manufaturados europeus, recebendo, em retribuição, garantia de proteção e, também, parcialmente, ouro, prata e mercadorias, que os negros haviam tomado de terceiros. Em pouco tempo, haviam-se consolidado em nação, adotando a designação gentílica de palmarenses, do nome de sua vila, Palmares. Percebendo a confusão eterna que sempre acompanha um aglomerado humano desprovido de leis, organizaram

(*) Assim chamada por causa do grande número de coqueiros que os negros haviam plantado.

uma constituição política, principiando por escolher um príncipe, que saudavam pelo nome de Zumbi⁹⁰ (ou *Poderoso*)*. Essa dignidade seria apenas vitalícia, permanecendo eletiva, e devendo a escolha do sucessor de Zumbi ser efetuada entre os membros mais experimentados, bravos e prudentes da nação. Em seguida, elegeram magistrados, elaboraram leis e instituíram uma milícia composta de todos aquêles capazes de pegar em armas. A religião não ficou esquecida: adotaram a cristã. Mas, assevera o meu autor, mutilada da maneira mais bárbara, e carecendo da instituição do sacerdócio, com seus hábitos, bem como de outras cerimônias da Igreja Católica, para a eterna perdição de suas almas.

Durante tais aperfeiçoamentos progressivos, cresceu imensamente aquela população e o cultivo das terras pelo interior manteve-se em igual ritmo. Recendo, porém, a irrupção final dos portugueses, escolheram uma situação elevada para cada vila, fortificando-a poderosamente. Nessa época, possuía Palmares quase uma légua de circunferência, sendo rodeada de uma dupla estacada de enormes paus, feita com pesados troncos das maiores árvores das matas vizinhas. Cortavam êsses madeiros, fincando-os ao solo: eram de altura considerável e constituíam, em certas partes, verdadeiros baluartes, havendo (à guisa de entradas) três vastas portas feitas de igual modo, com plataformas em sua parte superior. Cada uma dessas vias de acesso era guardada, em tempo de paz, por duzentos soldados e um chefe de reconhecido valor.

Dentro dos muros, as habitações eram dispersas e irregulares, reservada à lavoura uma grande parte das terras. Os habitantes supriam-se de água graças a um lago onde havia peixes, e a diversos riachos que corriam em várias direções. No centro da cidade existia um monte isolado, erguendo-se um dos seus flancos perpendicularmente, tão alto que dominava as terras circunvizinhas.

(90) *Zumbi*, no original.

(*) Êsse título caberia aos governantes, *in perpetuum*. O autor que seguimos denomina a organização uma república rústica; e aplica aquêle título como se fôsse o do principal magistrado ou *primeiro-cônsul*.

Vasto era o palácio do príncipe, e magníficas, no gênero, as casas de certos habitantes. Subia a vinte mil almas a população total. Em síntese, elevava-se a prosperidade da nação a tal ponto, era ela tão poderosa, tão grandes suas devastações e suas vinganças (quando provocadas) tão destruidoras, que chegaram a alarmar a colônia inteira, parecendo, finalmente, ameaçar a existência mesma do domínio europeu. Mostrou-se o govêrno gravemente preocupado e dedicou tôdas as suas atenções ao propósito de eliminar os palmarenses que, na época (1696), tinham já sessenta anos de existência sem ser molestados e atingiam a terceira geração.

Caetano de Melo [e Castro], governador de Pernambuco, enviou um plano nesse sentido a D. João de Lencastro, capitão-general* e governador da Bahia. Este despachou imediatamente mil soldados para a sua execução, que se juntariam às forças de Pernambuco. Sòmente estas elevavam-se a três mil homens. Além disso, havia um corpo de índios, criados domésticos e voluntários. O conjunto formava um exército de seis mil homens, equipados com tudo quanto era necessário para uma guerra ofensiva, exceto artilharia.

Informados da projetada invasão, os palmarenses haviam reunido todos os seus poucos recursos, convocado a milícia e os habitantes das vilas, arrasado as terras circunvizinhas e erigido todos os obstáculos à marcha das tropas hostis. Mas os portugueses logo chegaram; ao avistarem os muros da estacada que rodeava a cidade, ficaram possuídos de espanto, mesclado de desapontamento, diante dos soldados postados nos baluartes e dos preparativos de uma vigorosa resistência, que observavam por tôda parte.

Enquanto isso acontecia, e enquanto o exército ainda não estava em forma, o príncipe Zumbi realizou rápida sortida, com um forte destacamento, empenhando-se numa luta parcial que terminou com perdas consideráveis para os invasores. A praça foi então atacada frontalmente, foram feitas duas tentativas para abrir-se uma brecha, com o emprêgo de pesados machados. Mas foi tudo em vão. Grupos de assalto, por outro lado, pretendendo galgar o muro por meio de escadas, viram-se igual-

(*) Título usual dos governadores da Bahia.

mente rechaçados ao enfrentarem o fogo mais mortífero de parte dos sitiados. Infelizmente, a pólvora dos palmarenses era pouca, o que não abateu sua pertinácia, pois resistiam ainda com o que lhes restava de munição. Ao mesmo tempo, lançaram também dardos, arremessaram imensas pedras e despejaram água fervendo, no decurso de vários assaltos, matando e ferindo, dessa maneira, tão grande número de portugueses que o ardor destes começou a arrefecer. Além do mais, a carência de artigos de primeira necessidade, e a de reforços, deu origem ao descontentamento geral, murmurado entre o exército sitiante. Seus componentes percebiam nitidamente que a expedição deveria abortar, se não tivesse a ajuda de tropas frescas, bem como de artilharia e provisões.

Foi imediatamente despachado um correio ao governador de Pernambuco, solicitando abastecimentos, que foram enviados com dificuldade. Nesse entretempo, os palmarenses alimentaram a esperança de que o inimigo, diante da suspensão dos ataques, estivesse a ponto de bater em retirada. Só essa expectativa conservou-lhes o ânimo forte, porque sua pólvora se achava completamente esgotada, como também começavam a padecer todos os horrores da fome, agravada pelo grande número dos que se haviam refugiado na cidade.

Todos suportaram êsses malefícios com forte resolução: os habitantes da cidade, na contínua expectativa de gozar a liberdade, e os seus amigos, do campo, na de retornar às suas vilas e à felicidade rural. Mas, tais sonhos eram por demais ilusórios porque chegou um destacamento de refôrço para os sitiantes, com artilharia e tudo mais.

Do alto da eminência, ao centro da cidade, viram os palmarenses aproximar-se êsse refôrço, de todos os lados. Quando avistaram os pesados canhões e as tropas frescas, então, e só então, abateu-se-lhes o ânimo, antevendo a sorte a que estavam condenados.

Houve um assalto geral, e débil foi a resistência dos sitiados, pois sentiam que seria inútil. Uma brecha foi aberta e as tropas entraram na cidade. O choque foi violento, embora rápido, e os palmarenses cederam. O príncipe Zumbi e quase todos os seus companheiros de armas, que ainda restavam, de-

cidiram não sobreviver à liberdade: retiraram-se para o monte e, abnegadamente, precipitaram-se do alto de sua escarpada encosta rochosa, encontrando na morte a libertação.

Os portugueses viram sua vingança frustrada, mas seus objetivos foram atingidos. E os troféus da conquista consistiram nos feridos, velhos, mulheres e crianças, assim como no ouro, na prata, etc. O exército regressou a Pernambuco, onde os cativos foram vendidos, com exceção de alguns homens e guerreiros feridos. Estes, depois de curados, foram imediatamente transportados para a Bahia, o Rio de Janeiro e outros pontos distantes da costa, para serem expostos à venda. Graças a êsse recurso, conseguiram os vencedores dispersá-los eficazmente, para evitar qualquer futura união de homens animados de tal ódio, perigosos para um govêrno despótico⁹¹.

2 de maio. Visitei a tesouraria do pôrto e meus pagamentos foram pontualmente reiniciados.

3 a 7 [de maio]. O tempo ainda continua infame e lúgubre. O vento sopra com violência para o sudoeste e a chuva cai em torrentes. Mas a temperatura é de tal natureza que não faz frio dentro de casa, como na Europa, mantendo-se as janelas e portas abertas. E quando se anda, começa logo a transpiração.

8 [de maio]. Domingo de Rogações. O capitão do forte recebeu visitas e ofereceu (o que chamam) um *banquete*. O têrmo não foi impròpriamente empregado porque já antes do fim a festa foi celebrada com uma orgia de verdadeira bacanal. A senhora do Forte de Barbalho, sua filha e as convidadas desfilaram ao redor do pátio interno do forte, a primeira carregando uma grande garrafa (de vinho, aparentemente), e as que a seguiam, levando copos nas mãos. Entraram nos pequenos apo-

(91) É um simples resumo do texto de Rocha Pira, hoje bastante superado. A luta, em face dos documentos existentes nos arquivos portugueses, foi reescrita por Ernesto ENNES, *As guerras dos Palmares (subsídios para sua história)*, 1.º vol., Domingos Jorge Velho e a Troia Negra, São Paulo, 1938, Coleção Brasileira, vol. 127. A morte por suicídio de Zumbi, não passa de uma lenda. O chefe negro morreu em combate, no qual se portou com extraordinária bravura (*op. cit.*, pp. 103-104).

sentos, de passagem, entoando solene cântico, acompanhado de pomposos floreios dos copos e da garrafa.

Com essas visitas momentâneas, em breve deram cabo do vinho. Em seguida, iniciaram a dança inspirada dos negros brasileiros*, divertindo-se com grande entusiasmo até que o capitão, acreditando eu que envergonhado diante de tal violação de todo e qualquer decôro, interrompeu-lhes a felicidade. Resta-me ainda investigar se isso é uma cerimônia ligada à data ou uma efusão momentânea inspirada pelos excessos.

9 e 10 [de maio]. Estando o tempo tão ruim no mar e soprando o vento em direção à baía, a maré foi a mais alta de que se tem aqui lembrança há muitos anos. Veio acompanhada de grande ressaca, ocasionando consideráveis prejuízos e ainda maior alarme. Rompendo as amarras de muitos navios, chocaram-se êles uns de encontro aos outros; e os pavimentos térreos das casas situadas junto às docas ficaram inundados, com suas entradas entupidas de pedras, areia e detritos arremessados pelo mar. As vagas, quebrando-se na praia, lançavam espuma (ou melhor, lençóis de água) mais alto do que as casas, despedaçando sacadas, janelas, etc.

11 a 18 [de maio]. Vi uma carta com a desagradável informação de que o brigue do capitão Isbister (que aqui estêve em fevereiro) foi apresado pelo govêrno do Rio de Janeiro, sendo confiscado, sob pretexto que não pude averiguar.

O capitão Veloso, do Forte do Mar, presenteou-nos com um cêsto de belas uvas, a segunda safra de suas videiras, êste ano, pois recebi presente análogo, e de igual perfeição, aproximadamente em 10 de janeiro. Disse-me o capitão Veloso que estarão novamente maduras em fins de setembro, fornecendo, por conseguinte, três safras por ano. Esta última, porém, é fraca em comparação com as duas primeiras, por falta do calor ardente de um sol a prumo, que lhes melhore e enriqueça o crescimento. Além disso, a última safra parece forçar em demasia a natureza, prejudicando as videiras.

Poder-se-ia imaginar que essa riqueza luxuriante da terra estimularia os seus habitantes ao cultivo dessa fruta, acrescen-

(*) Ver a descrição da Bahia.

tando o vinho ao número das boas coisas que a América produz. Mas declara o meu informante que o calor é tão vivo que impede a fermentação conveniente da uva, tendo-se meramente desperdiçado o seu suco nas repetidas tentativas que foram efetuadas. Entretanto, do que tenho visto com respeito ao clima, creio que êsse obstáculo poderia ser artificialmente removido, se não houvesse falta de habilidade. Mas esta última deficiência nem o interêsse próprio consegue suprir. Além disso, a fruta poderia ser cultivada para ser vendida como refrêscos, acabando-se, dêsse modo, sua raridade atual. No momento, não pode ser de modo algum obtida, exceto nos pomares dos curiosos.

19 [de maio]. Aproveitei o belo tempo que faz hoje para realizar uma excursão, acompanhado de minha mulher, num barco que comprei recentemente. Perlongamos a península de Monte Serrate, e, ultrapassando a sua extremidade, chegamos, do outro lado, à igreja do Bonfim, santuário milagroso dedicado à Virgem. O edifício é gracioso, estando repleto de pequenos quadros em que são dirigidos agradecimentos pelos benefícios obtidos da padroeira, semelhantes ao que já observei em Nossa Senhora da Ajuda, perto de Pôrto Seguro. Em frente a essa igreja existe um grande largo, calçado, circundado de um muro e com casas de tijolos ao redor. A vista que daí se descortina é de fato grandiosa, através de plantações que vão descendo pouco a pouco até a baía (que ela domina inteiramente) e, a uma certa distância, do oceano adjacente o embarcadouro em frente, ficando à esquerda a cidade, e, à direita a ilha de Itaparica. A situação é tão excepcional e o ar tão salubre, que se realizam nesse local quase tôdas as reuniões, nos dias de festa. É rodeado de casas de campo, onde seus proprietários recebem os amigos, ao passo que os estranhos são acomodados em casas de aluguel, nas vizinhanças. Uma estrada larga e boa vai até a praia e, daí, prolonga-se até a cidade. Caminhar por ela pareceu tão agradável, e a noite estava tão linda, que preferimos fazê-lo em vez de regressar de barco.

Na verdade, tivemos depois razões para nos felicitar-mos pela escolha, principalmente quando chegamos à praia, porque, entre ela e a cidade, passamos por uma igreja e um convento

de jesuítas, abandonados, mas numa situação que eu considero inigualável⁹².

Êste é o centro do anfiteatro formado naturalmente pela península. Os dois braços do semicírculo estendem-se de maneira regular, sem qualquer rudeza e constituem um quadro perfeito e acabado. A relva desce até um terraço protegido por um paredão, que impede as incursões do mar. Sentado na praia vizinha, contemplei a igreja que se afunda rapidamente na ruína, com árvores e arbustos a sair pelas suas rachaduras, assinalando completo abandono. À direita, um morro íngreme eleva-se até o planalto, de opulento verdor; em derredor, estende-se a cidade, com os navios mais adiante, vistosamente decorados em comemoração à data*, ao passo que os brandos raios de sol redouram o conjunto, ao mergulharem além dos montes de Itaparica. A igreja traz a data de 1753; mal estava terminada quando a Companhia foi dissolvida.

Em minha opinião, o edifício é superior a qualquer outro da Bahia, pela regularidade do seu acabamento. E, dada a situação em que se ergue, marca a superioridade de gôsto e discriminação que possuíam certamente êsses padres, comparados a quaisquer de seus contemporâneos.

Deixando a igreja dos jesuítas, subimos o morro lentamente e penetramos no escuro Forte de Barbalho, quando os sinos da cidade anunciavam a Ave-maria**.

(92) Voltando do Bomfim, que descreve fielmente, Lindley percorreu a Calçada, hoje rua Barão de Cotegipe, e passou em frente ao antigo estabelecimento dos jesuítas, o Noviciado da Anunciada, na Giquitaia, resultante de uma doação do célebre bandeirante Domingos Afonso Sertão. Com a expulsão dos inicianos caiu realmente o estabelecimento em completo abandono, até que foi reconstruído para nêle instalar-se a Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim. V. Serafim LEITE, S. J., *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. v, Rio de Janeiro, 1945, p. 150. A instalação da Casa Pia só se deu em 1817, em comemoração da coroação do rei D. João VI. V. Reis MAGALHÃES, "Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim", *Diário Oficial*, edição especial do Centenário, Salvador, 1922, p. 297.

(*) Dia de Ascensão.

(**) Tôdas as tardes, ao pôr do Sol, os sinos das igrejas, nos países católicos, dobram diversas vêzes, para que todos os cristãos recitem

30 a 31 [de maio]. Numa visita ao Forte do Mar, espantou-me a fúria do mau tempo recente. O mar penetrara na bateria superior, deslocando algumas pedras da base da construção, embora sejam de consideráveis proporções.

Chegou um navio de Lisboa, após seis semanas de intervalo. Visitei o governador, que não tinha quasi quer informações a nosso respeito. Discorri sobre as agruras especiais de nossa situação, solicitando-lhe uma licença para ausentar-me por três meses, mas Sua Excelência a recusou terminantemente. Pedi, então, que nos enviasse para Lisboa, o que declarou ser igualmente impossível, retirando-me, eu, quase desesperado.

1.º a 8 de junho. Passando pela cidade, surpreendi-me ao ver o Sr. Vicente, o patife que me havia furtado cem mil réis, no Forte do Mar. Dirigi-me a êle, imediatamente, mas fingiu não me reconhecer, nem entender minha língua. Irritado com a sua má fé, despachei o meu empregado (por acaso, em minha companhia) para que me trouxesse um guarda; mas, antes da sua chegada, fui obrigado a empregar minhas próprias forças a fim de evitar que o homem escapasse. Vendo que isto era impossível, êle mudou de tom, e, pondo de parte a língua portugueza, aprendeu inglês num relance, declarando que o dinheiro já tinha sido gasto havia muito tempo, e oferecendo-me um quadrante novo que trouxera de Lisboa (realizara uma viagem desde a última vez que nos víamos), como única compensação ao seu alcance. Sabendo eu, por triste experiência própria, o que é a justiça neste país, aceitei a oferta e o larguei, tanto mais depressa quando o castigara ásperamente quando de sua tentativa de fugir.

9 [de junho]. Festa de *Corpus Christi*, a que compareceu tôda a tropa da cidade, exceto a que estava de guarda, presentes o governador, o Senado, os desembargadores da Relação, os membros da Inquisição⁹³ (com seu estandarte), etc., juntamente com tôdas as corporações do clero secular e re-

suas ave-marias (prece à Virgem), e dêem graças pelos benefícios do dia. Isso é tão universal que ao tanger dos sinos os pedestres param e se descobrem, todos, atendendo à cerimônia.

(93) Os familiares do Santo Offício constituíram uma força auxiliar especial, com uniforme próprio.

gular⁹⁴. Uma imagem de São Jorge* a cavalo muito se desta-
cava na procissão, pois envergava as ricas roupagens de cava-
leiro, havendo dois homens de cada lado da mesma, a fim de
segurar a montaria. O santo sacudia as suas plumas da maneira
mais majestosa, parecendo ainda maior o ridículo por ser pre-
cedido de um escudeiro de verdade e seguido de um pagem
menino, ambos a cavalo. Pensei que só faltava o dragão para
completar a cavalgada à Hudibras⁹⁵.

10 a 12 [de junho]. Entre os vários aspectos da cidade,
encontrei a mais formidável turma de recrutamento, na faina
de obter marinheiros para um navio de setenta e quatro tone-
ladas, recém-construído. Aqui não se empregam marujos na
operação de recrutamento, como nós fazemos, e sim, aproxi-
madamente uns cinqüenta soldados, com armas à cintura. Eles
executavam sua tarefa com tôda a brutalidade que requer tal
infração dos direitos da humanidade, em tôdas as nações que
a adotam. Um pobre marinheiro atraiu particularmente minha
atenção. A surpresa da captura fê-lo cair em convulsões en-
quanto era conduzido pela rua. Estava deitado, em estado de
aflição extrema, batendo com a cabeça nas pedras, enquanto
o soldado dêle encarregado permanecia de pé, com a mais fria
indiferença, aguardando que êle recuperasse os sentidos. E o
que achei igualmente cruel, a multidão que se aglomerou não
prestou o mínimo socorro ao homem; dando de ombros, olhava
e seguia adiante⁹⁶.

(94) *Regular and monastic clergy*, diz o original, por visível equí-
voco. Deve ser *secular e regular*.

(*) Santo tutelar de Portugal, assim como da Inglaterra.

(95) Personagem ridículo — *Sir Hudibras* — de uma sátira de Samuel
Butler contra os puritanos.

(96) O recrutamento era bárbaro em todos os países, como reco-
nhece honestamente o autor. Poucos anos antes Dom Fernando José
de Portugal reconhecia as deficiências do sistema: "... poucos man-
cebos restam desimpedidos para o serviço militar, em que se alistam
sempre involuntariamente, obstáculo reconhecido por todos os generais
meus antecessores e creio que por todos os governadores do Brasil, não
me tendo jamais descuidado em diferentes ocasiões de mandar fazer
recrutas para êsses corpos... nem em os fazer disciplinar pelos seus
respectivos chefes". (Ofício a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de 21
de outubro de 1799.) Castro e ALMEIDA, *Invent. cit.*, doc. 19.524.

13 a 20 [de junho]. Outra grande festa, a de Santo Antônio. É o santo mais favorecido do que qualquer outro do calendário, por ser natural de Lisboa.

A estação das chuvas trouxe o mais atormentador dos insetos, abundante nas vizinhanças do forte de Barbalho, especialmente durante as horas de sol, nos dias bonitos intercalados. É minúsculo como um ponto ou um de nossos ácaros, e movimenta-se com grande rapidez. Esse inseto daninho agarra-se a nossas roupas de cama, recobrando-as num instante. Depois insinua-se na pele, produzindo a mais intolerável coceira. É difícil extraí-lo e produz uma insuportável pústula branca, que cede ao cabo de um ou dois dias. Imagino que é análogo ao chamado *doutor* da costa dos Mosquitos, perto da baía de Honduras, o qual representa o mesmo tormento para os lenhadores e colonos.

21 e 22 [de junho]. O *Imperador*, navio cargueiro de Lisboa, chegou trazendo despachos do Govêrno, um nôvo intendente-de-marinha e um provedor da Alfândega. Essas várias mudanças davam a impressão de prometer notícias para mim. Dirigi-me ao gabinete do secretário, onde fui informado de que ainda nenhum esclarecimento fôra recebido. Dêsse modo, dissiparam-se imediatamente minhas ansiosas esperanças. Fiz, também, a visita de costume aos Correios, mas não encontrei cartas, o que vem confirmar minha suspeita de que algumas delas foram certamente interceptadas, pois, do contrário, eu deveria ter recebido as respostas das numerosas epístolas que enviei.

23 de junho a 3 de julho. Quando estava à mesa, fazendo a refeição da manhã, appareceu o capitão do forte, com uma ordem a êle dirigida pelo governador para que recebesse outro prisioneiro nos aposentos que ocupamos e, ao mesmo tempo, um aviso a fim de que nos mudássemos para outro lugar de reclusão. Essa novidade excitou ao extremo nossa curiosidade, e aguardamos os acontecimentos com um misto de ansiedade e apreensão.

Passou de meio-dia e ninguém appareceu. O capitão, cansado de esperar, foi à cidade tratar dos seus negócios. Mal, porém, havia saído, quando chegou o desembargador Cláudio

(meu inveterado adversário), acompanhado do governador⁹⁷ de Pôrto Seguro e seu filho Gaspar.

Mandaram que entrassem nos aposentos do capitão, sendo despachados dois mensageiros à sua procura, os quais, depois de duas longas horas de buscas, voltaram sem havê-lo encontrado. Cláudio declarou, então, que sua paciência estava esgotada, e que nada poderia fazer sem o capitão, retirando-se muito aborrecido, depois de trocarmos saudações formais. O pobre capitão foi imediatamente prêso; mas, depois de grandes intercessões, foi sôlto ao cabo de três horas de reclusão.

À sua volta, soube que o prisioneiro seria o governador de Pôrto Seguro, recentemente trazido de lá para êsse fim. Nós deveríamos ter sido removidos para o Forte do Mar; mas, diante da ausência do capitão, o nôvo prisioneiro fôra levado para o forte de São Pedro, onde estava em rigorosa reclusão.

Essa modificação revela que algumas ordens novas haviam chegado últimamente, não obstante as respostas dadas às minhas indagações.

Os moradores da Bahia têm um modo especial de guardar a véspera de S. João (ou noite do solstício de verão). Cortam junto à raiz algumas árvores direitas, altas e finas, semelhantes ao choupo e fixam-nas ao solo, em tôdas as ruas e arredores da cidade, empilham lenha sêca em tórno delas, até os seus ramos, e acendem, à noitinha, inúmeras fogueiras. Não consegui descobrir porque o santo teria de ser assim “calorosamente” saudado⁹⁸.

Realizei as mais insistentes investigações para descobrir o teor dos últimos despachos da Europa; mas só consegui obter informações conjecturais.

(97) Aliás *ouvidor*.

(98) A etnografia não era o forte de Lindley. Aliás êle saberia que o cristianismo, com a sabedoria costumeira, incorporou aos seus costumes, quanto possível, as tradições do paganismo, revestindo-as de nôvo significado. A comemoração do solstício de verão (entre nós de inverno) por meio de fogueiras era generalizada na própria terra do autor, como explica eruditamente seu conterrâneo (e também visitante do Brasil) capitão Richard F. Burton. V. *Viagens aos planaltos do Brasil*, tradução de Américo Jacobina Lacombe, vol. 1, cap. xiv, p. 242, São Paulo, 1941 (Coleção Brasileira, vol. 197).

Procurei o capitão Veloso, do Forte do Mar, e soube que êle havia realmente recebido ordens do Governò a fim de receber-nos como prisioneiros, *rigorosamente*. É singular contradição o fato de ter sido baixada uma ordem dessas e o de não ter sido posta em execução, o que me deixa em situação de maior perplexidade do que nunca. Que situação a nossa, meu Deus! Estar sob o guante de um govêrno despótico, cujas medidas são ocultadas ou desconhecidas, até que nos vêm subjugar, estrondando como o trovão. O único recurso que me resta é o de redobrar os esforços secretos que tenho feito últimamente, a fim de partir em breve dêste país sinistro.

O Governò é particularmente rigoroso quanto ao alistamento de todos os jovens da cidade para que sirvam na tropa regular ou na milícia. Dificilmente a classe social os isenta ou protege. Visitando um negociante, vi que seu filho estava ocupado a preparar uma petição ao governador, procurando livrar-se do serviço militar sob o fundamento de que era sargento de uma milícia de voluntários, do Pòrto, cidade que havia recentemente deixado, em companhia do pai, no navio de sua propriedade; que era sócio da firma e, além do mais, membro do Santo Ofício, ou Inquisição. Ao exprimir-lhe minha surpresa, diante desta última circunstância, assegurou-me que o era de fato, e tirou do peito as insígnias da instituição — um pequeno medalhão oval, com uma cruz vermelha sòbre dois ramos de louro, esmaltados em campo branco. Usava-a num botão do colête, prêsa com uma fita verde. O medalhão, pròpriamente, ficava sempre oculto, sendo exibido em situações de excepcional emergência ou em casos que exigissem notória assistência⁹⁹.

Passadas algumas horas, apareci novamente e verifiquei que o jovem havia regressado da audiência. Mas tanto seu memorial quanto sua eloquência tinham sido por igual infrutíferos.

(99) Os chamados Familiares do Santo Ofício, após comprovarem perante autoridade competente a limpeza de sangue (não terem gôta de "mouro, mulato, judeu, ou qualquer outra infecta nação"), obtinham uma carta do Tribunal para servirem em diligências dêle. Gozavam de privilégios especiais de fôro e muitas regalias no serviço público. Até a extinção do Tribunal pelas Côrtes de 1820, o título de Familiar era muito estimado.

Respondera o governador que, “tendo sido soldado no Pôrto, isso o tornava muito mais competente para o ser no Brasil, porquanto, dêsse modo, não careceria de instrução; e que estava meramente cumprindo o seu dever, servindo ao país, na metrópole ou em suas colônias. Quanto aos negócios, maiores bens tivesse e mais isto deveria animá-lo a defendê-los; e quanto ao fato de ser um familiar do Santo Offício, suas obrigações militares jamais deveriam interferir com os seus deveres civis, mas, ao contrário, dar-lhe maior atividade quando convocado naquella qualidade”.

4 [de julho]. Entrou na baía um navio inglês o *Prince of Wales*, da rota da Índia, sob o comando do capitão Price, de Londres. Não tive oportunidade de ir a bordo¹⁰⁰.

5 [de julho]. As ruas estão cheias de rostos ingleses, pois o navio transporta um certo número de passageiros, que se acham em terra, juntamente com os officiais. Este quadro é para mim a novidade mais agradável. Tomei a liberdade de pedir notícias e duas pessoas (o reverendo Dr. Kerr e Mr. Humphreys) que, gentilmente, prestaram-me informações, mostraram-se solidários no meu infortúnio e me apresentaram ao capitão Price, associando-se a êle num cordial oferecimento de seus préstimos em geral.

6 [de julho]. Desejando ter o prazer de aceitar os convites dos meus patrícios para que os visitasse, procurei o governador e solicitei-lhe o favor de permitir que eu jantasse a bordo, o que êle recusou categoricamente, proibindo até mesmo que eu me aproximasse do navio. Isto aborreceu-me, no momento; mas a mágoa foi pouco depois aliviada pela presença dos meus novos amigos, em terra, com os quais passei um dia encantador, esquecendo em tão agradável companhia tôdas as recordações de passados desapontamentos.

7 [de julho]. Prosseguimento do prazer do convívio social de ontem. Mas essas horas felizes são bem fugazes, pois o navio

(100) A arribada do navio inglês *Príncipe de Gales* foi comunicada ao ministro de Marinha e Ultramar pelo governador da Bahia em 29 de julho — (v. Castro e ALMEIDA, *Invent. cit.*, vol. v, docs. 25.235 e 25.236).

parte amanhã ao alvorecer, e chegou até mesmo a preocupar-nos, ao cair da noite, com vários indícios de uma partida ainda mais antecipada.

8 [de julho]. Um vinho comprado pelos meus amigos sofreu demora temporária na sua entrega. Apressei-me em ir ao palácio por causa disso, exatamente no momento em que entrava o capitão Price para a sua audiência de despedidas. Estando o intérprete ausente da Bahia, pediram o meu auxílio, nessa qualidade. Portou-se o governador de maneira extremamente polida, o que era, em verdade, o seu modo habitual de tratar; conversou não só a respeito do assunto da visita como também sobre a política da Europa, embora muito vagamente, possuindo, a êsse respeito, informações de data ulterior às trazidas pelo *Prince of Wales*.

Despedi-me com saudades da companhia dêstes últimos três dias. Encontrei homens bem informados, dotados das idéias mais liberais, sendo-lhes ausente aquela reserva que, tão freqüentemente, impede um inglês de manter livre intercâmbio com desconhecidos.

9 a 12 [de julho]. Estamos novamente entregues ao vazio a que temos sido submetidos há tanto tempo — à sociedade miserável da mais rancorosa das nações, cujos membros (salvo algumas exceções), empenham-se coletivamente em ferir os nossos sentimentos.

Neste momento, entretanto, o veneno perde os seus efeitos, e a enfadoinha desesperança é tolerável, diante da consoladora ciência de que se aproxima a hora em que ocorrerá uma transformação — *assim esperamos*, para melhor.

13 [de julho]. Um navio de Lisboa trouxe a desagradável informação de que se reacendeu a guerra entre a Inglaterra e a França¹⁰¹. Isto produziu grande sensação; e, apesar da proclamação do Príncipe do Brasil, declarando neutro o seu país, não conseguiu ela dissipar o alarme. A opinião geral é de que

(101) A ruptura das relações entre a Inglaterra e a França deu-se a 16 de maio de 1803, com a ocupação, por parte de Napoleão, de Flessingue e do Brabante holandês. Dois dias depois a Inglaterra restabelecia o bloqueio da França.

as hostilidades irão mais longe, e que Portugal tomará o partido da França e da Espanha. Nesse caso, que miserável acréscimo sofreria, assim, nosso atual infortúnio! A simples idéia disso há de revigorar meus presentes *esforços!*

14 [de julho]. Meu diário completa um ano no dia de hoje. Meu Deus! Mal pensava eu, quando me senti pela primeira vez para escrever estas recordações, que elas se estenderiam por um período tão enfadonho! Nosso convívio quase limitado ao de estrangeiros desagradáveis, nossa correspondência interceptada, e a ausência das mínimas notícias de antigas relações e por quaisquer meios, durante todo êsse tempo; sujeitos à mão pesada de uma tirania distante e, por momentos, tremendo pela nossa própria existência; ainda à mercê do mesmo poder, que poderá novamente mergulhar-nos na miséria extrema, ou, se fôr mais benévolo, manter-nos prisioneiros anos a fio!

Dominado por essas impressões do passado e outras semelhantes quanto ao futuro, não temos outra alternativa senão *fugir*, o que tem incessantemente ocupado os nossos pensamentos há algumas semanas.

As primeiras providências nesse sentido foram a idéia de comprar um pequeno navio equipado, por intermédio de algum amigo, e fazer-me à vela para as Índias Ocidentais, sem licença. Mas ergueram-se objeções tão insuperáveis à execução dêsse plano, que fomos obrigados a abandoná-lo. Ao mesmo tempo, recebemos também a oferta, aparentemente mais aceitável, de obter passagem num grande navio com destino ao Pôrto, no qual alcançaríamos imediatamente a Europa, exatamente no lugar onde pretendemos buscar a reparação das injustiças extremas que sofremos. A partida do navio está marcada para o fim dêste mês; e o intervalo será integralmente ocupado com os preparativos, a tal ponto que não poderei prosseguir nas observações ocasionais que têm constituído, até o presente, a substância do meu diário.

De 14 de julho a 5 de agosto, estivemos ocupados em levar nossas roupas e outros artigos de menor importância, em pequenos embrulhos, para a casa de um amigo, próxima da praia, aproveitando tôdas as oportunidades para isso e empregando

muitos stratagemas a fim de fazê-lo sem levantar suspeitas. Nossas precauções foram coroadas de êxito e, finalmente, nada mais que era nosso restava no forte de Barbalho, salvo alguns artigos sem importância ou demasiado volumosos para pensarmos em transportá-los. Tais providências, entretanto, não foram efetuadas sem uma constante e por demais atormentadora ansiedade. Em cada rosto diante de nós, imaginávamos enxergar desconfiança. Nenhum estranho veio ao forte sem que o julgássemos um agente de polícia, encarregado de conduzir-nos presos. E a cada rangido da porta interna, corríamos involuntariamente à janela para ver quem passava.

No dia 5, informou o negociante que o seu navio partiria com a maré cheia da manhã seguinte. Por conseguinte, preparamo-nos ao cair da noite para deixar a nossa lúgubre morada. Combinamos com William e Louis* para que permanecessem em meus aposentos até pela manhã, a fim de evitar suspeitas, e resolvemos partir à noitinha, antes de ser fechada a porta.

Minha mulher disfarçou-se com um capote comprido de homem e um chapéu redondo. E mal respirando, trêmulos de ansiedade, atravessamos com segurança a ponte levadiça, percorremos apressadamente a praça em frente à fortaleza e (voltando-nos para a cidade), lançamos um feliz olhar de adeus aos lúgubres e altaneiros bastiões do forte de Barbalho. Um amigo arranjou-nos uma cama; o sono, porém, fugiu dos nossos olhos por causa da fadiga do dia anterior, e das apreensões latentes em face do acontecimento que se aproximava.

Acordamos muito cedo. Acompanhados de nossos amigos, dirigimo-nos de cadeirinha até um barco que estava à nossa espera a fim de conduzir-nos à pequena lancha coberta, alugada para levar-nos até o navio — sendo impossível embarcar na baía sem considerável risco para todos. Na lancha, verificamos que William e Louis haviam chegado antes de nós. Partíamos, agora, com êsses valiosos amigos, que tanto nos tinham ajudado materialmente, num país em que suas pessoas e bens teriam sofrido severamente se houvessem sido descobertos; e que pro-

(*) Meu antigo mestre e atual empregado.

cederam nisso, pelos mais puros motivos de humanidade e benevolência (as grandes características da sociedade a que tinham a honra de pertencer*) assim formando forte contraste com os outros seus degenerados e ignorantes cidadãos. Como poderei expressar-lhes a nossa mais sincera e profunda gratidão^{102?}!

Nesta altura, o navio já estava fora da baía; e embora a lancha, com suas imensas velas latinas, reduzisse rapidamente a distância entre nós e êle, todos experimentávamos ansiosa impaciência, acrescida pela dúvida quanto à sinceridade do capitão e o fato de haver um barco aparentemente em nosso encalço. Mas todos os receios eram infundados: êsse barco desapareceu e, por volta do meio-dia, havíamos alcançado o navio e fizemos o sinal convencionado, que foi respondido.

Então surgiu outra dificuldade. A lancha, uma casca de noz, não conseguia avançar através do mar grosso, e jogava como se fôsse sepultar-nos em cada onda. O navio ferrou as velas, e atingimos o seu flanco; um cabo nos foi arremessado, mas os homens, inábeis, não conseguiram agarrá-lo. E ficamos

(*) A maçonaria.

(102) A propósito desta fuga comenta o visconde de CAIRU em sua *Introdução à História dos principais sucessos políticos do Império do Brasil*: "Convém na atual conjuntura bem advertir-se na declaração que faz em ar de ingenuidade, na p. 209 (da edição inglêsa) dizendo, mui senhor de si, haver escapado da prisão (valha a verdade!) por auxílio dos pedreiros-livres da cidade da Babia; acrescentando que os irmãos da opa "procederam pelos mais puros motivos de humanidade e benevolência (as grandes características da sociedade a que tinham a honra de pertencer), assim formando forte contraste com outros seus degenerados concidadãos". Que moral! Os mancomunados da maçonaria, sacrificando ou pervertendo a honra do comandante da fortaleza, subtraem à justiça um réu de crime evidente, que violava com desassidão a lei do Estado, com que se sustentava uma das rendas da Coroa! Que exemplar caridade dos que protegem aos que desorganizam e desarmam a força pública, tirando ao Governô os meios de defender o Estado e pagar aos empregados!"

Comentando esta nota de Cairu, compara o professor HÉLIO VIANNA a fuga de Lindley à de Bento Gonçalves, prisioneiro no Forte do Mar, também por interferência da mesma sociedade secreta. V. HÉLIO VIANNA, "A primeira versão da Introdução à história dos principais sucessos políticos do Império do Brasil", *Revista de História*, São Paulo, n.º 53.

outra vez afastados à pôpa do navio. Este permaneceu à capa e, ao cabo de mais um quarto de hora, acercamo-nos dêle a sota-vento e agarramos um cabo. O mar estava muito agitado; após consideráveis esforços e grandes riscos (devido ao abalroamento da lancha), subimos ao tombadilho e, felizmente, vimo-nos a bordo.

Quando olhamos em derredor e percebemos que tudo se achava em segurança, associei-me à minha mulher numa expressiva jaculatória ao Todo-poderoso, agradecendo a nossa conservação, nossa fuga e aparente perspectiva de Liberdade Reconquistada.

DESCRIÇÃO DAS PROVÍNCIAS DE PÔRTO SEGURO E SÃO SALVADOR

*Descrição da província de Pôrto Seguro*¹⁰³

Pôrto Seguro é constituído de um recife (ou antes, por uma série de recifes), estendendo-se de uma ponta que avança do continente, aproximadamente na extensão de uma milha, em direção paralela à terra e forma um molhe natural. Os rochedos ficam a descoberto na vazante, terminam abruptamente e ressurgem de nôvo, ligeiramente, a meia milha de distância. O espaço que medeia entre êles é a barra ou entrada da baía, na qual a água tem vinte pés, na maré alta, reduzindo-se a doze no interior da baía. Esta última profundidade é a média do pôrto, exceto a uma certa distância, onde desemboca um rio e as águas são um tanto mais fundas. O leito é de areia fina, que se eleva gradativamente numa praia larga.

É encantadora a vista ao entrar-se no pôrto. Próximo da orla marinha, ergue-se uma série de casas de pescadores, sombreadas de ondulantes palmeiras à frente, tendo, cada uma, seu laranjal ao lado. Atrás dessas choupanas, surge a vegetação baixa, nativa, que, cortada de inúmeras veredas, forma bosques sempre verdes, cheios de pássaros de rica plumagem, alguns dêles canoros. Ao norte, ergue-se o terreno em morro íngreme, que se escala por um caminho sinuoso, em busca da cidade, ao alto.

As ruas são suficientemente largas, retas, mas dispostas de maneira irregular. As casas têm geralmente um só pavimento,

(103) As grafias do original vão indicadas entre colchêtes, o termo então usado era *capitania* e não *província*.

são baixas e mal construídas, de tijolos moles, juntados com barro e recobertos de argamassa. Tôdas têm aspecto sujo e miserável. Cêrca de meia dúzia possui sobrado, sendo a maior delas a sede da Municipalidade e a prisão, edifício de certas proporções; as demais são a residência civil do governador (outrora um colégio dos jesuítas) e duas ou três casas particulares*¹⁰⁴.

A igreja é simples e possui vidraças, sendo, indubitavelmente, o edifício mais bem construído do lugar. Está sendo atualmente concluída uma nova, que a princípio eu tomei por um celeiro ou armazém, mas fiquei a pensar, ao mesmo tempo, na excelência do material: pedra e tijolos vermelhos, cozidos. Soube que tanto esta como a primeira foram erguidas sobre uma igreja primitiva e um convento de franciscanos, construídos quando da fundação da cidade, em 1550, ambos em ruínas havia muito tempo. Os pobres irmãos dessa Ordem foram removidos para a Bahia, deixando relutantemente aos jesuítas os frutos do esforço realizado no lugar. Estes já eram imensamente ricos e se desenvolviam então rapidamente quando foi igualmente, pôsto um término à sua carreira: viram-se expulsos de Pôrto Seguro ao mesmo tempo que a Ordem era dissolvida na Europa.

Nas margens do rio, mais além, está situada uma aldeia tão grande como a vila; contém o conjunto aproximadamente quatrocentas casas (ou melhor, choças), e três mil habitantes, incluindo escravos e índios. Dedicam-se unicamente à pesca, ao largo das ilhas e rochedos dos Abrolhos, onde apanham um peixe grande, da espécie do salmão (a garoupa), que saíam para o mercado da Bahia. Cêrca de cinquenta barcaças cobertas são empregadas nessa pesca; ficam no mar de um mês a seis semanas, até completarem sua carga.

O trabalho de quereuar essas barcaças e fazer as necessárias linhas e rêdes constitui a ocupação dos que permanecem

(*) As casas são totalmente desprovidas de caixilhos para suas janelas, exceto uma cortina de varetas de bambu.

(104) Os jesuítas tiveram em Pôrto Seguro uma Casa, onde ministraram primeiras letras e humanidades, mas não atingiu a categoria de Colégio. V. Serafim LEITE, *op. cit.*, vol. v, Rio de Janeiro, 1945, p. 237.

na vila e não são pescadores. Suas linhas são as melhores do mundo, feitas de algodão bem trançado, e esfregadas, diversas vêzes, com a parte interna da cortiça de uma árvore que contém resina glutinosa; são imediatamente endurecidas ao sol, tornando-se à prova da água salgada. Isso torna as linhas especialmente resistentes, embora elásticas.

A propriedade das lanchas e de sua carga é reservada a algumas pessoas, relativamente ricas, que recebem o pagamento do seu peixe em dinheiro, artigos de alimentação e vestuário, que revendem àqueles seus dependentes que podem comprá-los (em geral não têm meios para isso). Felizmente para êsses últimos, vivem êles num belo clima, onde não há extremos de frio ou calor que aflijam o organismo humano e onde podem subsistir quase sem roupas.

A alimentação comum dos habitantes é o peixe salgado e a farinha (vendida, aqui, a três xelins e seis dinheiros o alqueire), laranjas, bananas e côco, frutos êstes em tal abundância que não têm o menor valor.

Nossos legumes inglêses comuns são raros neste lugar; a batata é desconhecida, a cebola é obtida na Bahia* e repolhos só vi na horta do vigário, pois aqui não são comuns.

Existe, na costa, peixe fresco em grande quantidade; mas os habitantes são demasiado indolentes para apanhá-lo e o artigo é caro e escasso.

Há carne de vaca, sendo abatida somente uma vez, aos domingos; os melhores pedaços são reservados para o governador e as autoridades da cidade, sendo os restantes distribuídos entre o povo, à razão de três vinténs a libra. Seriam abundantes os porcos e os carneiros, se fôsse incentivada sua criação, pois as matas proporcionam alimento inesgotável para êsses animais. Mas os habitantes são de tal maneira atoleimados, que difficilmente se vê um porco, e nunca se encontra um bode ou carneiro. É bem verdade, reconheço, que últimamente têm tido pouco estímulo para se dedicarem a criar o que quer que seja, devido à rapacidade do último governador [*ouvidor*], que lhes subtraiu o gado e as aves domésticas,

(*) A princípio trazida de Lisboa, sendo pouco cultivada no Brasil.

sem lhes dar qualquer compensação. E tal é a opressão em que vivem, que nem ousaram queixar-se.

Os principais moradores têm o seu próprio sítio. Localizam-se principalmente nas margens do rio, estendendo-se por umas cinco léguas, da sua embocadura até Vila Verde, a oeste. Nêles há plantações de cana e mandioca, esta para o fabrico da farinha. São abundantes as aves domésticas e o gado. Não obstante, a vida é aqui bem pouco superior à da cidade e é incrível que o povo não use absolutamente o leite*. Se um estrangeiro pedir êste artigo, êles separam uma vaca do seu bezerro, durante a noite, ordenhando-a. E quando eu lhes informei que o leite, na Europa, constitui grande fator da alimentação geral, não me deram crédito, porquanto, ao invés de considerá-lo nutritivo ou saudável, recusam-no aos doentes e fracos, julgando que contribui para agravar os seus males. Em resumo: num país em que as becesses da natureza seriam abundantes até o excesso, houvesse cultivo e indústria, vive a maior parte do povo na necessidade e na pobreza, e até mesmo os poucos privilegiados não conhecem os prazeres que tornam a vida apetecível.

Entre as mulheres, é geralmente desconhecido o trabalho de qualquer espécie. Vi algumas que faziam uma renda grossa, para seu próprio uso; mas isto não é comum, de maneira alguma. A agulha é-lhes ainda menos familiar, pois são poucas as que sabem coser suas próprias camisas (ainda que seja esta a principal peça do vestuário), tendo escravas mulatas para êsse fim. A arte culinária está inteiramente fora de cogitações, pois a alimentação usual não a exige ou admite. E são tão completamente ignorantes dêsses complementos de nosso bem-estar que não conseguí, percorrendo tôda a cidade, fôsse transformado em pão um pouco de farinha que possuía.

A província [*comarca*] tem fartura das mais deliciosas frutas para conservas; mas o seu preparo é totalmente desprezado pelas mulheres. Até mesmo as compotas e marmeladas da Bahia e do Rio de Janeiro são feitas por escravos. Numa palavra: o povo, aqui, simplesmente vegeta, numa apatia inconsciente e indolência enervante, a que é somado igual desprezo

(*) Devo excetuar o governador e o vigário.

pelo espírito, porquanto raras mulheres sabem ler e escrever, e é uma arte que alguns homens adquirem, não muitos.

A mesma existência apática e a mesma ociosidade constitucional caracterizam o sexo masculino. Os homens perdem dias inteiros em visitas, bocejando, numa conversação frívola, ou jogando baralho a vintém, ao passo que as lavouras são feitas por capatazes europeus, alguns mulatos favoritos ou escravos de confiança. Não se admite a desculpa do clima para essa falta de esforço: muitas semanas são moderadas, como o mês de setembro, de clima europeu. O inverno geralmente também é moderado. Até mesmo nos dias quentes há momentos em que sopra uma brisa refrescante, além de haver algumas horas, tôdas as manhãs e tardes, durante as quais os raios do sol têm pouca violência e a terra se refresca em virtude do copioso orvalho geralmente encontrado nos trópicos, principalmente aqui.

Os animais da província são semelhantes aos que abundam por todo o Brasil, sendo muito inferiores em tamanho, força e agilidade aos da mesma espécie, encontrados nos continentes africano e asiático. Os principais quadrúpedes selvagens são onças, leopardos, gatos-do-mato, lobos, hienas, porcos selvagens e sarigués¹⁰⁵. Estes últimos são aproximadamente do porte de uma rapôsa, ferozes e audaciosos, muito destruidores das aves domésticas, defendendo-se com grande resolução quando atacados.

A preguiça é aqui muito comum, mas inteiramente inofensiva. Os macacos são especialmente os do tipo cinzento, sendo raros nas proximidades das casas. Os tatus correm por todos os lados, subdividindo-se em cinco variedades: o tatuacu é o maior, quase do tamanho de um grande porco; o tatupeba é um pouco menor; o tatu-verdadeiro é o tipo geralmente descrito; o tatuinho é menor; e o tatu-bola é o menor de todos, possuindo qualidade análoga à do ouriço, a de enrolar-se formando uma bola, quando atacado, apresentando só sua casca que forma, dêsse modo, impenetrável escudo.

(105) No original: *saratues*. É o gambá. Rocha PITA menciona "Sarigués, piratas das criações domésticas", *op. cit.*, t, § 64.

Pelo interior, existem rebanhos de gado vacum e de cavalos selvagens, embora tenham pouca utilidade, pois difficilmente se aproximam da costa, exceto mais para o sul. Os cavalos empregados aqui e na Bahia são de Buenos Aires: são muito altos, raramente passando de catorze palmos; são gordos e de ossos pequenos. Mantêm-se em excellentes condições e suportam grandes fadigas (apesar do clima); mas não exibem a menor beleza de formas ou agilidade de movimentos.

As mulas são talvez as maiores e mais bem proporcionadas do mundo. Vi em Aranjuez, na Espanha, já há alguns anos, outras muito grandes, criadas por ordem de Sua Magestade Católica, e que tinham cabeças enormes, vagarosas e mal conformadas; ao passo que estas, daqui, são espartas e vivazes, em sua aparência geral.

Insisti muito em minhas indagações a respeito da lhama e da vicunha, do Peru, igualmente vistas no Paraguai, nas vizinhanças do estreito de Magalhães e noutras partes dêste continente. Mas embora a latitude corresponda à do Peru, e as produções sejam as mesmas, não possui a terra um só daqueles animais, nem quaisquer outros semelhantes.

Os carneiros são de raça pequena, aparentemente européia, com algumas exceções, representadas por um tipo bastante maior e que tem vários chifres, além de existirem outros exemplares, de origem africana, e que ostentam compridos pêlos.

Quanto às aves, existem em grande variedade e da mais brilhante plumagem, muitas desconhecidas na Europa; mas seria necessária a capacidade de discriminação de um naturalista competente para descrever e enumerar os pássaros, répteis e insetos desta região do país.

As árvores dos arredores de Pôrto Seguro e regiões vizinhas são extremamente ricas em gomas, dos tipos resinoso, mucilaginoso e balsâmico. A resina exsuda de todos os ramos, e dos cepos das árvores derrubadas escorre em massa, ficando freqüentemente abandonada no solo.

Entre os bálsamos, um dêles assemelha-se ao de tolu (bicuíba) e copaíba. Este tipo é o enviado para a Europa. A árvore que o produz pertence à espécie do pinheiro, mas sô-

mente a planta feminina contém o bálsamo. Para obtê-lo, é geralmente cortada, sendo o líquido recolhido em vasilhas.

São infinitos os produtos de origem vegetal, mas os habitantes mal possuem quaisquer conhecimentos a respeito, salvo quanto àqueles imediatamente relacionados ao seu benefício.

A capitania ou província de Pôrto Seguro¹⁰⁶ estende-se ao norte até o Rio Grande, onde se limita com a de Ilhéus. O rio serve de divisa. Esse rio permanece ainda inexplorado, sendo escassamente povoado porque mesmo nas proximidades de sua foz, na maré alta, não tem senão duas braças de profundidade. Matas imensas estendem-se ao longo da costa flanqueando-o e avançam pelas suas margens; e as árvores de que as constituem são consideradas, no Brasil, das melhores para a construção naval. Daí, e do Patipe [*sic*], vizinho, é que provém a madeira para os estaleiros reais. As árvores, principalmente empregadas são a sucupira [*sippira*], a peroba, o oraubu e o loureiro. A primeira assemelha-se ao pau-teque, da Índia; as demais, são uma espécie de carvalho e de lariço. O putumuju, o angelim e o cedro são utilizados para tábuas de convés; a picosa e a peroba são madeiras mais leves, semelhantes ao abeto para se trabalhar.

Além delas, existe o jacarandá (ou pau-rosa) [*sic*], o pau-brasil, o mogno, o pau-campeche e vários outros.

O Rio Grande [Jequitinhonha], depois de atravessar a região numa distância considerável rumo a oeste, quebra para o sul, acreditando-se que tenha suas nascentes além das minas de Pitangui, embora nunca tenha sido explorado até lá. É largo e profundo em sua foz, na baía, continuando assim por uma certa extensão, classificando-se, em magnitude, entre os rios secundários que percorrem este imenso continente.

Durante quinze dias, a expedição, que mencionei na Introdução, subiu o rio em canoas, não sendo êle interrompido por cachoeiras ou rápidos nem havendo obstáculos de qualquer espécie à navegação, naquele trecho. Viram os expedicionários que suas margens são incalculavelmente ricas em produtos naturais, sendo abundantes os de alimentação. As matas estão

(106) A antiga capitania era então simples comarca da Bahia.

cheias de porcos selvagens, e os campos estão cheios de gado, etc. No ponto terminal da viagem, havia diamantes à flor da terra e a pequena distância do rio; mas, segundo descreveram, eram pequenos e de reduzido valor. Encontraram-se também topázios, ametistas e esmeraldas e cogitou-se de uma segunda excursão, mas foram impedidos de levá-la a efeito. Em suma, ao Rio Grande* (de Pôrto Seguro) só falta incentivo para que se torne um grande patrimônio nacional, embora a política do govêrno português consista provávelmente em deixar que êle permaneça desconhecido e despovoado.

Prosseguindo ao longo da costa em direção ao sul, a partir do Rio Grande, chegamos a Belmonte [*Belmont*], povoação nova e próspera; e a certa distância, mais além, situa-se a cidade e o distrito de Santa Cruz. O ancoradouro comporta embarcações de doze pés de calado, e a de Coroa Vermelha [*Vermeil*] ao sul, logo adjacente, recebe navios de qualquer porte. A vila está decadente e não tem importância. Cinco léguas mais adiante, ainda à costa, fica Pôrto Seguro, ao sul do qual, além da Capela de Nossa Senhora da Ajuda [*Juda*], a pequena e rasa baía de Troncoso, recorta a praia. Há aqui várias fazendas e a região é encantadora.

O rio dos Frades [*Rio des Fratres*] se encontra não muito distante; mas, como a foz dêsse rio fica totalmente entupida de areia, não existe uma única fazenda às suas margens. A região é montanhosa, ao sul do rio dos Frades: o Monte Pascoal [*Pascoa*] ergue o seu cume branco e redondo, salientando-se a grande distância e servindo de ponto de referência para a perigosa navegação do rio Caravelas [*Carevellos*], pois a costa inteira é uma sucessão de recifes, rochedos submersos e baixios. Mas os pilotos da vizinhança conduzem os navios com tanta habilidade que de poucos acidentes se tem notícia.

Do rio dos Frades [*des Fratres*] à Vila Prado estende-se uma vastidão de litoral abandonado, recortado de vários rios pequenos e freqüentado por tantos índios hostis que viajar pela praia é extremamente perigoso e jamais tentado sem o acom-

(*) Há vários rios com o nome de Grande, na costa oriental da América do Sul.

panhamento de uma guarda. Prado é uma próspera comunidade pesqueira, e Alcobaga [*Alcoabass*] ainda é mais florescente. Os habitantes das vizinhanças empregam tôda sua atividade no cultivo e preparação da farinha, que transportam para o Pôrto de Caravelas. O rio Caravelas [*Carevellos*]* possui uma barra formidável e perigosa, que só admite navios de doze pés de calado, mas uma vez transposta, dispõe êle de dez braças de água. O rio tem duas milhas de largura, sendo proporcionalmente profundo. Por seis milhas acima, até chegar à vila, suas margens são pontilhadas de fazendas. A vila é movimentada e populosa; as construções são um tanto superiores às de Pôrto Seguro, embora do mesmo estilo, mas a igreja é de aspecto mesquinho e muito miserável. A região em tórno é bem cultivada, havendo nela plantações de mandioca, sendo o principal mercado de farinha na costa, e o lugar de onde são principalmente supridos o Rio de Janeiro, a Bahia e Pernambuco. Um considerável número de polacas, barcas e lanchas pertence a êsse pôrto, sendo nêle construídas, não só para seu próprio emprego, como também para Pôrto Seguro.

Dez léguas ao sul de Caravelas, fica S. Mateus [*S. Matthias*], nos confins da capitania, sendo também aí plantada mandioca.

As febres predominam ao extremo através de tôda a extensão dessas províncias, sendo muito mais graves e perigosas do que em nossa terra. Poucos europeus escapam de seus ataques. Seguindo-se rumo ao sul, cresce a força do mal, e o lugar mencionado por último é tão fatal, que geralmente se torna o túmulo dos estrangeiros que o visitam.

A província estende-se por uma distância de setenta léguas pela costa; para oeste é ilimitada, embora os lugares hoje povoados, nessa direção, não cheguem a dez léguas do mar. Não obstante, sabe-se que o interior contém ouro, sendo abundantes outros minerais preciosos. Além do que já foi mencionado quanto ao Rio Grande, pode-se observar que Luís de Brito e Almeida, governador-geral, recebeu, no ano de 1570¹⁰⁷, de uns índios convertidos, a informação relativa a êsse fato, ha-

(*) *Caravela* [*carevellos*] é nome antigo de navio de três mastros.

(107) *História da América* [*Histoire d'Amérique*] N. A. Rocha PITA, *op. cit.*, liv. II, 78, 79; III, 60 — N. R.

vendo a Còrte de Lisboa ordenado que realizasse investigações. Tendo recebido mineralogistas para uma expedição, enviou-os acima do Rio Doce*, penetraram numa de suas ramificações, denominada Mandi, desembarcando e viajando rumo a oeste até chegar junto a um lago imenso, que os índios denominam *bôca do mar*. Ultrapassando êsse lago, atingiram o rio Acesi e, subindo seu curso, foram chegar, afinal, ao citado lugar, de onde trouxeram amostras muito valiosas de esmeraldas, safiras, topázios e cristais. Mas prestou-se, e se continua prestando, tão pouca atenção ao caso, que ficaram perdidos o sítio e os marcos segundo os quais poderia ser encontrado.

Vangloriam-se os habitantes de Pôrto Seguro de serem naturais do sítio onde o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. Ainda conservam, com grande veneração, a Santa Cruz erguida sob uma árvore frondosa por ocasião da primeira Missa solene, acompanhada de música, salvas, etc., durante a qual os índios, segundo dizem, reuniram-se em bandos diante de um quadro tão nôvo, permanecendo em profundo silêncio, presos de espanto e curiosidade. E o “espírito de Deus, manifestou-se de maneira tão visível, naquele momento, que êles se converteram à santa fé”. Cabral denominou Terra de Santa Cruz ao país recém-descoberto, por causa dessa cruz. O nome, foi, porém, mudado mais tarde para o de Brasil, por el-rei D. Manuel, por causa da árvore denominada ibirapitanga, que produz viva tinta vermelha**, então grande novidade e, por isso, de considerável valor na Europa.

*Descrição da província de São Salvador***108*

Após o descobrimento do Brasil, D. Manuel, sem perda de tempo, ordenou a Américo Vespúcio que explorasse a costa, e incumbiu Gonçalo Coelho de investigar os produtos do país,

(*) Que é contíguo ao S. Mateus e descarrega suas águas na província do Espírito Santo. N. A.

(**) *Brasas*, ou *brazas*, significa carvão em combustão. N. A.

(***) Mais geralmente conhecida entre os naturais da terra e os portugueses pelo nome de Bahía, não sendo presentemente usada essa designação.

(108) Ainda era usada a denominação de capitania.

seu aspecto, etc. Apesar dos relatórios favoráveis dèsses capitães, Sua Majestade, tão profundamente empenhado em expedições asiáticas, não conseguiu dispor de homens para tentar o povoamento de colônia tão vasta como Brasil, e para a dominação do gentio, que já demonstrava decidida hostilidade.

D. João III, succedendo ao pai num período em que a tranqüillidade geral lhe permitiu dedicar tôda a sua atenção a América, enviou às terras recém-descobertas navios e competentes geógrafos daquela época. Orientado pelos seus relatórios, dividiu-a em capitánias, que doou aos nobres mais empreendedores do Reino, cabendo uma a cada donatário, sob a condição de assumirem todos os encargos de cuidá-la, dominá-la e colonizá-la.

Cristóvão Jaques, ao regressar de uma viagem de exploração à Bahia, informou sòbre a extrema vastidão do lugar (que dedicara a Todos os Santos) e a exuberante beleza do território circunvizinho. Transcorreram, porém, ainda alguns anos até que D. João III doou essa capitania a Francisco Pereira Coutinho, nobre recém-chegado da Índia. Aparelhou êle sem demora uma pequena frota e, acompanhado de considerável número de aventureiros, soldados e outros, deu início ao empreendimento. Encontrava-se essa parte do Brasil na posse dos tupinambás, uma das tribos mais sociáveis e, para surpresa de Pereira Coutinho, dotada de civilização consideravelmente adiantada. Tudo isso era devido a um certo Álvares Correia, que, naufragando a caminho das Índias, salvara a própria vida e a maior parte de sua bagagem. As maravilhas, tais como as armas de fogo e outras invenções européias, que Diogo Álvares pôde exhibir aos índios simplórios angariaram-lhe a veneração da tribo, da qual êle teve o cuidado de não abusar. Os índios proporcionaram-lhe, bem como aos seus companheiros, os produtos naturais da terra, a caça, e também mulheres, escolhendo para Diogo Álvares a filha do chefe.

Passado algum tempo, um navio francês, em viagem de descobrimentos e comércio, aportou à Bahia. Diogo Álvares valeu-se da circunstância e embarcou para a Europa juntamente com a esposa indígena, levando as melhores amostras da riqueza e das curiosidades do país.

Reinavam em França Henrique II e a famosa Catarina de Médicis. Os exploradores foram recebidos com as maiores demonstrações públicas de atenção e secreto prazer. A pobre índia foi imediatamente batizada, numa cerimônia suavíssima, tendo Suas Majestades como padrinhos, dando a rainha o seu próprio nome à nova cristã de ultramar.

Grande empenho foi demonstrado em instruir Catarina na nova religião e nas maneiras da época, ao passo que seu espôso, não podendo dirigir-se para Lisboa, conforme sua intenção primitiva, foi instado a comandar uma expedição francesa à costa dos tupinambás. Regressou, pois, com sua mulher; Catarina, enriquecida de novas prendas, mostrou-se infatigável nos seus esforços a fim de converter e civilizar o seu povo. Já erguida uma igreja, e iniciadas várias lavouras de açúcar, bem como o cultivo geral da terra, nela chegou Francisco Pereira Coutinho. Aquêles que o acompanhavam, nobres investidos de autoridade régia, desprezaram as tímidas medidas até então empreendidas por Diogo Álvares, condenando tôdas as iniciativas que haviam sido tomadas. Em breve foi desencadeada cruel perseguição à pobre nação indígena, que desconhecia, até então, a severidade. Em consequência disso, convocou ela o auxílio de seus vizinhos, os tamoios, destruiu os engenhos e as instalações construídas por Pereira Coutinho, matou grande parte de seus homens, aniquilou todos os seus trabalhos e obrigou-o a retirar-se, em dois navios, com o que restava de sua gente, rumo a Ilhéus, lugar que mal começara a ser colonizado. Aí obteve Pereira Coutinho poderosos reforços e regressou por mar à Bahia; mas, devido ao mau tempo, seu navio naufragou nas alturas da ilha de Itaparica, e quase tôdas as pessoas que nêle vinham foram massacradas pelos nativos.

Entrementes, D. João III, informado dos esforços de Diogo Álvares, e conhecendo a superior situação que oferecia a Bahia para nela ser fundada uma capital para a nova colônia, mal teve conhecimento da morte de Pereira Coutinho, retomou a capitania e ordenou que se aprestasse uma frota capaz de colonizá-la e nela erguer uma cidade, sob o comando de Tomé de Sousa, o mais experimentado general português.

Entre as várias pessoas que acompanharam Tomé de Sousa incluía-se um grupo de jesuítas, sob a direção de um superior, o Pe. Manuel da Nóbrega, dos mais esclarecidos e sagazes membros daquela Ordem. Graças às sábias medidas desses padres, os índios, exasperados, foram em breve apaziguados; a maioria dêles recebeu o batismo, e os colonos tiveram as mãos livres para os seus trabalhos e para a construção de São Salvador, nome dado por Tomé de Sousa à projetada cidade.

A baía de Todos os Santos oferece acesso pelo sul, sendo formada por uma grande península da terra firme e pela ilha de Itaparica, estendendo-se para noroeste por entre ilhas distantes e um braço interno de mar, na extensão de um grau, e recebendo as águas de seis grandes rios: o Paraguaçu, o Serregeipe, o Jaguaripe, o Matuim, o Parnamirim e o Parajá, navegáveis em quase tôda a sua extensão.

A baía pròpriamente dita tem três léguas de largura na sua extremidade, doze de diâmetro e trinta e seis de circunferência, excluídas as ilhas ou sua parte mais remota.

Da barra ao largo do forte de Santo Antônio, nos confins da grande península, até a ponta de Monte Serrate (pequena península dentro da maior), e a praia de Itapagipe [*Tapagippe*], fica o ancoradouro, bem abrigado de todos os ventos e em lugar desimpedido, havendo espaço para que se possam reunir sem confusão tôdas as esquadras do mundo.

Contemplando-se êsse tranqüilo e vasto lago, como se poderia chamar, rodeado de terras exuberantemente ricas em produtos naturais, quer para as utilidades do homem quer para o supérfluo, e situado quase ao centro do globo habitável, sente-se que foi feita pela natureza para tornar-se o empório do universo.

A cidade da Bahia fica ao lado direito do gôlfo, e a terra, a pequena distância da praia, ergue-se abruptamente, formando uma elevada cercadura de montanhas, no alto das quais a cidade está construída, com exceção de uma única rua, que corre paralela à praia. A desigualdade do terreno e a intromissão das lavouras fazem com que a cidade ocupe um espaço considerável. As construções datam principalmente do século xvii, sendo mal feitas, e, devido à fragilidade dos materiais

empregados, estragam-se rapidamente, o que reduziu a aparência de muitas, outrora suntuosas. Como em tôdas as cidades católicas, as igrejas são os edifícios de mais relêvo, e aquêles aos quais foram dispensados o máximo cuidado e os maiores gastos. A catedral é grande, mas acha-se em ruínas¹⁰⁹, ao passo que o colégio e o palácio arquiépiscopal (ou melhor, casa), contíguos, encontram-se em perfeito estado de conservação. Na época em que foram erigidos, eram todos êles edifícios espaçosos, dispondo de imponente situação, no alto de uma colina, dominando o mar e as terras vizinhas. A grandiosa igreja dos antigos jesuítas é, sem dúvida, a construção mais elegante da cidade¹¹⁰. É tôda em mármore europeu, importado para êsse fim a um custo elevadíssimo, sendo sua decoração interna supèrfluamente rica: o gradil do altar é de metal amarelo fundido; as obras de talha incrustadas de tartaruga, ao passo que o altar-mor e vários outros (que se projetam das alas laterais) com os seus respectivos santos, são carregados de dourados, pinturas*, imagens e outras decorações em profusão.

O colégio e a comunidade adjacente, que foram os maiores e mais bem dotados de recursos no Brasil, tendo permanecido inteiramente desocupados durante os últimos quarenta anos, foram recentemente convertidos num amplo hospital. A valiosa biblioteca perdeu-se quase totalmente para a humanidade, achando-se os livros e manuscritos amontoados num quarto abandonado, quase em estado de ruína. Não obstante o visível descaso pela ciência, êsses modernos godos desconheciam dos estrangeiros que se aproximam do local. Os mais valiosos manuscritos são os que contêm as descobertas, não-publicadas, feitas no interior da América pelos padres, que penetraram mais além, como ninguém, pelo interior adentro.

A igreja e o convento dos franciscanos são vastos edifícios. Êste tem dois pavimentos, e os aposentos dos frades abrem-se para espaçosos corredores, que dão frente para um

(109) A chamada Sé Velha, hoje destruída.

(110) É hoje a Catedral Basílica. V. *Prefeitura do Salvador. Pequeno guia das igrejas da Bahia*: 1 — *Catedral Basílica*, Salvador, 1949.

(*) Possuem grande mérito os dois óleos que representam Sto. Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier.

grande claustro quadrado, com uma fonte ao centro, e cujos lados são decorados com azulejos divididos em seções históricas, nos quais se mesclam, curiosamente, passagens da mitologia pagã e da história cristã¹¹¹.

Existe ao lado uma fundação à parte, para os terceiros franciscanos, pessoas que tendo vivido em pleno século, podem escolher, mais tarde, o retiro religioso¹¹². Esse edifício possui curiosa fachada de relêvo, distinguindo-se pelo seu bem arranjado cemitério, com suas filas de pequenos nichos em arco, de três filas de fundo, cada qual destinado a conter um esquite, fechando-se quando recebe um caixão. Os nichos são numerados e caiados, sendo suas arcadas ornadas de côres vivas. Entre as filas há uma larga aléia, pavimentada de mármore prêto e branco, e, na extremidade desta, uma figura vestida, representando a Religião. Tudo é conservado com absoluto asseio, sendo bem ventilado por janelas existentes junto ao telhado, abrindo-se para o jardim; um beiral saliente impede a entrada dos raios solares e lança uma luz solene sôbre essa lúgubre mas aprazível morada da morte¹¹³.

A igreja dos carmelitas é mais moderna e ornamentada de maneira mais elegante que a dos franciscanos, e o convento anexo é imensamente rico. Os edifícios pertencentes aos beneditinos são inferiores aos das demais ordens, já mencionadas, embora seus rendimentos sejam iguais aos das outras.

Entre as igrejas paroquiais, as da Conceição, Pilar e S. Pedro são as mais notáveis da cidade; e as de Santo Antônio e Vitória, próximas da barra, erguem-se em sítios eminentes que

(111) V. *Prefeitura do Salvador — Pequeno guia das igrejas da Bahia*: III. — Convento de S. Francisco, 2.^a ed., Salvador, 1952 V. ainda Fr. Pedro SINZIG: "Maravilhas da religião e da arte na igreja e no convento de S. Francisco da Bahia", *Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras.*, vol. 165 (1932).

(112) V. na mesma série, o n.º II — *Ordem 3.^a de S. Francisco*, Salvador, 1949.

(113) Como se vê o autor não compreendeu bem a função de uma ordem terceira. Quanto às catacumbas que êle visitou, foram construídas em 1787. Com a proibição dos sepultamentos nas igrejas, determinada pela lei provincial de 1850, foi transferido o cemitério da Ordem Terceira de São Francisco para uma área junto ao nôvo cemitério da cidade em 1856. Marieta ALVES, *História da venerável ordem terceira de São Francisco*, pp. 277 e 295.

constituem excelentes pontos de referència, vistas do mar. Além dessas, existem várias outras igrejas, bem como um sem-número de capelas, mosteiros e conventos, todos apresentando a mesma sobrecarga enfadonha de ornatos, mau gôsto e excesso de superstição.

As praças principais são a que fica imediatamente em frente do palácio e a dos jesuítas.

As ruas são apertadas, estreitas, miseravelmente pavimentadas, nunca estão limpas, apresentando-se sempre repugnantemente imundas. Os fundos de várias delas são depósitos de lixo* que, exposto a tão intenso calor, afetaria seriamente a saúde dos habitantes, se não fôsem os ares salubres, em consequência da situação elevada do lugar.

Na praça real está a casa (ou palácio) do governador, edifício velho e insignificante; em frente a ela acham-se a Casa da Moeda e as repartições públicas. No terceiro lado da praça fica o Tribunal da Relação¹¹⁴ e no restante a sede do Senado e a Cadeia, vasta construção cujo andar inferior é excepcionalmente forte e seguro, com duas séries de janelas, duas séries de barras redondas de pesado ferro, distanciadas dezoito polegadas uma da outra. Penetra-se nesses cárceres por uma sala gradeada, no andar superior, através de alçapões. No centro do primeiro pavimento existe um salão bem defendido, para o qual se abrem umas celas escuras (secretos) de aproximadamente seis pés quadrados, dotadas de fortes portas mas desprovidas de janelas, cada qual possuindo pesada corrente, ligada à parede por um anel. Essas celas destinam-se aos criminosos sujeitos à Inquisição ou que hajam cometido crime contra o Estado.

A prisão raramente contém menos de duzentas pessoas, a maior parte encarcerada por delitos contra a sociedade; os pri-

(*) Uma ruela, que desce do palácio até a cidade embaixo, é notada por todos os estrangeiros por causa do acúmulo excessivo de lixo nauseante. E fica diante da vista e do olfato imediato do governador, e para honra da policia e do asseio de Sua Excelência!

(114) A *Casa da Relação*, hoje desaparecida, ficava onde hoje se acha a plataforma do elevador. No local da Casa da Moeda ergue-se hoje a Biblioteca Pública. Brás do AMARAL, NOTAS a VILHENA, *Recopilação de notícias*, cit. 1, 116.

sioneiros restantes são escravos fugidos, ou vítimas do Estado, com freqüência nela jogados pelos mais insignificantes pretextos.

Um pequeno hospital fica ao lado da prisão; mas, devido ao calor, à situação confinada do edifício, à falta de livre circulação do ar e ao total desleixo em matéria de limpeza, dêle saem mais de cem enterros por ano. O fornecimento de água à prisão é feito por escravos detentos, que usam gargalheiras de ferro, por meio das quais uma corrente os prende uns aos outros. A água é transportada em pequenos barris, de um lugar a certa distância, sendo o único artigo fornecido na prisão. O sustento dos prisioneiros é feito às próprias custas, ou de uma sociedade religiosa, a Misericórdia [*Miserecordia*], que pede esmolas por todos os cantos da cidade e distribui, gratuitamente, cada dia, farinha, sopa e outras provisões aos presos mais miseráveis.

A Alfândega e os molhes ficam na praia, onde também está situado o estaleiro. Nas suas proximidades, erguem-se os armazéns da marinha mercante e seus escritórios, com a casa do intendente ou capitão do pôrto.

Alguns membros das classes elevadas, não em grande número, construíram grandes e elegantes mansões (principalmente nos arredores da cidade), mobiliando-as adequadamente. Há também habitações de gente rica, espaçosas e cômodas, porém desleixadamente mobiliadas. Vistas da rua, têm aparência triste e suja; e o que prometem do exterior, cumprem integralmente no interior. Efetivamente, nunca vi país cujos habitantes fôsem tão completamente descuidados como o Brasil, em matéria de asseio. As casas pertencentes aos comerciantes e donos de lojas são ainda mais repugnantes: possuem janelas de arriar, feitas de madeira, em vez de vidraças, desprovidas de qualquer pintura, que aliás lhes daria graça e conservação. A classe mais baixa, constituída de soldados, mulatos e negros, vive em choças cobertas de telhas e sem fôrro, dotadas de uma única janela de rótula. Esses tipos de construções diversas (com exceção de uma ou duas ruas), acham-se misturadas umas às outras por tôda a cidade, que exhibe aparência variegada e desagradável.

A cidade é protegida por um certo número de fortes e baterias; mas, com exceção de um, que possui dezoito canhões, o de São Filipe, e do Forte do Mar, são quase inúteis, por falta de munição. Como a defesa atual repousa inteiramente no último desses fortes, irei descrevê-lo minuciosamente, contentando-me em dar uma notícia superficial sobre os demais.

O Forte do Mar foi construído por volta de 1600, sobre um pequeno banco de rochas da parte interna da baía, a três quintos de milha da praia. Foi, a princípio, erguido em forma circular. Mas, quando os holandeses entraram na Bahia, em 1624, foram tão molestados por êle, durante a tentativa de se apoderarem do lugar, que as autoridades julgaram-no merecedor de fortificações adicionais, completando-o até tomar o aspecto que hoje tem, com uma torre elevada, a qual foi circundada por extensa bateria inferior. O diâmetro do conjunto é de uns duzentos e setenta pés, e o da bateria superior mede cerca de cem. A bateria inferior está montada com vinte e nove canhões, alguns dos quais de quarenta e duas polegadas, nenhum deles tendo menos de vinte e quatro. A bateria inferior contém somente dezesseis, consistindo em canhões de vinte e quatro ou de dezoito polegadas. A torre ergue-se à altura de uns vinte e cinco pés, do nível da bateria inferior. O forte não é um todo maciço, mas possui várias partes, que se irradiam do centro, sendo empregados como depósitos de pólvora, projéteis de artilharia, etc., servindo também de alojamento à tropa. A torre superior é pavimentada de lajes, cuidadosamente cimentadas, formando uma inclinação, de modo que água da chuva, coletada no centro, desce através de uma grade e cai num vasto reservatório, o que proporciona água suficiente para a guarnição, durante seis meses, sem qualquer outro suprimento.

A residência do comandante, bem como algumas salas para prisioneiros militares ou de Estado, ficam situadas na bateria superior, próxima à rampa da entrada do forte, que dá para o mar.

A guarnição completa é de quinhentos homens, mas poucos permanecem de serviço, como mencionei, a fim de evitar despesas. As embarcações geralmente ancoram entre o forte e

a cidade, onde ficam sob imediata proteção do mesmo, bem como do Forte de S. Filipe, na praia fronteiria¹¹⁵.

No extremo da península, quase em frente à barra, acha-se o pequeno e velho forte e farol de Santo Antônio da Barra. Quando se viaja rumo a essa barra, uma pequena angra forma certa reentrância, dotada de uma praia, sendo flanqueada, de um lado, pelo insignificante Forte de Santa Maria e, do outro, pelo de S. Diogo, que é uma bateria circular.

Nos confins da cidade, em direção ao mar, e ao nível da água, situa-se uma bateria em sofríveis condições, de dezoito canhões, quase todos. Mais adiante, o estaleiro é defendido pelo baluarte superior da bateria do Forte de S. Filipe, que tem cêrca de trinta canhões, de vários calibres. Existem mais três baterias insignificantes na parte não habitada da praia e uma pequena, na Ponta de Monte Serrate.

A cidade é defendida por três fortes, do lado da terra, nas passagens do sul e do norte, paralelas à praia, ao sul, pela vasta fortificação e obras externas do Forte de S. Pedro, as mais completas do conjunto. Acham-se, porém, atualmente quase desmanteladas.

A passagem do norte é um vale inteiramente dominado pelo Forte de Barbalho (já descrito), de um lado, e pelo de Santo Antônio do Carmo, na elevação fronteiria, mais próxima da baía. Este último é quadrangular e possui alguns canhões, que ficam sôbre uma esplanada.

Um amigo meu, muito bem informado sôbre a matéria, assegurou-me que, no último relatório do Govêrno, noventa e nove canhões verdadeiramente prestáveis eram tudo quanto somavam os vários fortes e baterias*.

As tropas da cidade são de infantaria, elevando-se a uns cinco mil homens. Compreendem um regimento de artilharia, três de linhas, três de milicianos e um de mulatos e ne-

(115) Sôbre o Forte do Mar, v. J. da Silva CAMPOS, *Fortificações da Baía*, Public. do SPIAN, Rio de Janeiro, 1940, p. 15.

(*) Alguns dias antes de minha partida da Bahia, foi realizada uma inspeção nos fortes, sendo provável que o número de canhões aumentará, pois existem algumas peças novas nos depósitos da marinha e da artilharia. N. A.

gros livres, tudo sob o comando de um marechal-de-campo, sob as ordens do governador.

O sôldo é miserável, mas as tropas são bem armadas, e equipadas com mosquetes inglêses, fornecidos pela metrópole.

O estaleiro admite apenas um navio de linha de cada vez. Os trabalhos de construção naval estão sempre em andamento, mas tão lentamente que não há possibilidade de um rápido ou considerável aumento da marinha mercante. Um navio de sessenta e quatro toneladas, o *Príncipe do Brasil*, foi lançado ao mar enquanto estive na Bahia, parecendo um belo barco, bem construído e rijo de fato. Levou quatro anos para ficar pronto. Em Itapagipe, perto da cidade, existem vários estaleiros particulares, nos quais são construídos, com maior presteza*, navios mercantes bem proporcionados e de todos os tamanhos.

O número de habitantes da cidade e seus subúrbios é calculado em mais de cem mil, dos quais trinta mil são brancos, trinta mil mulatos e os restantes, negros.

O Governo da Bahia, que é absoluto, é exercido por um governador-geral, que dirige, temporariamente, todos os tribunais e repartições. Seus ajudantes-de-campo fazem parte de um gabinete revezando-se no palácio e permanecendo dia e noite de serviço, a fim de auxiliar o governador no despacho de seus papéis tendo êle, ainda, o auxílio da Secretaria. A marinha mercante está sob as ordens imediatas de um intendente, nomeado em Lisboa.

O Senado [Câmara Municipal] compõe-se de quatro membros e um presidente, cabendo-lhe administrar as obras públicas da cidade, aferir os pesos e medidas, planejar os melhoramentos públicos, etc.

O Tribunal superior de justiça é o da Relação, composto do governador, seu presidente perpétuo, do chanceler, substituto do primeiro, do ouvidor do crime, e de nove desem-

(*) A madeira dêste país se adapta, de modo especial, à construção de navios, dadas suas qualidades de rizeza e durabilidade, não sendo afetada pelos "bichos", a exemplo do pau-teca. Apresenta, porém, um defeito a que está imune o pau-teca, ou seja, deteriora o ferro.

bargadores subordinados, de diversas denominações*. Não há apelação das sentenças pronunciadas por êsse tribunal, exceto para Lisboa.

Existe também um tribunal de instância inferior, que decide as questões de pouca relevância, sob a presidência de um juiz do crime. Nesse caso, existe apelação de suas decisões para o governador, que pode confirmar ou reformar as sentenças proferidas, ou ainda, determinar que o caso seja decidido pela Relação.

Aqui a Inquisição nunca foi tão severa como na metrópole, devido à obrigação que lhe é imposta, de remeter todos os casos graves à decisão do Tribunal Superior de Lisboa.

Esses tribunais não têm períodos determinados de funcionamento, dependendo da urgência dos casos *sub judice* ou de ordens do governador, salvo quanto a alguns membros da Relação, que se reúnem três vêzes por semana, para despachos comuns.

Os crimes são geralmente punidos com a prisão, mas os crimes atrozes de assassínio e traição são passíveis de pena de morte, a menos que as partes sejam opulentas. Nesse caso, escapam, muitas vêzes, graças às sutilezas da lei, por meio de apelações ou do perdão. As execuções raramente passam de dez por ano; mas um grande número de criminosos é anualmente degredado para Angola e outras colônias portuguesas da África. É proibida a pena de tortura, substituída pelos secretos.

As leis referentes aos devedores são extremamente brandas. Uma ordenação recente proíbe a prisão por dívidas, a menos que se trate de trapaça ou transação fraudulenta, que é punida com prisão até que seja feita a restituição do produto da fraude ou haja desistência da parte ofendida. Se um indivíduo se encontrar em situação de não poder satisfazer aos credores, entrega-lhe todos os seus bens, que são divididos,

(*) Os juizes secretários, etc., até os mais ínfimos servidores da Justiça, distinguem-se pelo símbolo honorífico: uma vara traçada, de cerca de 15 polegadas de diâmetro, pendente da face externa de seu bôlso esquerdo, bem como por uma pequena espada. Nunca aparecem em público sem ambos.

ficando êle em liberdade. Mas se deixa de assim proceder e se recusa a pagar o que deve, os credores se apossam de tudo quanto êle possuir, mediante ordem de apreensão, exceto as roupas pessoais, e reivindicam quaisquer bens que êle possa adquirir posteriormente, até liquidar-se a dívida.

O papa Inocência XI elevou a Bahia à categoria de Sé Metropolitana. Dispõe o arcebispo de um cabido e de um tribunal [Relação Eclesiástica], sob suas ordens immediatas, e, por intermédio desses órgãos, governa todo o clero secular, e, até mesmo, as ordens monásticas, que lhe são subordinadas sob determinados aspectos. Muitos dos membros do clero brasileiro levam uma existência muito livre, não excetuados os que moram em conventos. E seus votos de pobreza e abstinência são esquecidos, em meio às fragilidades humanas. Durante uma viagem que fiz, testemunhei essa verdade num mosteiro de padres autorizados a pedir esmolas para a Santa Igreja de Jerusalém¹¹⁶. Sua investidura compete ao papa. Devido, porém, às recentes perturbações ocorridas na Itália, faz algum tempo que não há nomeações nem qualquer missão. Assim, pois, a comunidade reduziu-se a três ou quatro membros, os quais, imensamente ricos, moram no primitivo mosteiro, encantadoramente situado no alto de uma colina, próximo à baía. Um dia, em companhia de outros visitantes, tomei parte num jantar nesse mosteiro. O reverendíssimo superior era sem dúvida um frade *alegre*, e seus irmãos não lhe desmentiam o piedoso exemplo, de maneira alguma. O jantar foi excelente, bebendo-se vinhos franceses da mais fina qualidade, além de cerveja de Londres, clara, e outra, do tipo *porter**. A refeição prolongou-se até mais não poder; então, o grupo fez uma interrupção, indo para um terraço fresco, formando-se parcerias para o jogo de cartas, todos se entregando, ainda, e copiosamente, à bebida. Retirei-me antes de acabar-se a festa, mas fui informado, pela pessoa que me apresentara a êles, que os

(116) Hospício de residência do vice-comissário da Santa Casa de Jerusalém, com donatos e leigos para recolherem esmolas.

(*) Artigos do maior luxo, dada sua extrema raridade aqui, pois são de importação estritamente proibida. Apesar disso, o superior do mosteiro os solicita de cada navio estrangeiro, através de intermediários, conseguindo contrabandear-los.

tais frades de Jerusalém não se limitavam, absolutamente, aos prazeres da mesa.

A receita do Governò provém em parte dos elevados direitos cobrados sôbre tôdas as mercadorias, quer para a importação, quer para a exportação. Os direitos de importação elevam-se a trinta por cento; os de exportação também são pesados, principalmente os que incidem sôbre o fumo, na realidade um monopólio real. Mas a principal fonte de receita governamental é a produção das minas de ouro e de diamantes, e a que provém do pau-brasil, que passam exclusivamente por suas mãos, sendo espantosamente elevadas. Esse assunto, porém, é tão cuidadosamente pôsto à margem de quaisquer indagações, que se torna impossível calcular o montante do lucro obtido, ou fazer uma estimativa do valor que representa para a Coroa esta opulenta colônia*.

Mantém a Bahia um comércio assaz considerável, devido às suas superiores vantagens locais, não à operosidade de seus habitantes. As principais trocas são efetuadas diretamente com Lisboa e o Pôrto, nas quais uns vinte navios de grande porte são empregados, realizando êles suas viagens com bastante rapidez. Esses navios abastecem a colônia de manufaturas europeias e indianas, bem como de vinhos, farinha, bacalhau, manteiga, queijo holandês, e outras mercadorias. Em troca, recebem algodão, açúcar, aguardente, café, fumo, pau-santo, mogno, pau-cetim, *tulip-woods*, várias resinas, bálsamos e raízes medicinais, o que deixa considerável margem de lucro em favor de Lisboa. Os baianos têm permissão de importar seus próprios escravos e de trazer, nos mesmos navios, diversos artigos africanos, tais como cêra e ouro em pó, que obtêm em troca de estampados grosseiros de algodão**, aguardente*** e fumo. O preço de um escravo, no Brasil, é de aproximadamente trinta libras esterlinas.

(*) Os inúmeros impostos lançados entre nós são desconhecidos pelos habitantes do Brasil, exceto que a Igreja exerce severa pilhagem entre os seus membros, sob diversos pretextos, e quase tôdas as modalidades.

(**) Manufaturados principalmente em Lisboa.

(***) Bebida espirituosa, produto da destilação da cana-de-açúcar e do melado, mas de sabor diferente do que tem o rum.

O comércio interno dos baianos com as regiões afastadas da colônia é igualmente considerável e extenso: com o sul, de modo especial, sendo muito lucrativo o do Rio Grande, dada a maneira indolente e irregular na qual é conduzido. Uns quarenta navios, de duzentas e cinquenta toneladas cada um, acham-se nêle empenhados; raramente completam suas viagens em dois anos, embora a distância seja apenas de vinte graus ao sul. Transportam quantidades insignificantes de aguardente, açúcar, louças e artigos europeus (principalmente inglêses e alemães), que trocam, em sua maior parte, excetuado o sal, num comércio de contrabando com os espanhóis de Maldonado e Montevidéu, recebendo em prata. Durante êsse tráfico, ocupa-se a tripulação em carregar o navio com carne-sêca e couros, produtos do bom gado existente nas savanas vizinhas do Paraguai. Depois de abatidas as reses, sua carne é cortada em pedaços finos, de uns dois pés de comprimento, salgada, secada ao sol e defumada, sendo os couros curtidos ao mesmo tempo.

Quando os navios chegam à Bahia, vendem a carne a bordo, no varejo, a dois vinténs a libra. Ela é comprada principalmente pelas classes inferiores da população, sendo também utilizada para consumo dos escravos e dos navios. Dispondo, assim, de sua carga, ao invés de desembarcá-la, fica um navio retido no pôrto cinco meses, às vêzes mais tempo. Assim que, três viagens poderiam ser feitas no prazo de uma, considerado o tempo perdido no Rio Grande.

O comércio realizado nas imediações da Bahia, grande parte do qual com o interior, é realmente espantoso. Oitocentas lanchas e sumacas de vários tamanhos, trazem diariamente sua contribuição para o comércio com a capital: fumo, algodão, drogas diversas, de Cachocira; o maior sortimento de louça comum, de Jaguaripe; aguardente e óleo de baleia, de Itaparica; farinha e peixe salgado, de Pôrto Seguro; algodão e milho, dos rios Real e São Francisco; açúcar, lenha e legumes, de todos os lugares. Uma riqueza, em grau desconhecido na Europa, é assim posta em circulação. E seria consideravelmente aumentada se, até mesmo com a negligente nação que hoje o explora, o país tivesse permissão para exercer

livremente suas atividades; mas o comércio é servilmente agri-
lhoado pelos mais rígidos regulamentos. A Bahia, como Per-
nambuco, tem mercado para o algodão; na importação desse
artigo, por meio de lanchas e barcaças, a carga é desembar-
cada num armazém destinado a esse fim, onde o algodão é
pesado, classificado e enfardado. A qualidade do artigo é de
primeira, segunda ou inferior, sendo marcada nos fardos;
acha-se, então, em condições de ser exportado. Permanece nes-
se armazém geral até ser vendido pelos seus donos, a preço
comumente fixado pelos classificadores. A aguardente encon-
tra-se em mãos de uma companhia monopolizadora, à qual é
paga uma taxa por todo e qualquer barril que não passa pelos
seus armazéns, acrescida ao preço de venda da companhia. O
fumo, o pau-brasil, os metais nobres e os minerais preciosos
são vendidos exclusivamente pelo Governo. Qualquer espécie
de comércio é expressamente proibida aos estrangeiros, que
não estão autorizados a embarcar produtos da colônia nem
mesmo em navios portugueses. Numa palavra: são tantas as
proibições e tantos os monopólios, que as operações mercan-
tis ficam limitadas, a indústria se debilita, e o contrabando é
estimulado, pois os homens de todos os países são demasiado
solicitos no empenho em fazer o que é proibido, sem perce-
ber os riscos, no propósito illusório de obter lucros superiores.

Empreguei os maiores esforços no sentido de conseguir,
junto à Alfândega, relatórios sobre a importação e exportação,
mas não logrei êxito em minhas tentativas. Na verdade, tenho
razões para pensar que as autoridades não estão plenamente
informadas a respeito do seu montante. E se eu tivesse logra-
do obter o que procurei, provávelmente pouco poderia ter
confiado nas cifras, porque as faturas falsas e outras formas
de evasão constituem prática constante*.

O escambo é o modo de realizar-se o comércio, não obs-
tante a abundância de moeda em circulação. Uns concedem

(*) Quantidade assaz considerável de mercadorias inglêsas era cons-
tantemente contrabandeada pelos comerciantes de Lisboa, que costumava-
vam embarcá-la na foz do Tejo. Essa prática foi quase aniquilada, em
consequência de uma recente ordenação, a qual infligia pesada multa
a ser paga pelo capitão, bem como o degrêdo do mesmo para Angola,
por três anos. N. A.

crédito aos outros, em larga medida. Em seus negócios, prevalece a astúcia mesquinha e velhaca, principalmente quando efetuadas as transações com estrangeiros, aos quais pedem o dôbro do preço que acabarão aceitando por sua mercadoria, ao passo que procuram desvalorizar o que terão de obter em troca, utilizando-se de todos os artifícios ao seu alcance. Numa palavra: salvo algumas exceções, são as pessoas inteiramente destituídas do sentimento de honra, não possuindo aquêle senso geral de retidão que deve presidir a tôda e qualquer transação entre os homens.

A cidade dispõe de grande número de artífices, entre os quais lapidários, joalheiros e ourives, excelentes em sua arte, mas deficientes em matéria de atualidade e gosto. Há também alguns bons alfaiates, sapateiros e curtidores. Estes últimos preparam o couro em quantidade suficiente para a exportação desse artigo, destinado à costa, de modo geral. Foi iniciada uma fundição de bronze para canhões, mas dela não restam vestígios. As fábricas são expressamente proibidas, excepto as de couro e de determinadas bugigangas. Um tecelão que há pouco tentou estabelecer uma de tecidos de algodão, nas vizinhanças da Baía, foi mandado para a Europa, sendo destruída sua maquinaria.

A província comprehende cinqüenta léguas de costa, a mor parte nos arredores da baía de Todos os Santos, além de uma pequena faixa, ao norte. Embora seja uma das menores subdivisões do Brasil, é a mais fértil, populosa e luxuriante, produzindo incalculáveis riquezas.

A principal cidade é Cachocira, a quatorze léguas da Baía, dispondo da mais encantadora situação nas margens de um pequeno rio, sendo mercado para as minas de ouro e as produções da região em derredor. Um seminário denominado Belém foi fundado pelos jesuítas, perto dessa cidade, destinado à instrução dos jovens, filhos de colonos e de índios, e baseado nos princípios mais liberais; entrou em decadência, porém, com a extinção da Ordem.

Jaguaripe, Santo Amaro [*Amoro*], Jacobina, Sítio [*Do Sítio*] e São Francisco, tôdas na província, são cidades operosas. A ela também pertencem as ilhas de Itaparica e de São Paulo.

A região é geralmente cultivada até uma extensão considerável pela terra adentro, sendo dividida em grandes fazendas, muitas com duzentos ou trezentos escravos, e um número proporcional de cavalos, que fazem andar os engenhos, excepto aquêles situados em lugares onde a água é utilizada nas moendas de cana, em cujos maquinismos foram recentemente introduzidos consideráveis aperfeiçoamentos, graças à assistência de um imigrante francês.

Os ricos proprietários dessas fazendas possuem mansões muito lindas (com capelas adjacentes), onde geralmente moram, salvo durante as chuvas de inverno, quando se mudam para suas casas na cidade. Por causa dêsse intercâmbio, suas maneiras muito se assemelham às dos cidadãos, constituindo, todos, um mesmo tipo.

É curioso como tanto no interior como na capital, não se dá atenção à carne. A carne de carneiro, cordeiro e vitela é praticamente desconhecida, não se encontrando nunca no mercado. A carne de vaca, nos dias em que existe, apresenta o mesmo e invariável aspecto: é extremamente magra, mole e sem gosto; e as rasas são abatidas de modo tão sórdido, que a simples inspeção da carne condenaria o seu uso, se a necessidade e o hábito não atenuassem essa desagradável inconveniência. Isto se deve unicamente à falta de estímulo e iniciativa, que infelicitava esta colônia sob tantos aspectos, ao lado de uma comprovada avareza, que nunca se dispõe a pagar além do preço usual pelo artigo em questão¹¹⁷, e assim encorajar a engorda do gado, o qual, em clima tão quente, requer grandes cuidados, capazes de compensar a imensa transpiração e perda de substância, fato experimentado aqui por todos os animais de criação.

A Bahia está miseravelmente desprovida de acomodações para os estrangeiros, e não se conhece uma única hospedaria. Quem quiser residir temporariamente na praia, não terá outra alternativa salvo a de alugar uma casa, toda ela ou em par-

(117) As negociatas com a carne, feitas pelos poderosos, com o conluio das autoridades, estão minuciosamente descritas por VILHENA em suas célebres cartas. V. VILHENA, *Recopilação de notícias*, cit. 1, pp. 821 e segs.

te, e mobiliá-la, o que se consegue com facilidade, sendo amplamente suficientes algumas cadeiras, arcas e uma mesa, tudo de boa qualidade. As casas de pasto distinguem-se por uma bandeira tricolor, no alto das portas; mas são de uma tão inconcebível sujeira, e a cozinha é tão horrorosa que uma cela de St. Giles¹¹⁸ é muito preferível. São inúmeros os cafés. Existem em tôdas as ruas, desde que se possa conferir a dignidade dêsse nome a uma casa suja, em cuja parte da frente se alinham algumas mesas e bancos, havendo, nos fundos, uma espécie de bar. E nelas se distribui um líquido nojento, denominado café, que se torna ainda mais repelente à vista pelo fato de ser servido em copos. Tôdas as manhãs, êsses lugares ficam apinhados de gente de tôdas as classes, pessoas respeitáveis e o vulgo, que conseguem fazer uma primeira refeição por quatro vinténs: consiste num copo de café e um pãozinho com manteiga irlandesa, rançosa, refugo do mercado de Lisboa.

Quer a cidade, quer o campo, vivem infestados de mendigos, num quadro de miséria real ou fingida que se oferece a cada instante. A razão provável de tal coisa é a falta de instituições de caridade para socorro dos pobres, velhos e desgraçados, de par com a debilidade da polícia, que pouco se importa com a ociosidade e as falcatruas dos vagabundos, aqui extremamente audaciosos, a intrometerem-se por tôda parte. Os mosteiros e conventos distribuem, de quando em vez, esmolas em dinheiro ou em víveres, como também o fazem certas pessoas ricas, ao se restabelecerem de alguma doença ou noutras ocasiões. Testemunhei várias reuniões dêsses mendigos a receberem auxílio, e raramente o seu número era inferior a cêrca de quinhentos miseráveis¹¹⁹.

(118) Célebre prisão de Londres.

(119) O número avultado de mendigos na cidade é explicado por VILHENA da seguinte maneira: Há mendigos das três qualidades, brancos, mulatos e prêtos: os brancos, se são homens, provêm ordinariamente de marujos que ficam doentes no Hospital, onde encontrando muito pouca caridade, em podendo levantar a cabeça, saem a convalescer na rua, e como lhes falta com que tratar-se, vão pedir pelos fiéis; e porque o ofício é o menos laborioso e igualmente rendoso ao de marinheiro, de tal forma o abraçam, que raro é o que o torna a largar, tendo a sua ordinária assistência moradia nas tabernas, onde morrem a maior parte dêles, ou pouco distantes das portas das mesmas, assados

Os escravos do Brasil provêm principalmente das colônias portuguesas de Angola e Benguela. São negros robustos, dóceis ao extremo, muito ativos e vivos, particularmente os bengueleses. Essas boas qualidades, porém, são estragadas pelos hábitos de familiaridade e preguiça que adquirem depois de sua chegada.

O último rei de Portugal baixou um edito pelo qual os escravos só permaneceriam no cativeiro pelo prazo de dez anos, devendo, imediatamente após chegarem ao Brasil, ser instruídos na fé católica. A primeira parte dessa lei encontrou oposição da parte dos fazendeiros, que ousaram censurá-la e requereram fôsse revogada. Não receberam qualquer resposta. Apesar disso, continuaram a desrespeitá-la, e o governo faz vista grossa a isso. A outra imposição do edito era quase desnecessária, pois lá muito que é costume batizar os escravos, sendo essa praxe ainda universalmente seguida.

Tal participação nas práticas religiosas do país, e a inconsiderada familiaridade que se pernuite aos escravos, torna-os atrevidos e licenciosos no mais alto grau. Os negros sentem

de aguardentes e cachaça, porque vinho raras vêzes o provam, pela razão do seu maior preço. As mulheres brancas provêm daquelas que já não podem procurar sua vida, segundo a frase vulgar: e isto pela violência e assiduidade com que a procuram enquanto puderem, ficando o Estado pagando as suas desordens. Os mulatos e prêtos são de ordinário cegos, aleijados, velhos e estropeados; a maior parte destes provêm da mal entendida caridade de uns e da escandalosa desumanidade de outros; chamo mal entendida a daqueles senhores e senhoras que deixam por sua morte forros escravos e escravas sem ofício, sem legado e sem arrimo. Se êstes são velhos, pouco ou nada podem e querem trabalhar para adquirirem o sustento, motivo por que se metem logo a pedintes sendo por isso pesados ao Estado. Se são moços querem mostrar aos que são cativos a diferença que vai da liberdade ao cativeiro, o que lhes fazem ver entregando-se aos vícios que a ociosidade lhes sugere e como lhes falta quem os corrija e admoeste, vêm de comum a morrer bêbados, ou nas enxovias, e quando têm fortuna vão muitos dêtes passar o resto de sua vida nas galés; se são fêmeas ficam tolhidas, entrevadadas e comidas de miséria, pedindo uns e outros pelas portas para poderem alimentar-se; o que não sucedera se ficassem sujeitos a quem os não devia deixar entregues à torrente dos vícios em que se engolfam; a quem os sustentasse, os curasse nas enfermidades, os livrasse de crimes, etc." VILHENA, *Recopilação de notícias*, cit., I, p. 134.

que sua importância aumenta por causa do grande número dos que são alforriados, seja pela prestação de serviços, seja por favor ou compra, os quais, naturalmente, passam a *senhores*, assumindo, freqüentemente, os modos de seus antigos donos, agindo, em tôda a plenitude, com igual desenvoltura.

Os homens daqui vestem-se geralmente como em Lisboa, acompanhando o figurino inglês, exceto quando fazem visitas ou saem nos feriados, ocasiões em que exibem excesso de bordados, lantejoulas nos colêtes, e rendas nas roupas de baixo. A espada, que usam bem de lado (salvo em serviço), e as cartolas, estão passando de moda. As fivelas para os sapatos e calções, de ouro maciço e feitas aqui, são muito comuns. Têm os homens grande atração por tôda sorte de adereços. Quando voltam para casa, essas roupas de gala são imediatamente despidas, e alguns envergam um jibão ou jaqueta fina, ao passo que outros ficam em ceroulas e canisa.

O vestuário comum das senhoras é uma saia, que usam sôbre uma canisa. Esta é feita de musselina mais fina, sendo geralmente muito trabalhada e enfeitada. É tão larga no busto que resvala pelos ombros, ao menor movimento, deixando o busto inteiramente à mostra. Além disso, é tão transparente que se vê tôda a pele. Essa violação da delicadeza feminina parece ainda mais desagradável porque a côr da epiderme das brasileiras é geralmente muito desgraciosa, aproximando-se do pardo escuro. Raramente usam meias; e durante a estação chuvosa, que é fria para elas, andam de um lado para outro metidas num par de chinelos, agasalhando-se com um chale grosso de algodão azul e branco, ou um casacão de lã debruado de pelúcia, semelhante aos usados pelos alemães. Quando vão à Missa, uma negra mantilha de sêda, usada sôbre a cabeça, oculta a roupa transparente que fica por baixo. Deixam o cabelo crescer muito, trançando-o e prendendo-o num coque, estando sempre cheio de pomada em profusão e de pó de tapioca. Em certas solenidades públicas, ou durante visitas de cerimônia, algumas senhoras de categoria usam roupas européias.

É comum a ambos os sexos o costume singular de deixar crescer a unha do polegar ou do indicador (às vêzes de

ambos) até chegar a um comprimento horrível, afiando-a, então, para que fique ponteguda. Essa excrescência, porém, não deixa de ter sua utilidade, pois serve aos homens para separarem as fibras da folha de tabaco, cortá-las no tamanho devido, e enrolá-las para fazer charutos, sendo eles muito apreciadores do seu fumo. Suas violas e violões são também dedilhados com essa unha, e os florícios aumentam, na concepção deles, a beleza do instrumento. Finalmente, tais unhas sagradas são consideradas como sinal de que os que as possuem caracterizam-se por uma natural indolência, o que não é recomendação banal neste país.

As carruagens da Bahia consistem simplesmente em alguns cabriolés. As diferenças de nível existentes na cidade tornam inconveniente esse meio de transporte, sendo ele menos comum do que no Rio de Janeiro. Mas as cadeirinhas são proporcionalmente abundantes, podendo ser conseguidas em tôdas as ruas. Não são como as nossas, porém muito mais altas e abertas dos lados, de cima abaixo, de tal maneira que uma pessoa senta-se logo que entra numa delas. São carregadas aos ombros por dois negros robustos, mediante varais de madeira que se projetam da parte superior da cadeirinha, na parte dianteira e na retaguarda. Profusamente ornamentadas na coberta, com lavôres e dourados, têm pesadas cortinas de sêda ou estofado, estampado com vários padrões de folheado a ouro e prata.

A riqueza dessas cadeirinhas e a vistosa libré dos seus carregadores são pontos nos quais a nobreza brasileira se esforça por brilhar, chegando por vêzes, no assunto, ao mais extremo ridículo. Certa ocasião, observei no Rio uma cadeirinha totalmente adornada de cupidos e outros lavôres simbólicos, transportada por dois prêtos vigorosos, que vestiam jaquetas de sêda azul-claro, calções curtos e um saiote por cima (semelhante ao dos aguadeiros), o conjunto fortemente colorido de rosa avermelhado¹²⁰. Essas vestes flamejantes constituíam um contraste tão estranho com suas *delicadas* epidermes, pois estavam sem meias nem sapatos, que aquilo parecia, em conjunto, o mais completo cômico em marcha, que se pudesse imaginar.

(120) Única referência ao Rio de Janeiro. Não era, pois, esta a primeira vez que Lindley vinha ao Brasil.

Parece aos estrangeiros curiosa a restrição a que estão sujeitas as mulheres deste país, por não poderem passear pelas ruas sem estar hermêticamente fechadas numa cadeirinha, ou segregadas em cabriolé; mas, tal é a força do costume que nenhuma delas jamais é vista com liberdade, exceto no recesso de suas casas.

Possui a Bahia um teatro cômico português, sob a direção de um italiano. Entre nós, a casa de espetáculos seria denominada um celciro; e suas vias de acesso são tão sujas que tornam muito desagradável ir ali. Os atôres, as peças e os cenários são igualmente mesquinhos. A música é o melhor de tudo, sendo o único aspecto tolerável da representação¹²¹.

As principais diversões dos moradores da cidade são as festas dos vários santos, os votos das freiras, os suntuosos funerais, a Semana Santa, etc., celebrada com grandes cerimônias, concertos e freqüentes procissões. É difícil haver um dia em que não ocorra algum desses festejos. Assim, apresenta-se uma sucessão contínua de oportunidades para que as pessoas reúnam a devoção ao prazer, o que é ansiosamente aproveitado, particularmente pelas damas.

Nessas grandes ocasiões, depois de regressarem da igreja, visitam as senhoras umas às outras, e fazem as refeições mais fartas do que de costume, sob a denominação de banquetes*. Durante e após o repasto, bebem excepcional quantidade de vinho; e quando tudo se eleva a um "tom" fora do comum, entram em cena o violão ou o violino, e começa a cantoria, que logo cede o passo à atraente dança dos negros. Emprego esse termo como o que mais se coaduna ao divertimento em questão, misto de dança da África e fandango da Espanha e Portugal. Consiste em bailarem os pares ao dedilhar insípido

(121) Refere-se certamente à Casa da Ópera, instalada num sobrado, pertencente depois à Santa Casa de Misericórdia, à rua do Saldanha n.º 36. "Por muito tempo o trecho dessa via pública onde ficava o teatro se chamou rua da Ópera Velha". Sílio BOCCANERA JÚNIOR, "O Teatro na Bahia", *Diário Oficial*, número especial do Centenário, Salvador, 1922, p. 65.

(*) Alguns membros das classes superiores dão festas elegantes, concertos em família, bailes e reuniões para jogo de cartas.

do instrumento, sempre no mesmo ritmo, quase sem moverem as pernas, mas com toda a ondulação licenciosa dos corpos, juntando-se uma pessoa à outra, durante a dança, em contacto de modo estranhamente imodesto. Os espectadores colaboram com a música, num côro improvisado, e batem palmas, apreciando o espetáculo com indescrevível entusiasmo. As orgias das bailarinas da Índia jamais igualaram o espalhafato desse divertimento. O minueto e as danças populares são conhecidos e praticados nos círculos mais elevados; mas esta é a dança nacional; todas as classes, quando põem de lado o formalismo, a reserva e, posso acrescentar, a decência, entregam-se ao interesse e ao enlêvo que ela excita. É difícil conceber os efeitos de uma cena de tal natureza sobre um estrangeiro; e ainda que possa intencionalmente ser inofensiva, como divertimento, é certo que derruba as barreiras do decòro e, sem dúvida, abre o caminho para a depravação e o vício.

Esses divertimentos, ao lado de piqueniques e de alguns prazeres de somenos importância, somados à enervante ociosidade em que vivem mergulhados os brasileiros, constituem toda a sua felicidade, a qual é muito incompleta e insatisfatória, porquanto está sujeita aos efeitos daquelas paixões funestas, como a avareza, a vingança e a crueldade. As duas últimas, porém, têm diminuído da Bahia para o sul: é raro haver um assassinato e nunca êle ocorre sem a maior provocação. A faca, oculta, acha-se na bainha, embora ainda seja usada, e os crimes de morte são pouco mais comuns do que entre nós.

É verdade, sem dúvida, que nem sempre foi assim, sendo difícil dizer a que se deve tal mudança nos hábitos nacionais deste povo. Seus vizinhos do norte, especialmente de Pernambuco, desprezam essa pusilanimidade (pois *êles* conservam os *gentis* atributos e o vitupério de seus antepassados, sem degeneração), attribuindo à covardia seu decréscimo. Mas, certamente, êle se origina antes da melhor civilização desta parte do Brasil, que modera as paixões de seus habitantes, impedindo que se entreguem aos antigos ímpetos irrefreados. A fraude, o orgulho e a inveja ainda predominam entre êles; e enquanto a massa do povo continuar tão ignorante, seb a disciplina de uma Igreja e de um govêrno que carecem de solicitude em

esclarecê-la e reformá-la, essas características deverão perdurar, levando muito tempo até que sejam erradicadas.

No trato com os estrangeiros, percebe-se muito menos *hautueur* na Bahia do que em qualquer outra parte da costa; e os baianos ficariam indubitavelmente felizes se pudessem conseguir as vantagens que lhes proporcionaria um comércio livre e irrestrito. Em segredo exprimem tais sentimentos. Mas o governo português parece atualmente esposar opinião bem diversa, particularmente quanto à nação britânica, a respeito da qual adotou um novo sistema em suas colônias, no intuito de importunar e irritar o comércio inglês. Há muito tempo que isso se percebe, através de severos regulamentos aduaneiros, dos estudados obstáculos e insultos aos navios a que permitem refresco em seus portos, e o recente e injustificado apresamento e detenção de vários barcos no litoral.

Essa última injustiça chegará a tal ponto que obrigará um dia nossa Corte a uma interferência enérgica, não só para obter reparação pelo que foi feito no passado, como também no intuito de impedir eficazmente a repetição de tal comportamento no futuro, pois não se pode admitir que o nosso intercâmbio político com Portugal, embora vinculado a um interesse geral e a uma balança comercial a nosso favor, desculpe insultos privados e distantes ao pavilhão inglês. Na realidade, tais injúrias são os indícios de um espírito independente, desejoso de alijar a confiança e proteção que os portugueses há tanto tempo obtêm na Inglaterra, impedindo-nos de qualquer participação maior em seu comércio.

O marquês de Pombal, tendo isso em vista, instituiu manufaturas em Portugal, destinadas ao suprimento das colônias, que se acham hoje em dia quase plenamente desenvolvidas. E com os cuidados às mesmas dispensados, irão finalmente superar a necessidade de importações de qualquer outro país. Também por esse mesmo motivo é que foi baixado rigoroso edito, proibindo tôdas as exportações de produtos coloniais, até mesmo em navios portugueses, exceto para Lisboa, Porto e colônias da África.

Nenhuma censura pode ser feita a esses esforços patrióticos para melhorar o país e o seu comércio; mas deve ser condenado

o rancor prematuramente manifestado contra a potência através de cujo auxílio os portuguezes tornaram-se capazes de ajudarem a si próprios. Portugal deve agradecer unicamente à Inglaterra o fato de existir como Estado independente, e o de seu território e suas possessões coloniais não terem sido há muito tempo divididas entre as nações mais poderosas da Europa. O extremo rigor com respeito aos estrangeiros aliena a afeição dos colonos, muitos dos quais *começam a ver* que seus interesses não são tomados em consideração, com tal severidade; mas, ao contrário, o fruto de seus esforços e as riquezas de seu país são devorados para sustentar e engrandecer um govêrno ingrato, que não revela a menor solicitude e o mínimo cuidado pelo seu bem-estar. Talvez, transcorrido apenas curto lapso de tempo, êsses sentimentos alcancem uma fôrça tão universal que se romperão os laços que unem os colonos a Portugal, dando origem a outra mudança política nessa tão vasta parcela do hemisfério ocidental.

APÊNDICE

Os navios britânicos com destino às Índias Ocidentais, China, Nova Gales do Sul ou às zonas meridionais de pesca, devido à extrema duração de suas viagens, vêem-se geralmente diante da necessidade de tocar em algum pôrto intermediário para se reabastecerem de água e de provisões frescas, bem como reparar pequenas avarias que possam ter ocorrido durante a primeira parte das viagens.

A costa do Brasil e a do Cabo da Boa Esperança são os lugares mais convenientes para êsse fim, conforme se verificou, sendo, em tempo de guerra, geralmente preferido o primeiro. Os portos habitualmente utilizados são os de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, particularmente êste último, onde as provisões são melhores, sem dúvida, e vendidas a preços mais razoáveis.

Dado o grande afluxo de navios ao Rio, os portugêses acostumaram-se com os estrangeiros, tendo-se portado, pelo menos até agora, com a maior civilidade. Nos últimos tempos, entretanto, verificou-se apreciável mudança: os navios são detidos ao mais insignificante pretexto, e as pessoas a êle pertencentes são insultadas e oprimidas. Tôdas as modalidades de comércio vêem-se agora estritamente proibidas em quaisquer portos. Na verdade, difficilmente entra um navio sem que realize algumas vendas de contrabando, pois as próprias pessoas nomeadas para impedi-lo são contrabandistas, conforme observei na *Introdução*. Tôdas as compras têm de ser feitas a dinheiro, e enquanto não forem pagas, não pode o navio sair do pôrto. Dêsse modo, os navios que estiverem desprevenidos

nesse particular, encontram-se, freqüentemente, em situação muito embaraçosa, porquanto é extremamente difícil obter o pagamento de faturas em dinheiro, e jamais isso é possível sem conceder-se um desconto de 20% e que muitas vêzes chega a ser de 25%.

Como o câmbio e a moeda do Brasil são muito complexos para o viajante sem prática, junto uma tabela simples sôbre cada qual, tomando por base que o *real*, imaginário, seja utilizado tanto no Brasil quanto em Portugal, e sendo a tabela de câmbio calculada à taxa de sessenta e sete e meio dinheiros, ou cinco xelins e sete e meio dinheiros por mil réis, embora seja ela atualmente muito mais baixa na Europa, estando o câmbio a sessenta e dois, pois varia como o de todos os outros países, subindo e baixando conforme a natureza dos acontecimentos políticos e comerciais.

TABELA DE CAMBIO

<i>Réis</i>	£	s	d	<i>Réis</i>	£	s	d
10	0	0	0 ⁵ / ₈	4.000	1	2	6
20	0	0	1 ³ / ₈	5.000	1	8	1 ¹ / ₂
50	0	0	3 ³ / ₈	6.000	1	13	9
100	0	0	6 ³ / ₄	7.000	1	19	4 ¹ / ₂
200	0	1	1 ¹ / ₂	8.000	2	5	0
300	0	1	8 ¹ / ₂	9.000	2	10	7
400	0	2	3	10.000	2	16	3
500	0	2	9 ³ / ₄	20.000	5	12	6
600	0	3	4 ¹ / ₂	30.000	8	8	9
700	0	3	11 ¹ / ₄	40.000	11	5	0
800	0	4	6	50.000	14	1	3
900	0	4	6	100.000 ⁽²⁾	28	2	6
1.000 ⁽¹⁾	0	5	7 ¹ / ₂	500.000	140	12	6
2.000	0	11	3	1.000.000 ⁽³⁾	281	5	0
3.000	0	16	10 ¹ / ₂				

(1) Ler "mil réis". N. A.

(2) "Cem mil réis". N. A.

(3) "Um conto de réis, ou um milhão". N. A.

£	s	d	Réis	£	s	d	Réis
1.000	0	0	3.556.000	6	0	0	21.336
500	0	0	1.778.000	5	0	0	17.780
400	0	0	1.422.400	4	0	0	14.224
300	0	0	1.066.800	3	0	0	10.668
200	0	0	711.200	2	0	0	7.112
100	0	0	355.600	1	0	0	3.556
50	0	0	177.800	0	10	0	1.778
40	0	0	142.240	0	5	0	889
30	0	0	106.680	0	4	0	711
20	0	0	71.120	0	3	0	533
10	0	0	35.560	0	2	0	356
9	0	0	32.004	0	1	6	178
8	0	0	28.448	0	0	6	89
7	0	0	24.892	00	0	1	15

Vê-se, pois, que o imaginário *real* português é empregado meramente para exprimir quantias em números redondos, ao passo que nós utilizamos três elementos ou algarismos para êsse fim, a saber: libras, xelins e dinheiros.

TABELA DAS MOEDAS

Ouro

				£	s	d
Um dobrão	ou 40 patacas	ou	12\$800	3	12	0
Meio dobrão	ou 20 patacas	ou	6\$400	1	16	0
Moeda de	12 ¹ / ₂ patacas	ou	4\$000	1	12	0
Moeda de	6 ¹ / ₄ patacas	ou	2\$000	0	11	3
Moeda de	3 patacas e 2 vinténs		1\$000	0	5	7 ¹ / ₂

Prata

Duas patacas	ou 16 vinténs	ou	\$640	0	3	7 ¹ / ₄
Uma pataca	ou 8 vinténs	ou	\$320	0	1	9 ¹ / ₈
Meia pataca	ou 4 vinténs	ou	\$160	0	0	11

Cobre

Dois vinténs	ou	\$040	0	0	2 ³ / ₄
Um vintém	ou	\$020	0	0	1 ³ / ₈

O dólar espanhol circula universalmente no Brasil; mas, por um costume singular, se fôr pago por estrangeiros, passa de 740 réis (4 s 5/8 d) a 750 réis (4 s 2 1/2 d) somente, ao passo que seu valor, se recebido dos portugueses, é estimado em 800 réis, ou 4 s 6 d. A diferença representa um prejuízo de 10% para os estrangeiros.

São as seguintes as taxas portuárias no Brasil, por navio de quaisquer dimensões, exceto os vasos de guerra e os barcos do rei:

EM PERNAMBUCO OU NA BAHIA

	<i>Réis</i>	£	<i>s</i>	<i>d</i>
Pilotagem para entrada e saída..	7\$000	1	19	4 1/2
Entrada e saída dos portos.....	4\$000	1	2	6
Ancoragem, taxa diária.....	2\$000	0	11	3
Patrão-mor ou mestre-do-pôrto, taxa diária.....	1\$000	0	5	7 1/2
Intérprete (total).....	2\$000	0	11	3
Seis guardas aduaneiros, a três pa- tacas por dia cada um, alimen- tados à sua custa enquanto esti- verem a bordo.....	5\$760	1	12	5
Guarda-mor do fumo (total).....	3\$200	0	18	0
Guarda-mor da Alfândega.....	1\$280	0	7	2
Total das primeiras despesas....	17\$480			
Despesas adicionais diárias.....	8\$760			

NO RIO DE JANEIRO

	<i>Réis</i>	£	<i>s</i>	<i>d</i>
Entrada e saída, incluindo pilo- tagem.....	25\$600	7	4	0
Intérprete (taxa diária).....	1\$000	0	5	7 1/2
Ancoragem, idem.....	1\$000	0	5	7 1/2
Dois guardas, idem.....	1\$920	0	10	9 1/2
Primeiras despesas.....	25\$600	7	4	0
Despesas diárias.....	3\$920	1	2	0 1/2

Essas taxas são enormes, mas têm de ser pagas. Registrei o caso de um certo capitão Isbister, o qual, após muitos esforços, conseguiu a redução de uma pataca sôbre as três pagas diariamente a cada guarda. Mas o governador da Bahia declarou, posteriormente, que não haveria segundo exemplo de tal abatimento, e a cobrança primitiva foi restaurada.

O pagamento d'esses e outros pesados impostos* tem ocasionado freqüentes e muito desagradáveis discussões entre os capitães de navios e as autoridades do lugar em que ancoram.

Infelizmente para o nosso comércio, não são encontrados cónsules residentes ou até mesmo comerciantes inglêses, em tôda a costa do Brasil, que decidam e mitiguem as coisas nessas ocasiões. Dêste modo, o estrangeiro indefeso fica inteiramente à mercê da insolência das autoridades e das exigências peremptórias de um govêrno tirânico.

Por volta do ano de 1653, foi assinado um tratado entre Olivério Cromwell e D. João iv (outrora Duque de Bragança), que acabara de subir ao trono de Portugal, estipulando que deveriam ajudar-se mutuamente contra os holandeses, e tentar particularmente sua expulsão das colônias brasileiras. Entre outras cláusulas foi também acordado que seria permitido à nação inglêsa enviar quatro cónsules ou residentes ao Brasil para proteção e apoio dos navios inglêses que tocassem nessa colônia**. No entanto, os podêres conferidos por essas cláusulas nunca foram applicados: o privilégio, embora exista, está se tornando obsoleto pelo desuso.

O trabalho dos operários, a madeira e outros artigos para o reparo de navios são muito mais baratos na Bahia e em Pernambuco do que no Rio de Janeiro. Atualmente, porém, só a muito custo pode ser obtida permissão para efetuar tais reparos, e apenas em casos de evidente e absoluta necessidade. Para êsse fim, deve sempre ser feito um requerimento ao intendente de Mariinha do pôrto, o qual determina, por vêzes, seja realizada uma inspeção (que difere da visita) e ordena a

(*) Tais como os direitos aduaneiros, quando existia permissão para isso, permitiam-se vendas para pagamento das despesas, vistoria de inspeção de navios, etc.

(**) Devo essa informação a J. Warr, cónsul no Pôrto.

execução dos trabalhos necessários, o que é feito pelos estaleiros reais. Eu aconselharia a todos os capitães que evitassem tal coisa, se possível, e obtivessem licença para conseguir a colaboração de construtores navais particulares, capazes de executar as obras com muita rapidez e pela metade do preço. Em nenhuma parte do mundo a calafetação é mais bem feita do que no Brasil. Em seus próprios navios, os brasileiros usam uma ótima casca fibrosa, que resiste ao apodrecimento, dizem êles, sendo superior à estopa.

Recomendo com o maior empenho aos capitães, comissários e particulares, que tratem, êles próprios, de seus negócios, confiando o menos possível em intérpretes e terceiros, para suas compras, etc., porque êstes intermediários certamente fazem dos priuneiros suas vítimas, em maior ou menor escala.

Concluirei meu trabalho, com uma tábua correta das latitudes e longitudes dos portos brasileiros, do Equador ao Rio da Prata, inclusive. Obtive-as de exatas cartas portuguesas manuscritas, após novas investigações; são tanto mais necessárias porquanto nossos mapas da costa e nossas tábuas de latitudes e longitudes são, de modo geral, muito deficientes.

Tive oportunidade de julgar a exatidão de várias dessas latitudes e longitudes, por meio de diversas observações lunares, etc., e verifiquei serem perfeitamente verdadeiras. A cidade de Belém é quase universalmente situada com êrro, estando assinalado, em vários de nossos mapas e cartas, um rio imaginário, a leste do Amazonas, sob o nome de Pará. Na realidade, trata-se do mesmo Rio Amazonas, sendo Pará o seu nome nativo.

Finalmente devo observar, em benefício dos navegantes inexperientes, que os ventos, durante nove meses por ano, a partir do Cabo de Sto. Agostinho, sopram principalmente em direção ao nordeste, de manhã, e mudam para noroeste, durante a tarde e a noite. Isso vai pouco a pouco se modificando, ao longo do litoral, até que, no Rio de Janeiro e no Rio da Prata, êles se tornam uma brisa regular, que sopra da terra desde o anoitecer até o amanhecer, e em sentido contrário, durante todo o dia. Nos três meses tempestuosos, isto é, de

TABUA DE LATITUDES E LONGITUDES

	D.	M.	S.	D.	M.	S.	
Cidade do Belém. [<i>Belém</i>] no rio Grão-Pará ou Amazonas.....	1	30	0	48	30	0	
Ponta de Tigioca [<i>Tygioca</i>].....	0	27	0	48	8	0	
Vila de Cacté.....	0	36	0	46	50	0	
Ilha de São João Evangelista.....	1	17	0	44	14	0	
Ilha do Maranhão.....	2	32	0	43	40	0	
Rio Parnaíba.....	2	40	0	41	20	0	
Ceará [<i>Sterá</i>].....	3	31	0	38	23	0	
Cabo de São Roque.....	5	7	0	36	15	0	
Rio Grande.....	5	17	0	35	30	0	
Barra do Rio Paraíba do Norte.....	6	40	0	35	30	0	
Cidade de Olinda.....	8	2	0	35	15	0	
Recife, ou porto de Olinda e Pernambuco.	8	14	0	35	15	0	
Cabo de Sto. Agostinho.....	8	20	0	35	15	0	
Porto e Vila de Alagoas.....	9	55	0	36	41	0	
Rio São Francisco do Norte.....	10	58	0	37	0	0	
Rio Real.....	11	38	0	37	40	3	
Bahia ou São Salvador [<i>Saladore</i>].....	13	0	0	39	25	0	
Morro de São Paulo.....	13	30	0	39	55	0	
Ponta dos Castelhanos [<i>Castellhanos</i>].....	14	0	0	40	0	0	
Os Ilhéus.....	14	45	0	40	7	0	
Porta Seguro.....	16	40	0	40	12	0	
Rio Caravelas [<i>Caravelos</i>].....	18	0	0	40	22	0	
Banco dos Abrolhos.....	18	0	0	38	50	0	
Rio Doce.....	19	33	0	40	26	0	
Espírito Santo.....	20	13	0	40	30	0	
Paraíba do Sul ou Campos.....	21	37	0	40	38	0	
Cabo de São Tomé.....	21	51	0	40	49	0	
Cabo Frio.....	22	54	0	41	35	0	
Rio de Janeiro.....	22	54	10	42	39	45	
Ilha Grande.....	23	22	0	43	30	0	
Ilha de São Sebastião.....	23	45	0	44	28	0	
Santos.....	24	0	0	45	16	0	
Iguapé.....	24	34	0	46	0	0	
Cannuía.....	24	58	0	47	7	0	
Tapacoera.....	26	44	0	47	39	0	
Rio São Francisco do Sul.....	26	0	0	47	42	0	
Enseada das Garoupas.....	27	10	0	47	47	0	
Ilha de Sta. Catarina.....	27	40	0	{ Pta. Norte	47	36	0
				{ Pta. Sul	47	43	0
Rio da Lagoa ou Grande.....	28	46	0	47	46	0	
Araranguá.....	29	11	0	48	5	0	
Ponto imediatamente ao norte do Rio da Prata, ou Punta del Leste, também entrada de Maldonado.....	34	57	30	54	43	30	
Ilha dos Lóbos.....	35	1	0	{ Pta. Leste	54	31	30
				{ Pta. Oeste	54	35	0
Banco do Inglês { Pta. Norte.....	35	10	0	{ Pta. Leste	55	40	45
				{ Pta. Sul.....	55	46	15
Montevideu.....	34	55	0	56	4	0	
Buenos Aires.....	34	37	0	58	13	0	
Porto ao Sul do Rio da Prata, ou Santo Antônio.....	36	23	0	56	32	30	

fins de fevereiro até maio, o vento é geralmente do sul, sendo muito fresco e por vêzes borrascoso, quando sopra do sudoeste.

Uma forte corrente se observa em direção ao sul, a partir do Cabo de Sto. Agostinho, começando em meados de outubro e perdurando até janeiro. Depois dessa época, não há mais corrente até abril, quando começa a fazer-se observar uma forte corrente em direção ao norte, até julho, a qual desaparece, então, da mesma maneira.

* * *

Cópia de uma ordem de prisão, contra mim e minha mulher, baixada pelo governador-geral da Bahia:

“O Cap^m do Fortaleza do Mar, Jozé Joaquin-Velozo; recebeu debaixo de prisão, o Thomaz Lindley e a sua mulher; os quais conservara na mesma prisão, com toda e cautela e vigilancia, do fim de se não communicarem com pessoa alguma ficando na intelligencia, de que, os não soltera della, sem possitiva ordem minha por escrito. Bahia, 28 de Septembro, 1802.

(Assignado) F. C. M.”*

(*) Ou Francisco da Cunha Meneses. É costume, no Brasil por toda parte, as autoridades assinares somente com suas iniciais.